



Interativa

Comunicação e Expressão

Autor: Ana Lúcia Machado da Silva

Colaboradores: Cielo Festino

Joana Ormundo

Tania Sandroni

Apresentação

Ana Lúcia Machado da Silva é mestre em língua portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e especialista em língua portuguesa pela mesma instituição. Foi professora do ensino básico em rede pública e privada da disciplina Língua Portuguesa durante quase vinte anos. Ministra aulas de Análise do Discurso, Semântica e Pragmática, entre outras, no curso de graduação em Letras pela Universidade Paulista. Ministra também aulas em módulos para cursos de *lato sensu* pela UNIP e Faculdade Atibaia.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586c	Silva, Ana Lúcia Machado da
	Comunicação e Expressão. / Ana Lúcia Machado da Silva. - São Paulo: Editora Sol, 2011.
	00 p., il.
	Notas: este volume está publicado nos Cadernos de Estudos e Pesquisas da UNIP, Série Didática, ano XVII, n. 2-035/11, ISSN 1517-9230.
	1. Comunicação 2. Contexto 3. Textos Acadêmicos I.Título
	CDU 801

Prof. Dr. João Carlos Di Genio
Reitor

Prof. Fábio Romeu de Carvalho
Vice-Reitor de Planejamento, Administração e Finanças

Profa. Melânia Dalla Torre
Vice-Reitora de Unidades Universitárias

Prof. Dr. Yugo Okida
Vice-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Profa. Dra. Marília Ancona-Lopez
Vice-Reitora de Graduação

Unip Interativa – EaD

Profa. Elisabete Brihy

Prof. Marcelo Souza

Profa. Melissa Larrabure

Material Didático – EaD

Comissão editorial:

Dra. Angélica L. Carlini (UNIP)
Dr. Cid Santos Gesteira (UFBA)
Dra. Divane Alves da Silva (UNIP)
Dr. Ivan Dias da Motta (CESUMAR)
Dra. Kátia Mosorov Alonso (UFMT)
Dra. Valéria de Carvalho (UNIP)

Apoio:

Profa. Cláudia Regina Baptista – EaD
Profa. Betisa Malaman – Comissão de Qualificação e Avaliação de Cursos

Projeto gráfico:

Prof. Alexandre Ponzetto

Revisão:

Leandro Freitas



Sumário

Comunicação e Expressão

APRESENTAÇÃO7

INTRODUÇÃO7

Unidade I

1 TEXTO E CONTEXTO9

2 CONHECIMENTO LINGUÍSTICO28

2.1 Conhecimento lexical33

2.2 Conhecimento fonético/fonológico45

3 CONHECIMENTO LINGUÍSTICO56

3.1 Conhecimento morfológico56

3.2 Conhecimento sintático71

3.3 Conhecimento semântico76

4 CONHECIMENTOS DE MUNDO E INTERACIONAL90

Unidade II

5 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO TEXTO117

6 INTERTEXTUALIDADE128

7 INFORMAÇÕES IMPLÍCITAS E ALTERAÇÃO NO SENTIDO153

7.1 Pressuposto e subentendido153

7.1 Metáfora e metonímia156

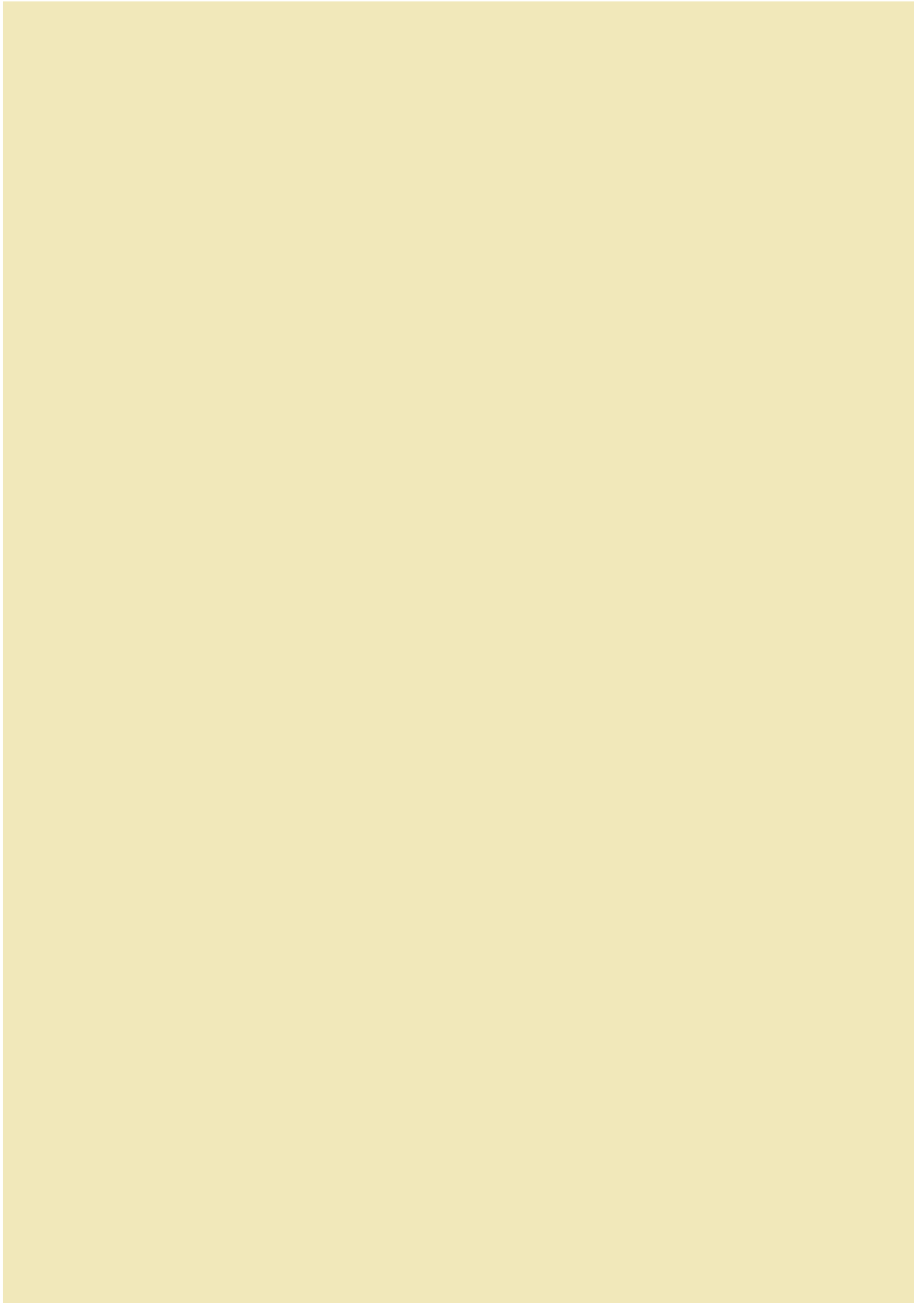
7.3 Procedimentos argumentativos161

8 GÊNEROS DISCURSIVOS OPINATIVOS E INFORMATIVOS172

8.1 Artigo de opinião172

8.2 Resenha184

8.3. Divulgação científica191



APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Quando falamos em comunicação, a abrangência é ilimitada. Na interação humana, a comunicação pode ser realizada por meio de um simples gesto, ou até por meio da complexidade de um texto científico escrito. Dois conhecidos se encontram na rua, cada um de um lado dela, e o meio mais fácil de cumprimento acaba se tornando o gestual: ambas as pessoas, então, levantam a mão e a gesticulam de forma típica. Uma mãe, preocupada com o atraso da filha, liga e elas conversam, ou seja, comunicam-se por meio da língua portuguesa.

Dado o alcance da comunicação e de suas formas de expressão, os objetivos gerais da disciplina *Comunicação e Expressão* são: ampliar os conhecimentos e vivências de comunicação e de novas leituras do mundo, por meio da relação texto/contexto; propiciar a compreensão e valorização das linguagens utilizadas nas sociedades atuais e de seu papel na produção de conhecimento; vivenciar processos específicos da linguagem e produção textual: ouvir e falar; ler e escrever – como veículos de integração social; e desenvolver recursos para utilizar a língua, por meio de textos orais e escritos, não apenas como veículo de comunicação, mas como ação e interação social.

Quanto aos objetivos específicos, pretendemos desenvolver: o universo linguístico do aluno, incorporando recursos de comunicação oral e escrita; a capacidade de leitura e redação, a partir da análise e criação de textos; o pensamento analítico e crítico, estabelecendo associações e correlações de conhecimentos e experiências; seus recursos pessoais para identificação, criação, seleção e organização de ideias na expressão oral e escrita; a atitude de respeito ao desafio que constitui a interpretação e construção de um texto.

INTRODUÇÃO

A comunicação relaciona-se com a linguagem, em particular com a linguagem verbal, ou seja, a língua, sendo que, no caso do Brasil, a língua portuguesa. Sobre a linguagem verbal, como esclarece Bacega (1998, p. 22), "só o código linguístico, a palavra, possui a condição de penetrar todos os campos, de se fazer presente em todos os domínios, de interpretá-los, inter-relacionando-os e facultando, portanto, as mudanças".

A comunicação é um processo de elaboração do real, do vivido, nas inter-relações entre os indivíduos, ambos construindo os valores da sociedade, cujo resultado aparece manifestado na expressão: produção e leitura do produto cultural – o texto.

Assim, unimos comunicação e expressão por meio do texto. Esperamos de você, caro aluno, aptidão para ler e produzir textos de forma eficiente, aliando o conhecimento da língua à formação do indivíduo crítico, consciente e participativo do processo de transformação social.

O mundo é efeito da linguagem e a linguagem verbal influencia nosso modo de percepção da realidade. Mais, todo texto tem uma intencionalidade e precisamos conhecer os mecanismos que a sustentam. Ao dialogar com o outro, desvelamos a sua intenção.

Enfim, por meio da linguagem, construímos ou desconstruímos todo um universo. Para isso, precisamos ser leitores dos textos que estão a nossa volta e poder avaliar criticamente o mundo, interagindo e deixando marcas de transformações.

Convido-o, caro aluno, à leitura do poema "Quadrilha da sujeira", do poeta Ricardo Azevedo:

Quadrilha da sujeira

João joga um palitinho de sorvete na
rua de Teresa que joga uma latinha de
refrigerante na rua de Raimundo que
joga um saquinho plástico na rua de
Joaquim que joga uma garrafinha
velha na rua de Lili.
Lili joga um pedacinho de isopor na
rua de João que joga uma embalagenzinha
de não sei o que na rua de Teresa que
joga um lencinho de papel na rua de
Raimundo que joga uma tampinha de
refrigerante na rua de Joaquim que joga
um papelzinho de bala na rua de J. Pinto
Fernandes que ainda nem tinha
entrado na história.
(AZEVEDO, 2007).

Você tem a impressão de que já conhece o texto "Quadrilha da sujeira"? Deixo para você uma situação-problema, que pode ser respondida à medida que você for lendo este livro-texto.

Situação-problema:

- Por que "Quadrilha da sujeira" é considerado um texto?
- Quando lemos "Quadrilha da sujeira", temos a impressão ou a certeza de que já o conhecemos, contudo com outra "cara". Você sabe com qual outro texto "Quadrilha da sujeira" faz intertexto (referência)? Na relação com outro texto, houve manutenção ou mudança em relação à estrutura (forma como está montado o texto) e ao tema?
- Relacionando o texto "Quadrilha da sujeira" ao contexto atual de nosso sistema de vida, qual é a intencionalidade do autor? O que ele espera de nós, leitores, por meio desse texto?
- A nossa leitura é possível porque conhecemos a língua portuguesa e sabemos que existe nela, por exemplo, diminutivo. No texto, há palavras no diminutivo: "palitinho", "garrafinha" etc. O diminutivo, no entanto, não indica tamanho reduzido das coisas. O que está subentendido no emprego do diminutivo no texto?

Boa leitura do nosso livro-texto e desejo a você ótimo aproveitamento dele.

Unidade I

1 TEXTO E CONTEXTO

Caro aluno, considere as duas ocorrências a seguir. A primeira delas é a disposição das letras M H no teclado do computador e na atividade de alfabetização de uma criança. A segunda é o alinhamento das letras M H cada uma delas em uma porta no interior do restaurante.

Dadas as ocorrências, em qual delas nós temos uma situação verdadeira de comunicação?

Com certeza, você precisou apenas de um segundo para responder que a segunda situação forma um contexto comunicativo. Afinal, qualquer brasileiro (ou conhecedor da nossa cultura) identificará as letras alinhadas em portas distintas em um restaurante como indicadoras de banheiros, respectivamente, (M) para mulheres e (H) para homens. Temos, portanto, uma situação comunicativa, cujo sentido depende do contexto específico e da interação entre os interlocutores; no caso, o dono do restaurante que escolheu tal forma para indicar o banheiro e o cliente do restaurante, usuário do banheiro. Podemos considerar, então, que as letras M e H formam um texto.

Vejamos outro caso. Já parou para pensar em cédulas; isso mesmo, no nosso dinheiro em forma de papel? Será que também nela se constitui um texto e, por conseguinte, uma situação de comunicação? Destaco duas cédulas, de épocas diferentes.



Figura 1

É uma cédula brasileira de 1932. Nela nós encontramos as seguintes informações:

"Thesouro do Estado de S. Paulo, Brazil
Pró-Constituição – Domingos Jorge Velho
Cinco mil reis

O portador deste receberá no Thesouro do Estado de S. Paulo a quantia de 5\$000 (cinco mil reis) de acordo com o Decreto nº 5585 de 14 de julho de 1932."

Você se lembra da cédula de dez reais comemorativa? Ela foi lançada em 2000 em homenagem ao aniversário do país.



Figura 2

Nessa cédula, temos as seguintes informações:

"Dez reais
Brasil 1500 – 2000
Banco Central do Brasil
Pedro Álvares Cabral"

As cédulas têm especificações em comum, como a nacionalidade, o nome da moeda em vigor e o valor de sua nota. Relacionadas ao mundo financeiro e de negociações, é mediadora na interação entre os parceiros. Podemos considerar as cédulas um texto, porque cada uma é uma unidade de sentido com linguagem e permite aos indivíduos a comunicação. Ressalto, porém, que dependendo da situação comunicativa, a cédula adquire um sentido textual.

Apenas para exemplificar. A cédula como recurso de compra e venda de um produto torna-se, na situação, um papel-moeda, cujo valor é o aspecto mais importante para vendedor e comprador. Para estes, não importa se a cédula é deste ano ou foi feita dez anos atrás; se nela consta ou não o nome de alguma personalidade histórica brasileira etc.

Já para dois numismatas, as cédulas acima assumem o sentido textual de estudo ou de coleção. Nesse caso, os interlocutores discutem a época em que as cédulas foram criadas, a relevância para o

mercado de colecionadores, o estado de conservação delas e o valor no mercado. Por ser recente, a cédula de 10 reais seria desconsiderada, talvez, pelos estudiosos; resta a cédula anterior, cujo valor atual seria discutido entre os colecionadores.

As cédulas adquirem outro sentido para historiadores ou linguistas. A cédula como documento histórico reflete dois momentos do país. Na cédula de 1932, há a expressão "Pró-Constituição", que leva os historiadores a relacioná-la à Revolução Constitucionalista, ocorrida durante o governo de Getúlio Vargas em 9 de julho do mesmo ano. A cédula demonstra tanto a mudança no país com a Constituição (re)criada, quanto a aceitação dessa mudança por parte de um grupo sociopolítico. Na cédula de 2000, por sua vez, os historiadores podem verificar que serviu para comemorar o aniversário do descobrimento do Brasil. Ela, assim, reflete um posicionamento ideológico e político, porque mostra o país a partir do colonizador, desconsiderando o povo indígena e sua história, ou seja, é como se o país passasse a existir apenas com a presença dos colonizadores. Nesse sentido, ambas as cédulas exemplificadas reforçam a história dos heróis, das grandes personalidades do país, não atendendo à concepção crítica atual de que podemos também tratar sobre pessoas comuns. Afinal, nas duas cédulas, há retrato de duas personalidades: Domingos Jorge Velho, bandeirante, explorador do país e caçador e matador de índios; Pedro Álvares Cabral, considerado símbolo do descobrimento do Brasil, fato que deu início à dizimação indígena.



Saiba mais

A história tradicional, ou história vista de cima, interpreta a história por meio de grandes fatos ou personalidades de destaque do país. Diferentemente desse paradigma, a nova história, ou história vista de baixo, preocupa-se com as pessoas comuns e fatos ocorridos com a colaboração do povo. Para saber mais, indico a obra *A escrita da história*, de Peter Burke, em especial o capítulo A história vista de baixo.

BURKE, P(Org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

Para fechar nossos exemplos, falaremos sobre charge.

Charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas. A palavra é de origem francesa e significa *carga*, ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco. Muito utilizadas em críticas políticas no Brasil. Apesar de ser confundido com cartoon (ou cartum), que é uma palavra de origem inglesa, é considerado como algo totalmente diferente, pois ao contrário da charge, que sempre é uma crítica contundente, o cartoon retrata situações mais corriqueiras do dia a dia da sociedade. Mais do que um simples desenho, a charge é uma crítica político-social onde o artista expressa graficamente sua visão sobre

determinadas situações cotidianas através do humor e da sátira (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Charge>).

Uma pessoa querendo saber sobre charge pode encontrar na internet, no site Wikipédia, as informações acima. O autor explica o que é charge, sua função comunicativa, compara-a com o cartum. Devido à estrutura tradicional, com palavras, orações completas, parágrafo, bem como à coerência e à pertinência do assunto, reconhecemos nessas informações e como elas são formalizadas um texto e ninguém contrariaria nossa afirmação.

Enfim, podemos concluir que texto constitui-se de uma letra, uma frase ou conjunto de período. O texto não precisa ser grande, como diz Antunes (2010); pode ter qualquer extensão, desde que seja um todo unificado e cumpra uma função comunicativa.

Exemplo de aplicação

Em situação de comunicação, o que falamos/ouvimos e escrevemos/lemos são sempre textos. Façamos uma amostra.

Amostra:

A - Textos ouvidos:

1. Faça um comentário sobre uma notícia ouvida pelo rádio ou televisão ontem à noite ou hoje de manhã.

2. Tente fazer um resumo de uma conversa (depende do local onde você esteja neste momento, pode ser entre colegas, familiares, ou mesmo pessoas desconhecidas) ouvida por você.

B – Textos falados:

3. Quando foi sua última conversa com seu pai ou sua mãe? Lembra-se do assunto da conversa?

4. Você já participou de palestra, congresso ou outro evento acadêmico? Se sim, qual foi o assunto escolhido por você?

C – Textos lidos:

5. Tente se lembrar da última história de ficção lida por você. Conte-nos um pouquinho sobre como ela é.

6. Gosta de cozinhar? Fazer experiências malucas culinárias? Qual foi a última receita consultada por você?

D – Textos escritos:

7. Escreva aqui um recado para ser deixado para seu (sua) companheiro(a), lembrando-o(a) de um encontro (passeio etc.) combinado previamente.

8. Você já sabe o que pesquisará para o TCC (aquele trabalho de conclusão de curso)? Qual é a sua preferência quanto ao assunto?

Deve ter faltado espaço para tantas produções. As notícias lidas ou ouvidas são texto; aquelas conversas, de que fazemos ou não parte, são um texto; o que o palestrante diz é um texto; os poemas, os contos etc. são textos; enfim, estamos rodeados de textos, uma vez que, repetindo: quando falamos, ouvimos, lemos e escrevemos, produzimos textos. Por isso, texto é:

Quadro 1

Ouvido	Você ouve conversas ocorridas entre duas ou mais pessoas; noticiários ouvidos pelas rádios ou televisão; palestras; discursos em época de eleição; letras de música; entre tantos outros textos.
Falado	Você produz textos falados, quando participa de conversas (entre você e outra(s) pessoa(s)); uma aula que você ministra (caso seja professor(a)); apresentação de um tópico em reunião de trabalho; uma declaração de amor; entre tantos outros textos.
Lido	Você lê textos escritos: notícias, horóscopos, carta do leitor, editorial em revista ou jornal; romances, contos, poemas etc. em livros impressos; email, Orkut e outros textos virtuais; recados, bilhetes, receitas, bula e outros do cotidiano.
Escrito	Você escreve bilhetes, recados e outros do cotidiano; email, cartas comerciais, memorandos, relatórios e outros possíveis de trabalho; talvez poemas, contos, crônicas do mundo da literatura; e outros, conforme a necessidade e vontade.

Em resumo, quando queremos nos comunicar, recorremos ao texto e, por meio dele, nos expressamos. Assim, o texto é expressão. Além disso, porque em cada situação comunicativa nós temos um propósito, o texto exerce uma função, isto é, tem uma serventia. A notícia serve para informar um fato recente e relevante à sociedade; um recado, para lembrar ou pedir algo combinado; uma receita culinária, para orientar; e assim por diante. Como exemplifica Antunes (2010, p. 34-5):

O absolutamente evidente é que falamos sempre em um lugar, onde acontece determinado evento social, e com a finalidade de, intervindo na condução desse evento, executar qualquer ato de linguagem: expor, defender ou refutar um ponto de vista, fazer um comentário, dar uma justificativa, uma ordem, fazer o relato de um fato, convencer, expressar um sentimento, apresentar um plano, uma pessoa, um lugar, fazer uma proposta, ressaltar as qualidades de um produto, pedir ou oferecer ajuda, fazer um desabafo, defender-se, protestar, reivindicar, dar um parecer, sintetizar uma ideia, expor uma teoria; enfim, *fazemos o dia todo e todos os dias, inúmeras ações de linguagem, cada uma, parte constitutiva de uma situação social qualquer.*

Todo texto é instituído de intenção, uma vez que recorremos a ele com um objetivo específico. Produzimos – fala, escrita – com a intenção de fazer algo e o sucesso da comunicação está na identificação dessa intenção por parte do interlocutor (o outro, com quem falamos ou para quem escrevemos). No percurso da interação – entre nós e o outro – damos instrução necessária para que o outro faça, com eficácia, essa identificação. Consequentemente, todo texto é expressão de atividade social e comunicativa, não existindo fora das inter-relações pessoais. Qualquer texto está ancorado em um contexto social concreto.

O texto, como expressão de uma atividade social de comunicação, envolve um parceiro, um interlocutor, porque construímos nossa expressão com o outro, a dois. Esforçamo-nos, sem ter muita

consciência disso, para o texto ser relevante, supondo ser da necessidade, do interesse ou do gosto do outro. Na concepção de Antunes (2010), o texto é construído como uma resposta ao que supomos ser a pergunta do outro.

A estudiosa brasileira Koch, em sua obra sobre texto, defende a posição de que:

- a. a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividade;
- b. trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal;
- c. é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual (KOCH, 1998, p. 22).

Outro aspecto importante sobre o texto é o tema, ou seja, o núcleo semântico, que dá ao texto continuidade e unidade. O texto não é um conjunto aleatório de palavras ou de frases; ao contrário, é composto de sentenças interconectadas. O texto depende, também, de situações fora da língua, como o contexto, o objetivo do produtor, do interlocutor etc.

Podemos dizer que o texto se constrói com base em uma interação comunicativa, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma rede de fatores de ordem situacional, sociocultural e interacional, capazes de construir determinado sentido. Desse modo, o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele. Conforme Roncarati (2010, p. 48) "o sentido é uma construção sociointeracional, pois só surge após colaboração entre leitor e texto".

Partindo do pressuposto de que um texto não é uma mera soma de frases, o que o diferencia de um não texto é a sua textualidade, que se manifesta em diferentes graus. Os sete fatores de textualidade são:

1. a coesão: a relação de encadeamento de partes e de unidades;
2. a coerência: o sentido atribuído por um interlocutor;
3. a intencionalidade: o que o autor quer do leitor;
4. a aceitabilidade: o que o leitor espera;
5. a informatividade: os dados novos;
6. a situacionalidade: os atores e o lugar da comunicação e
7. a intertextualidade: a referência a outros textos.

Enquanto a coesão e a coerência formam os fatores linguísticos da textualidade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade formam os fatores pragmáticos.

A organização interna do texto envolve dois fatores: a coerência no aspecto semântico; e a coesão, no aspecto formal. A coesão faz referência às ligações que se estabelecem entre os elementos da superfície textual: organização das frases, períodos e parágrafos do texto, tendo influência na organização das ideias.

Coesão é o processo de encadeamento das ideias no texto, por meio de elementos gramaticais (conectivos) que estabelecem esse nexo entre as ideias. Diferente do processo de coerência, a coesão dispõe de marcas linguísticas de referência, substituição, repetição etc.

Platão e Fiorin (2001) apresentam uma classificação dos mecanismos de coesão segundo a função dos conectivos envolvidos. Retomada de termos, ou antecipação e encadeamento de segmentos no texto são os mecanismos utilizados quando é necessário retomar algo que já foi dito. Os termos que retomam o dito se chamam anafóricos. Por exemplo: *As crianças são o espelho de uma educação. **Elas** nos oferecem os parâmetros para uma reflexão social.* O pronome pessoal "elas" é um anafórico, pois retoma crianças.

Os termos catafóricos antecipam ou anunciam um fato ainda por ser apresentado. Por exemplo: *O professor disse **isto**: vale a pena pesquisar os estudos da linguística textual.* O pronome demonstrativo "isto" anuncia a informação seguinte.

O encadeamento de segmentos textuais é feito por conectivos responsáveis pelas relações lógicas de causa, finalidade, conclusão, contradição, condição etc. As conjunções ou locuções conjuntivas estabelecem essas relações. Veja um exemplo para uma delas: *A crise econômica é uma realidade, **mas** a economia do Brasil continua aquecida.* A conjunção "mas" estabelece uma relação lógica de contradição entre as ideias apresentadas no enunciado, uma vez que a crise, pressupostamente, deveria mexer com a economia do país.

Quanto ao processo de desenvolvimento de um texto, os conectivos determinam os seguintes processos lógicos:

- gradação: é marcada por uma direção dos argumentos para uma determinada conclusão. O argumento mais forte será enfatizado por conectivos do tipo: *até mesmo, inclusive, no mínimo* etc. Por exemplo: *Todos os brasileiros estão preocupados com a crise econômica, **inclusive** os jovens que ainda aguardam uma oportunidade de emprego;*
- conjunção argumentativa: determina uma relação lógica em que os conectivos devem ligar argumentos em favor de uma mesma conclusão. Utilizam-se conectivos do tipo *e, também, ainda, mas também, além disso* etc. Por exemplo: *Uma série de questionamentos fazem parte das discussões sobre a política de preservação do meio ambiente em nosso país. Muito se discute, mas pouco se propõe. **Além disso**, é repugnante observar como alguns governantes enriquecem por conta do desmatamento na Amazônia;*

- disjunção argumentativa: determina uma relação lógica em que os conectivos enfatizam conclusões opostas. Utilizam-se conectivos como *ou*, *ou então*, *caso contrário* etc. Por exemplo: *É preciso reconhecer a urgência de uma política para a preservação do meio ambiente, **caso contrário**, problemas como o desmatamento se agravarão*;
- conclusão: estabelecida entre dois enunciados. Utilizam-se conectivos do tipo *logo*, *portanto*, *pois* etc. Por exemplo: *O meio ambiente é uma questão mundial, **portanto** é imprescindível que o país tenha uma política para a sua preservação*;
- explicação ou justificativa sobre a informação anunciada. Utilizam-se conectivos como *porque*, *já que*, *pois* etc. Por exemplo: *A preservação do meio ambiente é condição para a sobrevivência das próximas gerações, **porque** garantirá o uso de elementos de primeira necessidade como a água*;
- contrajunção: é a relação lógica marcada pela contraposição entre as ideias. Utilizam-se conectivos do tipo *mas*, *porém*, *entretanto* etc. Por exemplo: *A sociedade se preocupa com a preservação do meio ambiente, **porém** ainda é minoria os que se educam para a preservação*;
- argumento decisivo: é apresentado para indicar um acréscimo de informação para enfatizar um argumento contrário. Utilizam-se conectivos como *aliás*, *além do mais*, *além de tudo* etc. Por exemplo: *São tantos os discursos vazios sobre a preservação do meio ambiente. **Além do mais**, em quais políticos a sociedade pode confiar diante dos escândalos que os envolvem?*
- generalização ou ampliação da informação. Utilizam-se conectivos do tipo *de fato*, *realmente*, *aliás* etc. Por exemplo: *A sociedade pede providências políticas para a preservação do meio ambiente; **de fato** a urgência se justifica pela qualidade de vida que está totalmente comprometida*.

A coerência relaciona-se ao sentido do texto. Manifesta-se na construção de sentido da unidade textual e implica uma continuidade de sentidos entre as ideias presentes no texto.

A partir dos estudos recentes de Koch e Travaglia (1990), a coerência é entendida como o estabelecimento do sentido no texto, construído pelas relações semânticas e pragmáticas entre os elementos de um enunciado linguístico. Ao se escolher um tema, é necessário encadear as informações, de maneira que não haja contradição entre tema e informação. O sujeito que produz o texto precisa garantir ao seu leitor ou receptor essa lógica. Há um contrato de entendimento entre quem elabora e quem lê o texto para que haja interpretabilidade. Portanto, a coerência é construída pelo leitor, à medida que o texto faz sentido para ele.



Observação

Pragmática - Segundo Dubois (1973), o aspecto pragmático da linguagem diz respeito às características de sua utilização: motivação do falante, reações do interlocutor, registros de fala (formal ou informal) etc.

Platão e Fiorin (2001, p. 397) apresentam diferentes níveis de coerência:

Coerência narrativa é a que ocorre quando se respeitam as implicações lógicas existentes entre as partes da narrativa. Assim, por exemplo, para que uma personagem realize uma ação, é preciso que ela tenha capacidade, ou seja, saiba e possa fazê-la. Isso quer dizer que a realização de uma ação pressupõe um poder e um saber, na narrativa; o que é posterior depende do que é anterior. Constitui, portanto, incoerência narrativa relatar uma ação realizada por um sujeito que não tem condições de executá-la. Veja-se, por exemplo, esse texto de uma redação de vestibular:

"Lá dentro havia uma fumaça espessa que não deixava que vissemos ninguém.

Meu colega foi à cozinha, deixando-me sozinho. Fiquei encostado na parede da sala, observando as pessoas que lá estavam. Na festa, havia pessoas de todos os tipos: ruivas, brancas, pretas, amarelas, altas, baixas etc."

Nesse caso, há uma incoerência, pois a personagem não podia ver e viu.

Coerência argumentativa diz respeito às relações de implicação ou adequação que se estabelecem entre certos pressupostos ou afirmações explícitas, colocadas no texto e as conclusões que se tira deles. Se, por exemplo, o texto disser que o descontrole orçamentário é a causa da inflação e que esta é o problema mais grave do país, será contraditório se concluir que o governo deve aumentar os gastos públicos para aquecer a economia.

Coerência figurativa diz respeito à combinatória de figuras para manifestar um dado tema ou à compatibilidade de figuras entre si. Na frase *Os peixes durante a gravidez ficam agressivos*, há uma incompatibilidade flagrante entre as figuras *peixe* e *gravidez*.

Coerência temporal é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. O período *Maria pôs o arroz no fogo, depois o escolheu* é incoerente, pois subverte a sucessividade dos eventos do processo de preparo do arroz: primeiro, escolher; depois, pôr no fogo.

Coerência espacial diz respeito à compatibilidade entre os enunciados do ponto de vista da localização no espaço. Seria incoerente dizer *Embaixo do único lustre, colocado bem no meio do teto, um grupo de pessoas conversava animadamente. Quando ela entrou, todos pararam de falar e olharam para ela. Ela não se importou e foi também postar-se embaixo do lustre num dos cantos do salão*, pois, se o único lustre era o meio do salão, não poderia ser num dos cantos.

Coerência no nível da linguagem é a compatibilidade, do ponto de vista da variante linguística escolhida, no nível do léxico e das estruturas sintáticas utilizados no texto: é incoerente colocar expressões chulas ou da linguagem informal em um texto caracterizado pela norma culta.

Atribuir um conceito de verdade aos fatos é uma questão de coerência, porém, é imprescindível considerar que a verdade só pode ser avaliada no discurso. Por exemplo, o que garantirá o sucesso da arguição de um advogado, ao apresentar a defesa para o delito de um suposto cliente, é a relação de compatibilidade e não contradição dos argumentos; os recursos retóricos garantem uma "verdade" no contexto desse discurso: o cliente pode ter cometido o delito, mas será absolvido pelo poder de persuasão de seu advogado. A coerência que se estabelece pela compatibilidade, adequação e não contradição é intratextual.

Há também situações em que o estabelecimento de uma "verdade" implica adequação do texto com fatos exteriores a ele: dados retirados da cultura de uma sociedade, informações científicas etc. O processo é de coerência extratextual.

A organização e inter-relação de ideias envolvem também aspectos externos ao texto. Tais aspectos afetam a produção e a recepção de textos e são eles:

Intencionalidade: concerne ao empenho do produtor em construir um texto coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, impressionar, alarmar, convencer, persuadir, ou defender etc., e é ela que vai orientar a confecção do texto.

Aceitabilidade: o outro lado da moeda da intencionalidade (que envolve o produtor) é a aceitabilidade, que diz respeito à expectativa do receptor do texto. O leitor espera que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com objetivos do produtor.

Situacionalidade: refere-se ao lugar e ao momento da comunicação. Todos os dados situacionais interferem na produção e recepção do texto; diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa.

Intertextualidade: é o diálogo entre textos para aumentar o poder de argumentação. Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos, que funcionam como contexto.

Informatividade: refere-se ao grau de previsibilidade (expectativa) da informação presente no texto. É importante para o produtor saber com que conhecimentos do receptor ele pode contar e que, portanto, não precisa explicitar no seu texto. Esses conhecimentos podem advir do contexto imediato ou podem preexistir ao ato comunicativo. O interesse do leitor/ouvinte pelo texto vai depender do grau de informatividade de que é portador. Esse fator de textualidade trata da medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal.

Como a textualidade forma o texto seguinte, ou seja, como os fatores de textualidade fazem do texto um texto? A proposta de análise é de Antunes (2010).

A mercadoria alucinógena

Em vez de argumentar para a razão do telespectador, a publicidade apela para o psicodelismo.

Enquanto o consumidor imagina que é um ser racional, dotado de juízo e de bom-senso, a publicidade na TV abandona progressivamente essa ilusão. Em vez de argumentar para a razão do telespectador, ela apela para as sensações, para as revelações mágicas mais impossíveis. A marca de chicletes promete transportar o freguês para um tal "mundo do sabor" e mostra o garoto-propaganda levitando em outras esferas cósmicas. O adoçante faz surgirem do nada violinistas e guitarristas. O guaraná em lata provoca visões amazônicas no seu bebedor urbano, que passa a enxergar um índio, com o rosto pintado de bravura, no que seria o pálido semblante de um taxista. Seria o tal refrigerante uma versão comercial das beberagens do Santo Daime? Não, nada disso. São apenas os baratos astrais da nova tendência da publicidade. Estamos na era das mercadorias alucinógenas. Imaginariamente alucinógenas.

É claro que ninguém há de acreditar que uma goma de mascar, um adoçante ou um guaraná proporcionem a transmigração das almas. Ninguém leva os comerciais alucinógenos ao pé da letra, mas cada vez mais gente se deixa seduzir por eles. É que o encanto das mercadorias não está nelas, mas fora delas — e a publicidade sabe disso muito bem. Ela sabe que esse encanto reside na relação imaginária que ela, publicidade, fabrica entre a mercadoria e seu consumidor. Pode parecer um insulto à inteligência do telespectador, mas ele bem que gosta. É tudo mentira, mas é a maior viagem, bicho. A julgar pelo crescimento dessas campanhas, o público vibra ao ser tratado como quem se esgueira pelos supermercados à cata de alucinações.

Por isso, a publicidade se despe momentaneamente de sua alegada função cívica — a de informar o comprador para que ele exerça o seu direito de escolha consciente na hora da compra — e apenas oferece o transe, a felicidade etérea, irreal e imaterial, que nada tem a ver com as propriedades físicas (ou químicas) do produto. A publicidade é a fábrica do gozo fictício — e este gozo é a grande mercadoria dos nossos tempos, confortavelmente escondida atrás das bugigangas oferecidas. Quanto ao consumidor, compra satisfeito a alucinação imaginária. Ele também está cercado de muito conforto, protegido pela aparência de razão que todos fingem ser sua liberdade. Supremo fingimento. O consumidor não vai morrer de overdose dessa droga. Ele só teme ser barrado nos portais eletrônicos do imenso festim psicodélico. Morreria de frio e de abandono. Ele só teme passar um dia que seja longe de seu pequeno gozo alucinado (BUCCI, 1998).

Os fatores de textualidade manifestam-se no texto da seguinte forma:

- **Coerência:** o texto tem unidade de sentido e se desenvolve em torno de um mesmo tema: a publicidade na TV, delimitado por uma perspectiva, a de que a publicidade apela para os efeitos mágicos dos produtos que apresenta. O título aponta para esse tema e o início do texto sintetiza o

tema. A perspectiva de que a publicidade é criadora de sonhos utópicos continua na apresentação detalhada de alguns objetos em que esse poder mágico pode acontecer: o chiclete, o adoçante, o guaraná. Os efeitos que provocam no consumidor são: transportar, pela levitação, para esferas cósmicas; fazer surgir do nada; provocar visões. Tal encanto não está nos produtos, mas na relação imaginária que a publicidade fabrica entre a mercadoria e seu consumidor. O consumidor, apesar de não levar os comerciais "ao pé da letra", compra satisfeito a alucinação. O tema, enfim, perpassa todo o texto, mantendo a coerência.

- **Coesão:** entre outros usos da língua, encontramos no texto: a) simultaneidade temporal entre o que o consumidor imagina e o que a publicidade faz em relação a isso: "**Enquanto** o consumidor imagina que é um ser racional, dotado de juízo e de bom senso, a publicidade na TV abandona progressivamente essa ilusão". b) equivalência nas relações entre as palavras imaginar e iludir-se: "o consumidor **imagina que é um ser racional**" e "a TV abandona **essa ilusão**". c) a pergunta retórica "Seria o tal refrigerante uma versão comercial das bebidas do Santo Daime?", feita com propósito de interessar o leitor, sem esperar obter, portanto, resposta, que, na verdade, já é sabida. d) uso de linguagem contundente, cheia de certeza: "**É claro** que **ninguém** há de acreditar. **Ninguém** leva". e) uso da gíria "é a maior viagem, bicho", que revela que o autor conhece a questão do mundo alucinógeno.
- **Situacionalidade:** o texto aborda uma questão do mundo real, do cotidiano das pessoas, expostas aos muitos apelos do consumo de mercadorias. Insere-se no domínio do jornalismo formador de opinião, cujo objetivo é deixar os leitores mais críticos e conscientes frente a determinadas questões da vida. Os leitores previstos são os leitores da revista, identificados como pertencentes, em geral, a uma classe, no mínimo, medianamente letrada e crítica. Essa condição dos possíveis leitores e a própria exigência discursiva da revista levam o texto a ter certo nível de formalidade, fora da oralidade cotidiana (coloquial), e com abordagem do problema mais elaborada, com seleção vocabular mais especializada e distante do comum.
- **Intencionalidade:** pode ser relacionada ao propósito da comunicação. O texto tem claramente o objetivo de esclarecer e de advertir ao leitor consumidor em relação à cilada dos anúncios publicitários, que atribuem ao produto anunciado poderes mágicos e alucinantes. O autor reforça essa pretensão de advertência quando explicita que, pelo viés alucinógeno, a publicidade deixa de lado sua função cívica, que é "a de informar o comprador para que ele exerça o seu direito de escolha consciente na hora da compra", prometendo "o transe, a felicidade etérea, irreal e imaterial, que nada tem a ver com as propriedades físicas (ou químicas) do produto".
- **Informatividade:** o autor não foge de ideias óbvias e utiliza metaforicamente o universo dos alucinógenos para caracterizar como a publicidade apresenta os produtos; a publicidade oferece "o transe, a felicidade etérea, irreal e imaterial". A novidade maior do texto está em diminuir o poder da publicidade: atenuar o "gozo alucinado" atribuído socialmente à publicidade; e em tirar do foco seus poderes mágicos e encantatórios. O leitor (também consumidor) precisa ser informado para fazer escolhas (compras) de forma consciente.
- **Intertextualidade:** no âmbito da intertextualidade ampla, o texto está conforme as regularidades dos textos opinativos. Além disso, todo o conhecimento pressuposto ou implícito faz parte do nosso repertório de saberes, resultantes de nossas experiências anteriores. Por exemplo, o autor

supõe que podemos entender por que o "guaraná em lata provoca visões amazônicas" ou quais são os "portais eletrônicos do imenso festim psicodélico". Ou seja, já conhecemos muito do que é dito no texto, implicando a inevitável condição de intertextualidade da linguagem. No âmbito da intertextualidade restrita, destacamos a referência feita ao refrigerante, como "uma versão comercial das beberagens do Santo Daime", ou seja, há referência a outro texto, no caso, um anúncio publicitário do chá Santo Daime, considerado alucinógeno.

- **Aceitabilidade:** devido ao conhecimento do leitor sobre a revista, o tipo de leitor dela, a função comunicativa de um artigo de opinião, o leitor espera um ponto de vista sobre uma questão controversa, argumentos consistentes, percurso e unidade temática. Enfim, o leitor prepara-se para aceitar o texto, considerando seu conhecimento sobre a língua, o tema, o tipo de texto, a interação.

A construção e a compreensão do sentido do texto resultam de vários sistemas de conhecimento, tratados no próximo tópico. No momento, para apresentação, os quatro grandes conjuntos de conhecimentos:

- conhecimento linguístico, que abrange o léxico e a gramática;
- conhecimento de mundo (ou enciclopédico), que inclui os protótipos, esquemas, ou os modelos de eventos e episódios em vigor nos grupos a que pertencemos;
- conhecimento de modelos globais de texto, que inclui as regularidades de construção dos tipos e gêneros;
- conhecimento sociointeracional, que trata do saber acerca da realização social das ações verbais ou de como as pessoas devem se comportar para interagir em diferentes situações sociais.

Neste livro-texto não haverá aprofundamento sobre o conhecimento de modelos globais de texto, que inclui as regularidades de construção dos tipos e gêneros. Tal conhecimento é explorado no livro-texto *Interpretação e Produção de Textos* (IPT). Apenas para dar uma noção sobre os modelos, podemos afirmar que texto é tipo e gênero ao mesmo tempo.

No âmbito das atividades concretas de linguagem, temos gêneros textuais, que são:

Quadro 2

Domínios discursivos	Gêneros textuais
Literatura	Crônicas, contos, poemas, romance, épico, novela, peça de teatro...
Jornalismo	Anúncios, editoriais, notícias, artigos de divulgação, cartas do leitor, entrevista, crônicas, reportagem, horóscopos...
Academia/ciência	Artigo científico, monografia, dissertação (Mestrado), tese (Doutorado), resumo, fichamento...
Religião	Oração, prece, mandamentos, hinos, cultos...
Jurídico	Leis, sentenças judiciais, atas, relatórios...
Empresa	Atas, atestados, protocolos, atestados, email, conversaço...
Escola	Anotações, diários de classe, atas, dissertações, resumos, divulgação científica, textos didáticos...
Outros domínios Sociais	Tantos outros gêneros

Segundo Marcuschi (2005, p. 19), o surgimento dos gêneros textuais se deu em três fases: primeiro, no período em que a oralidade era o principal meio de comunicação e os povos começavam a ver a necessidade de criar alguns tipos de gêneros, entre eles a própria conversação, mitos, lendas, poemas, todos eles falados. Segundo, com o surgimento da escrita, no século VII A.C, os gêneros foram ampliados para poemas escritos, tratados filosóficos, gramáticas, peças de teatro escritas, epopeias (antes orais, passaram a ser escritas), leis etc. Por último, com a industrialização no século XVIII, os gêneros tiveram seu alto grau de desenvolvimento. Fazendo uma comparação entre o seu surgimento e o momento atual, os gêneros estão no ápice de seu desenvolvimento e expansão e isso se deu devido ao surgimento da cultura eletrônica, em especial à internet.

Os meios tecnológicos tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por estarem nas atividades comunicativas na vida social, acabam gerando o surgimento de novos gêneros textuais como editoriais, artigos, cartas eletrônicas, e-mails, chats, blogs e mais.

Marcuschi (2005, p. 20) explica que "gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social". Para ele, devido aos gêneros não serem limitados e estáticos, eles mudam, crescem e se diversificam de acordo com o desenvolvimento das atividades comunicativas e sociais diárias.

Os gêneros são inseridos na sociedade mais por suas funções comunicativas e cognitivas do que por sua função linguística e estrutural. O uso frequente, principalmente na comunicação diária, com a ajuda dos meios de comunicação tais como a televisão e o rádio, faz com que novos gêneros surjam e que haja ligação com outros gêneros já existentes. Podemos citar o exemplo das cartas e bilhetes, agora como suas sucessoras as cartas eletrônicas, que são gêneros novos com características próprias.

Ainda segundo Marcuschi (2005, p. 22) "é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto".

Os tipos textuais são caracterizados por seus aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas, e estes estão inseridos na narração, argumentação, exposição, opinião, descrição e injunção. Já gêneros textuais são textos materializados e com características sociocomunicativas existentes no dia a dia, definidos por conteúdos, propriedades, estilos e composição.

Se de um lado gêneros textuais são realizações concretas da língua definidas por propriedades sociocomunicativas, de outro, tipos textuais são realizações definidas por propriedades intrínsecas. Se os primeiros são textos empíricos e cumprem seu papel em situações comunicativas, os segundos cumprem seu papel no interior dos gêneros e não são empíricos.

Para fazer a escolha de qual gênero textual usar em determinado contexto também é necessário determinar os seguintes fatores:

- sujeito enunciador (autor);
- interlocutor (o público ao qual o autor se dirige);

- finalidade da interação (o objetivo do autor);
- lugar e momento da produção (o contexto em que o autor produz seu texto);
- canal (o meio de circulação do texto).

Os gêneros textuais compreendem um agrupamento não limitado de denominações concretas determinadas pelo canal, conteúdo, composição e função, enquanto os tipos textuais compreendem um agrupamento limitado de categorias teóricas definidas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas e pelo tempo verbal.

Sobre o domínio discursivo, não pode ser chamado exatamente de texto nem de discurso, porém destes surgem os discursos com características próprias. Isso se dá devido a esses tipos de discursos não terem um gênero específico, como por exemplo: o jurídico, jornalístico e religioso entre outros.

Marcuschi (2005, p. 24) cita um exemplo de domínio discursivo religioso conforme abaixo.

Senhora Aparecida, milagrosa padroeira, sede nossa guia nesta mortal carreira!

Ó Virgem Aparecida, sacrário de redentor, dai à alma desfalecida vosso poder e valor.

Ó Virgem Aparecida, fiel e seguro norte, alcançai-nos graças na vida, favorecei-nos na morte!

Chamado de *jaculatória*, esse gênero contém um alto grau de religiosidade, o que caracteriza o discurso como religioso.

O autor chama a atenção para que não tomemos *texto* e *discurso* como tendo o mesmo significado. O primeiro é "uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual" enquanto o segundo é "aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva". Marcuschi, seguindo Robert de Beaugrande, diz que "os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas".

Em resumo, o tipo textual caracteriza-se por sequências linguísticas típicas, e gêneros textuais caracterizam-se por ação prática e fazem parte de um domínio discursivo, o lugar da atividade social em que os textos se inserem ou circulam.

Costumamos confundir tipo e gênero principalmente quando estes se referem a cartas pessoais, visto que troca-se o termo *gênero de texto* por *tipo de texto*. Em um gênero textual pode haver vários tipos textuais, sendo ele "dado por um conjunto de traços que forma uma sequência e não um texto".

Quadro 3 – Carta pessoal

Sequências tipológicas	Gênero textual
Descrição	Rio, 11/08/1991
Injuntiva	Amiga A.P. Oi!
Descritiva	Para ser mais preciso estou no meu quarto, escrevendo na escrivaninha, com um Micro System ligado na minha frente (bem alto, por sinal).
Expositiva	Está ligado na Manchete FM – ou rádio dos funks – eu adoro funk, principalmente com passos marcados...

Injuntiva: está situada a sequência imperativa

Descritiva: está situada a localização

Expositiva: está situada a sequência explicativa

Em uma carta há diversas sequências tipológicas ou “armação de base” e isso faz com que haja uma coesão estrutural do texto. É essa diversidade tipológica que possibilita aos gêneros ter a flexibilidade de se adaptar à ação social.

A atualidade trouxe a necessidade de novos conceitos de ensinar e aprender, lidar com as novas tecnologias. É essencial que a pessoa saiba se portar em uma entrevista de emprego, elaborar cartas argumentativas como solicitação de emprego, preencher o *curriculum vitae*. Ou seja, conhecimento sobre gêneros textuais.

Outros tipos de conhecimento, diferentes do conhecimento de modelos globais de texto, que inclui as regularidades de construção dos tipos e gêneros, serão tratados a seguir.

Exemplo de aplicação

1. Leia a seguinte passagem:

Mamífero voraz

É preciso 100 pontos para ganhar um relógio de plástico. Teremos imenso prazer em lhe mostrar o nosso país. Já está nas lojas Tok & Stok a Linha Garden Verão 97. Dizia-se lá em casa que éramos de origem francesa. Tenho um pequeno museu em casa.

Seu próximo passo é ter um cartão com 6 meses de anuidade grátis.

- Jamais abandonarei a senhora.

Bom mesmo é viver numa cabana no meio do mato. O próprio banco ajuda a descobrir quais são os melhores produtos para montar sua carteira de investimentos.

Dada a passagem acima, qual é o núcleo de sentido? Dá para saber o que diz de forma geral, em forma de resumo? Qual é a função comunicativa pertinente a um determinado contexto?

2. Sabendo que os textos enquadrados constituem o gênero "quadro de aviso" e que, em cada um, há um convite ou orientação para o leitor, constituem também o tipo "injuntivo", a que conclusão você chega sobre a situação comunicativa e o contexto, no qual o texto está inserido?

Quadro 4



Dengue: Previna-se

- Não deixe água parada.
- Mantenha caixa d'água fechada.
- Não deixe acumular água em pneus e garrafas.

Prevenir ainda é a melhor arma contra a dengue!



Curso de Gestante

Dia 21/03 às 10h será o dia da gestante. Gestantes dirijam-se ao auditório amarelo, 2 andar para uma demonstração de como cuidar de seu bebê.

Aguardamos você!



Aniversariantes do mês

Caro colaborador
Você que faz ou fez aniversário este mês venha participar do café da manhã oferecido a você.
Local: Restaurante Trabalho
Data: 30/03
Hora: 08h

3. Leia o texto abaixo:



Figura 3

Você não quer contar esta história para seus filhos, quer?

Ajude a gente a combater o desmatamento da Amazônia. Fique sócio do Greenpeace.

Acesse o nosso site www.greenpeace.org.br ou ligue 0300 789 2510

a) Em que contexto se insere o texto acima e qual a função comunicativa?

b) Dentre os fatores de textualidade que constituem o texto, a intertextualidade é muito relevante. Discuta o motivo.

Resolução dos exercícios:

1. Você pode ter ficado confuso pelo exemplo, mas com certeza percebeu que não se trata de um texto. Afinal, texto não é um conjunto aleatório de palavras ou de frases soltas. Além disso, falta nele uma unidade de sentido possível. Na verdade, por esse exemplo, percebemos que não esbarramos facilmente em *não textos*. Nós temos um discernimento intuitivo sobre o que é ou não texto.

2. Os textos exemplificados, que são ao mesmo tempo injuntivos e quadro de aviso, podem ser inseridos em uma situação comunicativa de trabalho, por exemplo, em que há homens e mulheres (entre elas, gestantes) considerados "colaboradores". Há preocupação com aspectos externos à empresa, como no caso da prevenção contra a dengue. Os quadros de aviso servem para uma interação maior entre a empresa e os funcionários.

3. a) Você pode ressaltar o contexto em que vivemos hoje de maior consciência sobre o meio ambiente e de grupos sociais preocupados com o ambiente, como Greenpeace, uma organização a favor do meio ambiente e da sua preservação. Devido ao desrespeito contra a natureza, a função comunicativa é, então, conseguir adesão de pessoas que também são contra o desmatamento.

b) A intertextualidade trata da relação entre textos. Nós temos uma propaganda – campanha a favor da natureza – e nela encontramos outro texto: a história da Chapeuzinho Vermelho. A história (Chapeuzinho caminhar na floresta, encontrar o lobo etc.) não é possível hoje, porque estamos perdendo nossas árvores.

2 CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

Caro aluno, conhecimento linguístico significa, de forma óbvia, conhecer uma língua, seja ela portuguesa, russa, tupi. Vejamos um caso: "Hier kannst du einen bereits vorformatierten Eintrag für ein deutschsprachiges Wort auswählen und bearbeiten. Die vereinfachten Formatvorlagen sind einfacher zu handhaben und schneller auszufüllen, aber natürlich können sie (später) noch ergänzt werden. Klicke einfach auf die richtige Wortart." Eu não conheço a língua em que está escrito o texto e não saberia dizer, portanto, sobre o tema do texto, o seu objetivo, a função comunicativa. Não tenho, enfim, conhecimento linguístico e sem esse conhecimento não posso ler/ouvir, falar/escrever textos.



Observação

Com a formalização da alfabetização, aprendemos a ler e a escrever na língua específica da nossa comunidade.

Nós aprendemos desde bebê a língua da comunidade na qual nascemos, conseguindo entender o que as pessoas falam e passando também a falar. Devido a esse aprendizado, de forma intuitiva, reconhecemos quando algo faz ou não parte da nossa língua. Por exemplo:

- Bola que a competentemente eu feito.

Você identifica o exemplo acima como parte da nossa língua? As palavras, individualmente, são da língua portuguesa, mas da forma como estão dispostas não formam uma frase aceita por nós.

Outra situação: visualize a palavra cheiro com o sufixo -oso; conseguiu? O resultado é: cheiroso. O sufixo -oso forma adjetivos (cheiroso, gostoso, bondoso etc.) e tem o sentido de "provido ou cheio de...". Um bebê depois do banho fica cheiroso, ou seja, cheio de cheiro bom. Visualize agora a palavra lua com o sufixo -oso. Deu certo? O conhecimento que nós temos da língua não permite fazer tal junção.

Existem outras ocorrências, entre elas a frase:

- Tenho um fundo de reserva de comprar um carro.

O usuário da língua portuguesa estranhará o uso da preposição "de" colocada antes do verbo comprar, porque ele sabe que a preposição adequada para o sentido da frase é "para". A pessoa pode não ter o conhecimento formal sobre os tipos de relação da preposição, que no caso de "de" estabelece relação de posse, de causa, e a preposição "para", fim ou finalidade, mas identifica de forma intuitiva qual a preposição certa.

Apesar de a nossa disciplina não ser de gramática, é importante ressaltar alguns conhecimentos escolares que possuímos sobre esta. Nos estudos gramaticais do ensino básico, aprendemos, por exemplo, que verbos com sujeito e objeto direto podem aparecer na voz passiva. Está lembrado disso, caro aluno? Vejamos:

- Eu li o livro *Quem comeu meu queijo*.
- O livro *Quem comeu meu queijo* foi lido por mim.

A primeira frase está na voz ativa: sujeito (eu) pratica uma ação (ler), constando que o praticante do verbo ler é o sujeito. Nesse tipo de verbo, podemos transformar em voz passiva, como na segunda frase: o sujeito da oração agora é "o livro *Quem comeu meu queijo*", porém não pratica a ação (ler); o praticante, na verdade, é o termo "por mim", classificado como agente da passiva.

Seguindo esse raciocínio da gramática tradicional, aprendido na escola e encontrado em livros, podemos então criar frases passivas como:

- a) O vaso de cristal foi quebrado pelas crianças.
- b) As lâmpadas dos postes foram quebradas pela multidão.
- c) O pãozinho foi comprado por mim.
- d) O cabelo foi penteado pela Maria.
- e) A perna foi quebrada pelo Pedro.

- f) O amigo foi perdido pelo meu irmão.
- g) A carona foi perdida pelo João.
- h) O ligamento foi rompido pelo Pedro durante o jogo.
- i) Os filhos ficam amados pelos pais.

Alguns estranhamento ou você considera todas as frases acima possíveis? Com certeza, você deve ter se questionado sobre *meu* conhecimento linguístico. Você está certo. Contrariando a gramática, não construímos frases passivas como em: e, f, g, h, i. Intuitivamente, não transformamos a frase "O Pedro rompeu o ligamento durante o jogo" em passiva, assim como não transformamos em passiva a frase "Meu irmão perdeu o amigo."



Saiba mais

Vários exemplos dados neste tópico sobre como usamos a língua de forma intuitiva e desprezamos muitas formas dadas pela gramática normativa podem ser mais aprofundados no capítulo A competência linguística, encontrado em: FLORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Outra situação: verbo que não precisa de complemento, classificado como intransitivo. Pela gramática tradicional, a ordem na frase pode ser: sujeito-verbo ou verbo-sujeito. Vejamos exemplos:

- O bebê caiu.
- Caiu o bebê.
- O livro chegou ontem.
- Chegou o livro ontem.

Novamente, seguindo nossa intuição, não construímos frases como a seguinte:

- Riem alguns alunos à toa.
- Trabalham os professores duro.

Os dois últimos exemplos mostram que a ordem verbo-sujeito não é possível na nossa língua.

Nas frases abaixo, empregamos verbo no particípio (rido, cantado, chegado etc.). Qual delas você assinalaria como possíveis em nossa língua e quais não são possíveis?

- a) Uma vez ridos os alunos, todos foram impedidos de terminar a prova.
- b) Uma vez dançadas várias meninas, a professora decidiu quais iriam participar do espetáculo.

- c) Uma vez corridos os amigos, todos foram celebrar no bar da esquina.
- d) Uma vez andadas várias pessoas, os dirigentes do parque fecharam os portões.
- e) Uma vez chegado o livro, dei início imediato à leitura.
- f) Uma vez crescidas as flores, pude chamar os fotógrafos para registrarem aquela beleza.
- g) Uma vez mortos vários brasileiros, o Itamaraty teve de tomar providências.
- h) Uma vez ocorridos vários acidentes na marginal, a prefeitura decidiu remodelar a pista.

Você está tomando consciência de que temos uma percepção da nossa própria língua que nos torna competentes para usá-la, bem como para não seguir muitas regras da gramática normativa/tradicional. No caso das frases "a" até "h" acima, estamos diante de fatos linguísticos que sugerem que determinadas situações admitem ou não o verbo no particípio. As frases "a, b, c", d mostram a impossibilidade de uso de verbo no particípio.



Observação

Os verbos em português podem terminar em: -r, indicador de infinitivo (andar, ler...), -ndo, indicador de gerúndio (andando, lendo...) e -ido/-ado, indicadores de particípio (andado, lido...).

Também independentes do ensino formal, criamos textos em que há frases com verbos que, em uma situação, podem ter sujeito e objeto, e em outra situação, apenas sujeito. Exemplos:

a) Verbo quebrar (que para gramática tradicional precisa de sujeito e objeto):

- O Pedro quebrou a jarra de água.
- A jarra de água quebrou.
- Quebrou a jarra de água.

b) Verbo abrir (idem):

- Os porteiros já abriram a porta do cinema.
- A porta do cinema já abriu.
- Já abriu a porta do cinema.

Verificamos que os usuários da língua portuguesa diversificam o emprego dos verbos destacados acima, saindo do uso específico dado pela gramática.

Em conclusão, todos nós temos um conhecimento da nossa língua que nos permite ver as diferenças de uso, sem que jamais tenhamos sido expostos a qualquer ensino formal a respeito delas. É o conhecimento linguístico que nos permite ouvir/falar e ler/escrever textos.

Exemplo de aplicação

Considere os pares de frases abaixo e indique a(s) frase(s) com impossibilidades apresentadas sobre o uso da língua:

(1) a. A Maria está lavando suas camisetas importadas.

b. As camisetas importadas lavam fácil.

(2) a. A tempestade afundou o barco.

b. O barco afundou.

(3) a. Poirot prendeu o criminoso.

b. O criminoso foi preso.

(4) a. As crianças já comeram o bolo.

b. As crianças já comeram.

(5) a. O Pedro vai comprar aquela casa de esquina.

b. Aquela casa de esquina compra fácil.

(6) a. O professor escreveu o artigo.

b. O artigo escreveu.

(7) a. A atitude do marido chateava Ana.

b. A Ana era chateada.

(8) a. As crianças devoraram o bolo.

b. As crianças devoraram.

Comentários: há frases que causaram estranheza em você, porque com certeza nunca as ouviu ou leu: Aquela casa da esquina compra fácil; O artigo escreveu; A Ana era chateada; As crianças devoraram.

Na construção de textos falados e escritos, a pessoa recorre aos seus conhecimentos sobre a língua, adquiridos ao longo da vida e em sua prática comunicativa, além do ensino formal na escola. O conhecimento consiste na fonética/fonologia, morfologia/ léxico, sintaxe e semântica.

2.1 Conhecimento lexical

Conhecimento lexical significa conhecer palavras da língua que falamos. Proponho, então, um teste, caro aluno.

1. Quantas palavras da língua portuguesa você conhece? Dê um número exato.
2. Quantas palavras usuais, empregadas no dia a dia, você fala? Dê um número exato.
3. De todas as palavras da língua portuguesa, você desconhece apenas _____.

Você percebeu a brincadeira do teste devido à inviabilidade das respostas exatas. No entanto, as perguntas suscitam algumas reflexões. Afinal, o que nós conhecemos da nossa própria língua? Conhecemos e aplicamos em nossos textos orais e escritos cem, quinhentas, mil palavras? As perguntas seguintes do nosso teste são mais viáveis:

4. Quando você está com pessoas íntimas (família, companheiro, amigos), que palavras você costuma usar para um chamamento?
5. No seu campo de atuação, quais são as palavras mais específicas?

O léxico tem função significativa na estruturação do texto, na construção dos seus sentidos, na definição de sua adequação aos contextos de uso.

Nas palavras de Antunes (2010, p. 179), não podemos nos esquecer de que as situações de uso da língua – incluindo o uso do léxico – são imensamente diversificadas, uma vez que:

Variam os eventos sociais em que atuamos; variam os interlocutores; variam os propósitos com que interagimos; variam os gêneros textuais em que nos expressamos; ou seja, tudo é bastante próprio de cada situação comunicativa.

Nesse sentido, o uso do léxico exige dos interlocutores grande versatilidade e para isso quanto mais amplo e diversificado for o repertório lexical da pessoa, melhor se torna o desempenho comunicativo, sendo mais participativo, funcional e relevante.

A unidade de sentido do texto condiciona a escolha das palavras. Ou seja, a seleção do tema, os argumentos, os objetivos direcionam a carga semântica das palavras. Por isso, antes mesmo da nossa produção muitas palavras são excluídas porque não têm relação com o sentido pretendido.

Exemplo de aplicação

Dadas as palavras a seguir, selecione aquelas que têm relação com cada tema indicado:

tradução religião autor mulher esperança mar

ornamento produção Itália resumo poesia

cliente mercado página definição medo confiante

Senado posição Machado de Assis jogarão

Tema 1 – honestidade na política brasileira:

Tema 2 – como cuidar bem de um recém-nascido:

Tema 3: relevância da poesia de Machado de Assis:

Comentário: você percebeu que há palavras que podem ser selecionadas, outras que permanecem enquadradas. Para determinado tema, como tema 2, há pouquíssimas palavras que podem ser relacionada a ele. Tantas outras vieram a sua mente, porque estão adequadas para cada tema.

De forma intuitiva ou com base em conhecimento formal, constituímos campos lexicais: conjunto de léxico com sentido análogo (ILARI, 2003). Por exemplo, unimos palavras que nomeiam cores, porque elas fazem parte da experiência visual; unimos palavras que nomeiam animais, porque se referem a nossa experiência dos seres vivos.

Vejamos: dados dois grupos de palavras, constitua campo lexical.

Grupo A – cadeira, banco, caminhão, carroça, pufe, banquinho, motocicleta;

Grupo B – sofá, charrete, trenó de neve, poltrona, automóvel, trator.

Campo lexical:

de veículo: _____

de móvel para sentar: _____

Devido ao seu conhecimento sobre o significado das palavras, você deve ter separado assim:

Campo lexical de veículo: caminhão, carroça, motocicleta, charrete, trenó de neve, automóvel, trator.

Campo lexical de móvel para sentar: cadeira, banco, pufe, banquinho, sofá, poltrona.

Na produção de um texto (uma conversa entre você e seu (sua) companheiro (a)) sobre o que comprar para casa, muitas palavras são selecionadas e tantas outras nem vêm à mente, porque não fazem parte do campo lexical da situação comunicativa. Assim, sobre o que comprar, vocês podem falar sobre cadeira, sofá, bufe, mas nunca trator, charrete etc.

Insisto: é o nosso conhecimento linguístico, no caso, lexical, que nos faz capazes de produzir ou ler texto adequado e de perceber quando ouvimos ou lemos que aquilo é um texto ou não; que faz ou não parte da língua.

Exemplo de aplicação

As propostas são do estudioso Ilari (2003).

1. Entre as palavras dispostas a seguir, há uma relação hierárquica que pode ser intuitivamente recuperada, mesmo sem grandes conhecimentos de zoologia. Mostre essa relação hierárquica organizando todas essas palavras por meio de um quadro sinótico:

vertebrado
mamífero
felino
gato
roedor
rato
canídeo
raposa
cão
pitbull
doberman
bovídeo
rena
boi
réptil
cobra
cascavel

Comentário: Provavelmente você montou um quadro com as seguintes colunas:

... canídeo – cão – pitbull – doberman – felino – gato...

2. O campo lexical pode indicar conjunto de palavras que designam as partes de um objeto. Para os não especialistas, é normalmente difícil enumerar todas as palavras desse campo lexical; em geral, eles lembram algumas, compreendem algumas outras quando as ouvem e desconhecem as restantes. Tente lembrar os nomes de todas as peças que compõem uma bicicleta.

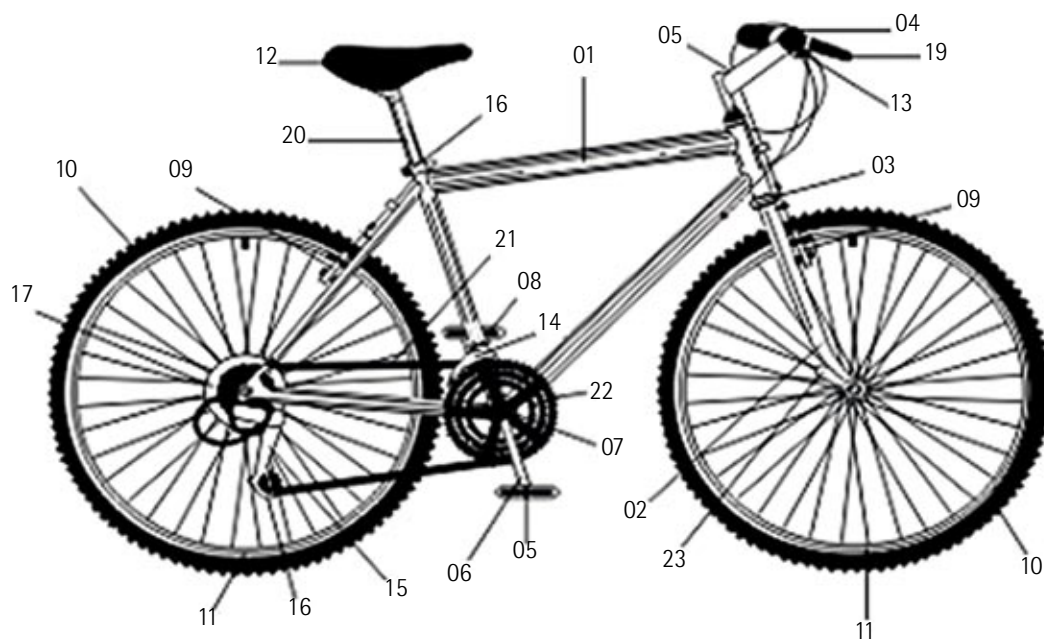


Figura 4

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____

12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____
21. _____
22. _____
23. _____

Agora, compare a lista a que você chegou com a lista das legendas da figura abaixo. Separe aquelas legendas em três conjuntos, conforme constituem para você (a) um vocabulário ativo, (b) um vocabulário passivo, (c) um vocabulário desconhecido.

- a) _____
- b) _____
- c) _____

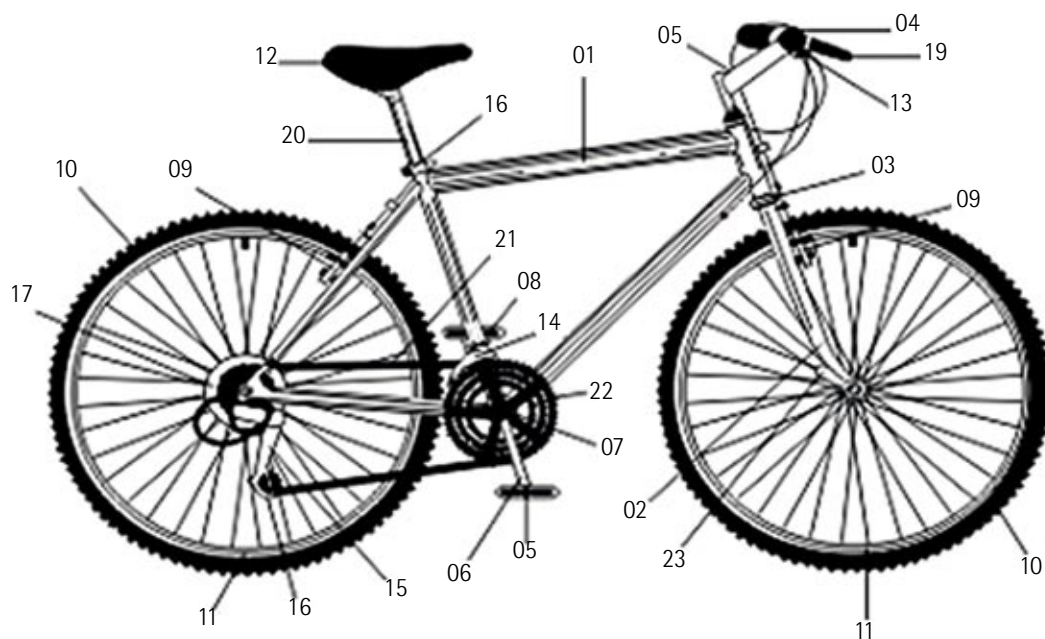


Figura 5

- | | |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Quadro | 12. Selim |
| 2. Garfo dianteiro | 13. Alavancas de câmbio |
| 3. Movimento de direção | 14. Descarrilhador dianteiro |
| 4. Guidão | 15. Descarrilhador traseiro |
| 5. Suporte de guidão | 16. Protetor de câmbio |
| 6. Pedivela | 17. Protetor de raios |
| 7. Movimento central | 18. Porca da abraçadeira do selim |
| 8. Pedais | 19. Alavanca de freio |
| 9. Freios (dianteiro/traseiro) | 20. Canote do selim |
| 10. Pneus | 21. Corrente |
| 11. Aros | 22. Rodas dentadas |
| | 23. Blocação rápida da roda |

A seleção lexical está vinculada à ideia central do texto. Com base nessa assertiva, seguiremos a análise de Antunes (2010) sobre o texto a seguir:

A geração digital entra em cena

Julia Baldacci Orlovsky brinca de boneca e faz roupinhas como toda criança de 5 anos fazia na época de sua mãe e continua fazendo ainda hoje. Com uma diferença: ela desenha no computador os vestidos, que depois são impressos em tecido. O fim da velha brincadeira de casinha? Não, sinal dos tempos. A nova geração, nascida sob o signo da revolução da informática, sabe manejar computadores com a mesma agilidade com que suas avós manejavam dedal, agulha e linha. Muito diferente de seus pais, que só foram conhecer os recursos do micro quando adultos, a maior parte no ambiente de trabalho.

A geração que amava os Beatles e os Rolling Stones tem pesadelos diários com os manuais de instrução dos aparelhos eletrônicos. Seus filhos nem precisam se valer deles. Leonardo Sá Freire de Oliveira, de 9 anos, aprendeu a ligar aparelho de som aos 2 anos para apreciar seus CD prediletos. Depois, conheceu o videocassete, o videogame e o computador. Aos 4, decepcionou-se com a aula de informática da pré-escola que frequentava porque os micros eram antiquados. "Não tem Windows? Então não quero", declarou à professora atônita na época. Os pedagogos reagem desconcertados ao fenômeno que ameaça fugir de seu controle. Como lidar com crianças assim?

André Matias Ribeiro, de 4 anos, não sabe ler nem escrever, mas desde os 3 mexe no micro. Para ele, o *mouse* é mais fácil de movimentar que a caneta. Ana Luiza Pires da Cunha, de 10, desmonta e monta aparelhos eletrônicos desde pequena. Para crianças como essas, a vida de hoje sem controles remotos nem computadores equivaleria a uma idade das trevas. Todas têm extrema facilidade em lidar com novas tecnologias. Pesquisas feitas nos Estados Unidos mostraram que 70% das crianças daquele país usam computador em casa ou na escola. Algumas aprenderam com 18 meses a manusear o *mouse*. Em 1994, 50% dos jovens consideravam "in" acessar a internet. Essa porcentagem pulou para 88% no ano passado.

E no Brasil? Pesquisa exclusiva encomendada por *Época* ao Instituto Vox Populi, realizada em cinco capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte) confirma que os brasileiros estão se digitalizando. Crianças como as paulistas Julia e Ana Luiza, o baiano André e o carioca Leonardo não são exceções. A maioria dos jovens de sua geração sabe usar aparelhos como computador, videocassete, micro-ondas e radiorrelógio. Muitos dos que têm computador passam longas horas rodando programas, jogos ou acessando a internet. Quando ligados à rede mundial, navegam pelos sites, mas também não perdem a oportunidade de frequentar salas de bate-papo. (SHIMIZU, Heitor e JONES, Frances. *Época*. São Paulo, Globo, 19 out 1998. Fragmento)

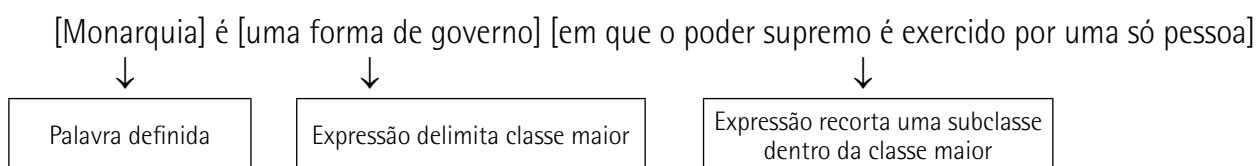
Os autores partem do confronto entre as gerações – a mais nova, nascida sob o signo do computador, e a mais velha, conhecedora da nova tecnologia apenas na fase adulta – para construir o tema central do texto que é desenvoltura das crianças em relação à tecnologia. Com base no tema, temos a seleção lexical:

- as palavras recaem na tecnologia: micro, mouse, controle remoto, novas tecnologias, aparelhos eletrônicos, informática, videocassete, videogame, computador, internet, rede mundial, sites, salas de bate-papo etc., além de verbos específicos: digitalizar, acessar, ligar, manusear, manejar, navegar etc.

As palavras constituem a seleção lexical específica da área da informática, formando o eixo temático do texto. As palavras de outras áreas (navegar, por exemplo), que emigraram, foram ressignificadas.

Outro aspecto importante sobre conhecimento lexical é a caracterização de uma definição. A definição é um texto curto que define o significado de uma palavra. O texto precisa ser claro e preciso nas informações. De modo geral, identifica a classe maior à qual pertencem os objetos que a palavra nomeia e aponta as propriedades que distinguem esses objetos no interior dessa classe maior. Exemplo dado por Ilari (2003):

Quadro 5



Entre as razões para definir, apontamos para:

- Aumentar o vocabulário: diante de palavras desconhecidas, a compreensão melhora se definir o que foi dito/lido.
- Eliminar ambiguidades: a palavra em um contexto pode não estar empregada de forma em um sentido claro; assim, convém definir a palavra.
- Tornar exatos os limites de aplicação de palavras desconhecidas, mas vagas: quando a palavra é usada em nosso cotidiano, mas é vaga (por exemplo: produto), é importante definir o sentido da palavra naquele contexto.

Uma definição não pode ser mera enumeração de exemplos circular (ex.: azul é a cor do que é azul), nem obscura, com termos difíceis. Ela também não pode ser muito ampla. Por exemplo: sapato é uma coisa que se põe nos pés (as meias também cobrem os pés). Não pode ser demasiado estreita, como no caso: bonde é o veículo que circula no Parque Taquaral, em Campinas (existem outros bondes no mundo). Além disso, não pode ser figurada: uma árvore é um cabide de folhas.

Um texto bem-redigido é aquele que consegue definir com precisão as situações descritas. Veja o caso das infrações previstas no código nacional de trânsito, em cujo texto não ocorre definição correta:

- "Dirigir com fones de ouvido conectados a aparelho de som ou telefone celular"
- "Ultrapassar veículo em movimento que integre cortejo ou desfile, sem autorização"

Lanço-lhe um grande desafio: reconstrua o texto do novo código de trânsito. Tente resolver o problema deixado pelo texto original, porque, pela redação, seria possível multar o motorista que responde a uma chamada de telefone celular enquanto guia? Quem ultrapassa um dos veículos autorizados a integrar o desfile comete uma infração?

A atividade linguística é simbólica, significando que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categoriza o mundo. Conforme Fiorin (2006, p. 56):

No léxico de uma língua, agrupamos nomes em classes. *Violeta, rosa, margarida* pertencem à classe das flores. Mostrar uma margarida não exprimiria a classe *flor*. Exibir um objeto não exprime as categorias gramaticais, como a do singular ou do plural. A língua não é um sistema de mostração de objetos, pois a linguagem humana pode falar de objetos presentes ou ausentes da situação de comunicação. Aliás, o objeto nem precisa existir para que falemos dele, pois a língua pode criar universos de coisas inexistentes.

Com base nessa explicação, o autor dá o exemplo da palavra pôr do sol. Do ponto de vista científico, não existe pôr do sol, porque, se existisse, o Sol giraria em torno da Terra. Esse conceito foi criado pela língua e determina uma realidade que encanta a todos nós. Ainda segundo o autor, uma "nova realidade, uma nova invenção, uma nova ideia exigem novas palavras, mas é sua denominação que lhes confere existência." (FIORIN, 2006, p. 56)

A maneira como vemos o mundo varia de língua para língua. Por exemplo, como definir a palavra *prima* em português? A palavra tem mais de um conceito; então, a restringiremos ao campo lexical da música. Como resultado, podemos ter:

Prima significa corda que emite som mais agudo em instrumento como violino, guitarra.

Por que usamos a palavra "*corda*"? Ela é sinônimo de *barbante*. Por que não definimos *prima* como "*barbante que emite som mais agudo...*"? O conhecimento intuitivo juntamente com nossa convivência com outros falantes da língua portuguesa nos leva a selecionar o léxico. Outros casos:

- matar a fome (e não assassinar a fome);
- dormir profundamente (e não dormir exatamente);
- comer frutas, verduras, acarajé, peixe, bolo (e não laranja, manga, pirulito, picolé);
- chupar picolé, pirulito, laranja, manga (e não verduras, peixe, bolo);
- tomar sorvete, caldo, sopa, mingau (e não peixe, pirulito, manga).

Para encerrar esta parte de conhecimento lexical, que envolve tantos aspectos e nuances devido à riqueza de uso, apontarei mais dois casos.

Temos na nossa língua os numerais, que são palavras que indicam quantidade (um, dois, três...), a ordem em que os seres se encontram (primeiro, segundo...), aumento proporcional de quantidade (duplo, triplo, quádruplo...) e a divisão dos seres (um meio, um terço...).

No entanto, ao contrário do que pensamos ou a gramática nos ensina, os números são frequentemente usados para dar qualidade aos objetos. O que significa, caro aluno descrente da minha afirmação, cada numeral a seguir?

- revólver trinta e oito;
- gol mil;
- ouro dezoito;
- álcool noventa;
- carro zero;
- máquina zero (no cabeleireiro, depois do vestibular);
- carro quatro por quatro.

No caso do revólver, o numeral trinta e oito é o calibre da arma; o numeral mil é a cilindrada do motor do carro e assim por diante.

O léxico formado por numerais também é constantemente empregado em frases feitas. O que significam nos numerais das frases feitas seguintes e como elas podem ter surgido?

- quintos do inferno;
- bater com as dez;
- estar a mil;
- como dois e dois são cinco;
- ser um zero à esquerda.

Verificamos que os numerais nas frases feitas não são indicadores de quantidade, ordem etc. Damos outros sentidos a eles.

Exemplo de aplicação

Escreva o nome de cada significação, sabendo que cada nome é um numeral:

- _____ - corda que emite som mais agudo como em violino, guitarra;
- _____ - reza;
- _____ - aposento;
- _____ - descanso depois do almoço;
- _____ - intervalo entre notas musicais;
- _____ - contribuição (religiosa);
- _____ - período do calendário litúrgico cristão, que precede a Páscoa;
- _____ - período de isolamento de animais ou pessoas suspeitos de serem portadores de doença contagiosa.

Comentário: As palavras listadas são:

prima - corda que emite som mais agudo como em violino, guitarra);

terço - reza;

quarto - aposento;

sesta - descanso depois do almoço;

oitava - intervalo entre notas musicais;

dízimo - contribuição (religiosa);

quaresma - período do calendário litúrgico cristão, que precede a Páscoa;

quarentena - período de isolamento de animais ou pessoas suspeitos de serem portadores de doença contagiosa.

Segundo Ilari (2003), as palavras listadas eram numerais em sua origem, mas hoje essa ideia de número foi perdida, prevalecendo as significações atuais.

Por fim, falaremos sobre a relação entre a seleção lexical e o campo de trabalho. Cada setor da vida social é marcado por diferenciações em relação a situações, objetos, mecanismos, procedimentos próprios. A especialização lexical dispõe de uma seleção de conjunto de palavras, as quais recebem um significado específico e permitem a interação entre os participantes.

Assim, cada área tem suas especificidades, seja na área pedagógica, jornalística, médica, entre tantas outras. A adequação vocabular no âmbito da especialização ocorre também dentro da mesma área. Uma área como letras, por exemplo, possui várias linhas teóricas, que convergem, mas também têm divergência. Assim, a seleção lexical (estrutura, sistema, dicotomia, diacronia/sincronia etc.) faz parte da linha teórica chamada estruturalismo. Tal seleção não pode ser apresentada na análise do discurso devido à divergência de ideias. Nesta, a seleção é outra (discurso, sujeito, ideologia, opacidade, materialidade etc.).

O profissional contextualiza sua linguagem e, consciente, faz a seleção lexical adequada e específica da área a qual ele faz parte, conseguindo êxito na comunicação.

O texto abaixo é a introdução de um artigo científico da área médica:

A fibrilação atrial representa um importante problema clínico; é o mais frequente distúrbio do ritmo cardíaco que requer intervenção terapêutica, pode gerar sintomas incapacitantes, é uma causa frequente de internações hospitalares, agrava clínica e hemodinamicamente a insuficiência cardíaca, está associada com aumento de mortalidade e, de maneira consistente, está implicada em acidentes tromboembólicos sistêmico.

Em alguns países, hoje, a cardiopatia hipertensiva e a insuficiência cardíaca correspondem às principais anormalidades cardíacas associadas à fibrilação atrial. Em nosso meio, porém, a

cardiopatia reumática ainda tem prevalência elevada, suas sequelas estruturais correspondem a uma das principais causas de tratamento cirúrgico valvar e, nesse contexto, a fibrilação atrial de natureza reumática, obviamente, continua a ser para nós um importantíssimo problema clínico.

Em pacientes com valvopatia mitral e fibrilação atrial, a correção cirúrgica da disfunção valvar não resulta, em geral, em uma solução para a arritmia, pois os índices de recorrência são elevados, atingindo até 80% em 6 meses.

(VASCONCELOS et al., 2004.)

No texto, há o campo lexical da área medica, constando:

- fibrilação, sintomas, internações hospitalares, clínica e hemodinamicamente, insuficiência cardíaca, tromboembólicos, disfunção etc.

A sua profissão e o seu curso nesta Instituição de ensino, caro aluno, possuem, respectivamente, um campo lexical específico. Entre os cursos, encontra-se o de Pedagogia. Mesmo que você não faça parte do curso de Pedagogia, convido-o a ler o texto seguinte e verificar nele termos ou expressões que são pedagógicos típicos.

Ensinar exige rigorosidade metódica

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se "aproximar" dos abjetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso "bancário" meramente transferido do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no "tratamento" do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinando, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.(FREIRE, 2008).

São várias palavras e expressões desse texto do campo lexical pedagogia, entre elas:

- educador, educandos, reais sujeitos (referentes aos sujeitos da educação),
- capacidade crítica, rigorosidade metódica, ensinar, aprender criticamente, verdadeira aprendizagem, construção e da reconstrução do saber (referentes à finalidade da educação).

Convido-o a fazer um levantamento do campo lexical pertencente à área da matemática no texto abaixo:

Exemplos de possíveis conexões entre a matemática e a ciência

Exemplo 1: medidas

I Explore a questão

Quão distante representa um ano-luz (em quilômetros)?

II O que você pensa ?

Para os companheiros Milkiwanianos, é difícil imaginar quão longe a Terra está do planeta deles. Você deve ter alguma ideia por que a viagem deles para a Terra leva bastante tempo. Mas eles somente sabem que foram "anos-luz". Quão distante isto significa?

O termo ano-luz soa como se fosse uma unidade de tempo, porque a palavra ano faz parte da expressão. De fato é uma medida de distância, da mesma forma que polegadas, metros ou milhas. Porém ano-luz significa uma distância muito maior. É a distância que a luz percorre em um ano.

É um conceito difícil de ser entendido. Vamos começar com algo mais fácil. Vamos começar com uma medida que chamaremos de ano-carro, isto é, a distância que um carro percorre em um ano.

Supondo que em Milwane os carros não sejam tão diferentes dos carros da Terra, eles viajam, em média, cerca de 60 milhas ou 98 quilômetros (km) por hora. (PREFEITURA DE SALVADOR, 2011)

Entre as palavras e expressões da área matemática, encontramos:

- medidas, unidade, medida de distância, polegadas, metros, milhas, ano-luz (referentes a medidas).

Exemplo de aplicação

Faça você, agora, um levantamento de termos/expressões específicas da sua área de atuação no quadro, referentes a:

Quadro 6

Atuação profissional	Procedimentos	Recursos

2.2 Conhecimento fonético/fonológico

Não seja tímido, caro aluno: esteja onde estiver neste momento da leitura do livro-texto, pronuncie em voz alta: **casa**.

Você sabe quantos sons foram pronunciados para formar a palavra "casa"? Distinguimos /k/, /a/, /z/, /a/, ou seja, quatro sons, chamados também fonemas.

Nascer e crescer em uma comunidade linguística implica:

- ouvir e entender a língua da comunidade;
- falar a mesma língua da comunidade;
- e, também, preparar, nos primeiros anos de vida, o nosso físico (corpo) para produzir os fonemas da língua da comunidade.

Significa que, ao pronunciar "casa", seu organismo está preparado para ouvir e falar os fonemas /k,a,z,a/ com facilidade e sem estranheza. Assim, pronuncie, em voz alta, **brasileiro, festa, atraso**. Não houve também problema quanto à pronúncia, porque os sons saíram com facilidade da cavidade bucal.

Quando pronunciamos um fonema, parte de nossos órgãos (aparelho fonador) entra em funcionamento. Veja a figura 4, a seguir, em que há um desenho esquemático do aparelho fonador.

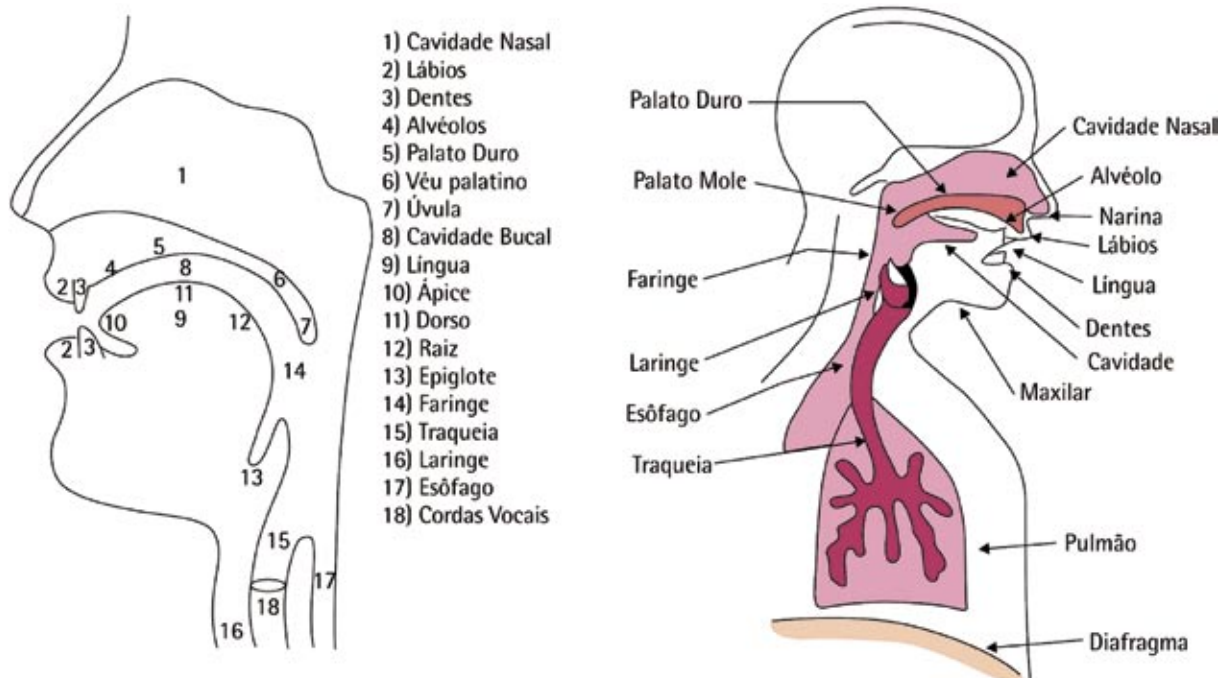


Figura 6

Como bem dizem Massini-Cagliari e Cagliari (In: MUSSALIN e BENTES, 2005, p. 107):

Para falar, uma pessoa usa mais da metade do corpo: do abdômen até a cabeça. Os linguistas não sabem ao certo onde fica o centro processador da linguagem, mas, tradicionalmente, atribui-se ao cérebro ou à alma. A verdade é que, antes de abrir a boca para falar, uma pessoa necessita planejar o que vai dizer e enviar comandos neuromusculares para que sua fala se realize. Como a linguagem é um composto de ideias e de sons, é preciso organizar as ideias e os sons que irão carrear essas ideias.

Sem consciência do fato, desde os primeiros meses de vida, passamos a utilizar os órgãos do aparelho fonador para pronunciar determinados sons da língua da comunidade. Assim, abrimos a boca para pronunciar os fonemas vogais:

Quadro 7

Símbolo fonético	Letras correspondentes na ortografia	Exemplos
i	I	/mininu/ menino
e	E	/ve/ vê, /akeli/ aquele
ε	É	/pε/ pé, /akεla/ aquela
a	A	/la/ lá /kaza/ casa
ɔ	Ó	/pɔ/ pó
o	O	/todu/ todo
u	U	/tudu/ tudo, /sautu/ salto

Treinamos a nossa língua (órgão) para pronunciar as vogais. Preste atenção em que posição fica a língua quando pronunciamos a vogal /a/. A língua fica parada (em posição central). Agora, fale /e/; o dorso da língua vai para frente (em posição anterior). Fale /o/; o dorso da língua é deslocado para trás (em posição posterior). Tais movimentos da língua foram treinados por nós desde bebês, preparando tal órgão para a articulação desses fonemas.

Tente pronunciar o som "i" francês, aquele famoso que exige biquinho. Nós temos dificuldade, não é natural, porque nós não colocamos em treinamento nosso aparelho fonador para pronunciar tal som vogal francês. Da mesma forma, tente pronunciar **Brasil**, sem finalizar com som /u/ no final, mas com som típico do Sul do país: **Brasil** /braziu/ - /brazi/.

Temos, então, sete fonemas vogais na língua portuguesa e eles são pronunciados com a boca aberta e o dorso da língua muda de posição (central, anterior ou posterior) dependendo do som. A corrente de ar sai da boca sem obstáculo e leva o som até o ouvido do nosso interlocutor.

A corrente de ar chega à parte superior da faringe e encontra dois caminhos: a passagem oral, pela boca, e a passagem nasal, pela cavidade nasal. O ar pode seguir um desses caminhos ou ambos. Quando segue em ambos os caminhos, produzimos os sons vogais nasais /ã, ê, ã, õ, ã/. O falante da língua portuguesa sabe que ao ouvir/falar /la/ e /lã/ há diferença de significado: lá significa lugar distante da pessoa que fala e lâ, um tipo de tecido. Na nossa língua, nós precisamos identificar /a/ e /ã/, porque esses fonemas criam palavras distintas com significados diferentes.

Em relação aos fonemas consonantais, o nosso aparelho fonador entra em cena de forma diferenciada. Todo e qualquer som consonantal não sai da boca como sai o som vogal. Pronuncie: /b/. Os lábios se encontram para a formação deste fonema, criando um obstáculo para a corrente de ar.

O modo de articulação da consoante pode ser:

- Oclusivo: o som é produzido com bloqueio total à corrente de ar em algum ponto do aparelho fonador. Ex.: /p/, /g/, /d/.
- Nasal: som produzido com bloqueio à corrente de ar na cavidade oral, com concomitante abaixamento do véu palatino (item 6 da figura 6), permitindo a saída da corrente de ar pelas narinas. Ex.: /m/, /n/, /nh/.
- Fricativo: o som é produzido com estreitamento em qualquer parte do aparelho fonador de tal modo que o ar produza fricção. Ex.: /f/, /v/, /s/, /j/.
- Lateral: o som bloqueia a passagem central da corrente de ar na parte anterior da cavidade oral, permitindo um escape lateral. Ex.: /l/, /lh/.

Os fonemas consonantais são produzidos pelos lugares de articulação:

- Bilabial: som produzido com um estreitamento ou fechamento pela aproximação dos lábios.

Fonemas: /p, b, m/.

- Labiodental: som produzido com o contato do lábio superior com dos dentes incisivos superiores.
Fonemas: /f, v/.
- Dental: é o som produzido com a ponta da língua entre os dentes incisivos superiores e inferiores ou com a ponta da língua contra a parte posterior dos dentes incisivos superiores.
Fonemas: /t, d, n, r (mar), r (caro), l/.
- Alveolar: é o som produzido com a parte da frente da língua em direção aos alvéolos dos dentes incisivos superiores.
Fonemas: /s, z, r (carro)/.
- Palatal: som produzido com a parte central da língua contra a parte central (mais alta) da abóbada palatina, indo até o fundo do palato duro.
Fonemas: /nh, lh/.
- Velar: som produzido com o dorso da língua contra o palato mole.
Fonemas: /k, g, x/.

Além do preparo que fazemos com o nosso aparelho fonador para a produção dos sons específicos da língua portuguesa, quando falamos, juntamos os sons das palavras.

Quadro 8

Não falamos assim	Juntamos os sons
o...j...e = (hoje)	/oje/ = hoje
Hoje... está... chovendo... bastante	hojeestáchovendobastante

Separar as palavras de um mesmo texto é ocorrência na escrita, não na fala. Ressalto, porém, que pode ocorrer a segmentação dos sons. Devido à segmentação dos sons, casos divertidos resultam em sentidos diferentes. Façamos algumas atividades propostas por Ilari (2001):

Exemplo de aplicação

1. Há uma conhecida letra de forró que fala do gato Tico. Ou será que fala de outra coisa?

Tico mia na cama,
Tico mia no quarto...

2. O que há de singular com estes concursos de miss?

Miss Java, Miss Japão
Miss Gana, Miss Garça
Miss Malta, Miss Capa
Miss Angra, Miss Obra

Miss Pinho, Miss Pano
Miss Barra, Miss Torno

3. Descubra mais algumas adivinhas como as que seguem:

Quais são as **gatas** que andam debaixo dos pés? – As alparg**atas**.
Qual o pedaço da **sacola** que gruda? – A **cola**.

4. A ambiguidade de segmentação é um dos recursos de construção da poesia contemporânea. Transcreva as passagens em que a ambiguidade de segmentação foi usada como um recurso, neste poema de José Paulo Paes:

Adivinha dos peixes

Quem tem cama no mar? O camarão.
Quem é sardenta? Adivinha. A sardinha.
Quem não paga o robalo? Quem roubá-lo.
Quem é o barão no mar? Só tubarão.

Gosta a lagosta do lago? Ela gosta.
Quantos pés cada pescada tem, hem?
Quem pesca alegria? O pescador.
Quem pôs o polvo em polvorosa? A rosa.

Os fonemas de uma língua são organizados em sílaba, cuja estrutura básica nas línguas do mundo é CV: consoante seguida de vogal. Na estrutura, as vogais tornam-se o centro da sílaba. No caso da língua portuguesa, não existe sílaba sem vogal, por isso aqueles agrupamentos de sons mudos (sem vogal) associam-se à sílaba anterior.

Os tipos de sílabas em língua portuguesa são:

- a) a. cor. do ----- V. CVC. CV
- b) pers. pec. ti. va ----- CVCC. CVC. CV. CV
- c) prá. ti. co ----- CCV. CV. CV
- d) a. gru. par ----- V. CCV. CVC

Normalmente, pronunciamos as sequências de palavras "casa amarela" como /kazamarela/; "casa horrível", como /kazoriveu/; "toda a amizade", como /todamizade/. Segundo Cagliari (2006), ocorre a *juntura*: juntamos sílabas em palavras.

O fenômeno de juntura pode envolver até três vogais, como é o caso de "toda a amizade", que perde duas vogais. Na fala, to-da-a-a-mi-za-de pode ser pronunciada /todamizade/.



Observação

Obviamente, a escrita ortográfica não acompanha esse conhecimento fonético/fonológico que possuímos. Outra sabedoria nossa é distinguir os fatos da fala e os fatos da escrita.

Outro aspecto da sílaba – além da junção – é o acento. A escrita não tem sílaba tônica ou átona; isso só ocorre na fala. Para a gramática tradicional, o artigo "a" é átono e o verbo "há" éônico; no entanto, foneticamente, essa distinção não é possível, uma vez que as pronunciamos da mesma maneira.

Cagliari (2006) nos dá um exemplo ótimo de como acentuação ocorre na fala, colocando em negrito o destaque que damos na fala para as sílabas:

a) Ele não comprou um **carro novo**.

b) Ele não comprou um **carro novo**.

c) Ele não comprou **um carro novo**.

Assim, conforme nossa intenção ao falar, destacamos as sílabas, acentuando-as. Tal destaque difere o sentido da frase. Entre outros sentidos, percebemos que:

- a frase a) pode ser resposta para a pergunta: "O que ele não comprou?"
- a frase b) pode ser resposta para a pergunta: "O que ele não fez?"
- a frase c) pode ser resposta para a pergunta: "Quantos carros novos ele não comprou?"

Então:

A saliência da sílaba tônica provém de uma duração maior, ou de uma intensidade de pressão da corrente de ar, resultado de um maior esforço dos músculos da respiração, ou de uma intensidade acústica maior, ou de uma altura melódica maior, ou até de uma mudança marcante na direção do contorno melódico (CAGLIARI, 2006, p. 75).

O acento, por fim, tem função de distinguir palavras como sábia, sabia e sabiá e destacar as sílabas segundo as intenções do falante.

Exemplo de aplicação

A letra de música de Chico Buarque e Gilberto Gil ficou famosa devido ao jogo fonético causado pelo título. Quando ouvimos /kalise/, atribuímos dois sentidos distintos à palavra cálice. Quais são?

Cálice

Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue...
Como beber dessa bebida amarga;
Tragar a dor e engolir a labuta?
Mesmo calada a boca resta o peito.
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa?!
Melhor seria ser filho da outra;
Outra realidade menos morta;
Tanta mentira, tanta força bruta.
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue...
Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano.
Quero lançar um grito desumano,
Que é uma maneira de ser escutado.
Esse silêncio todo me atordoa...
Atordoados eu permaneço atento
Na arquibancada, prá a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa.
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue...
De muito gorda a porca já não anda. (Cálice!)
De muito usada a faca já não corta.
Como é difícil, Pai, abrir a porta... (Cálice!)
Essa palavra presa na garganta...
Esse pileque homérico no mundo.
De que adianta ter boa vontade?
Mesmo calado o peito resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade.
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue...
Talvez o mundo não seja pequeno, (Cale-se!)
Nem seja a vida um fato consumado. (Cale-se!)

Quero inventar o meu próprio pecado. (Cale-se!)
 Quero morrer do meu próprio veneno. (Pai! Cale-se!)
 Quero perder de vez tua cabeça! (Cale-se!)
 Minha cabeça perder teu juízo. (Cale-se!)
 Quero cheirar fumaça de óleo diesel. (Cale-se!)
 Me embriagar até que alguém me esqueça. (Cale-se!)

(BUARQUE, 1978)

Comentário: os fonemas /kalise/ nos remetem a duas possibilidades auditivas: à palavra cálice /kalise/ ou às palavras cale-se (verbo calar e pronome se). Tanto a palavra cálice quanto o verbo cale têm acento – na fala – na mesma sílaba /ka/. O acento ajuda também na remissão às duas possibilidades.

Ressalto que na época ditatorial brasileira, quando a música foi lançada, essa ambiguidade dos fonemas /kalise/ é contextualizada à situação histórica.

A música e outros textos, que exploram a sonoridade, agradam ou desagradam nossa sensibilidade auditiva, além de sugerirem ideias. A palavra assovio, por exemplo, traz-nos noções de ruído agudo, de produção de sopro e de nota aguda encontradas no significado e essas noções correspondem à consoante de ruído agudo [s], ao fonema produtor de sopro [v] e à vogal de nota aguda [i].

Quadro 9

Significado		sons
ruído agudo	 /s/	consoante de ruído agudo
produção de sopro	 /v/	fonema produtor de sopro
nota aguda	 /i/	vogal de nota aguda

Os textos literários, publicitários, letras de músicas, mitos, lendas, contos e tantos outros textos lúdicos recorrem aos processos da linguagem que aproveitam e valorizam as sonoridades do sistema fonológico, como a aliteração, assonância, homeoteleuto e a rima.

Aliteração é a repetição dos mesmos sons consonantais, e assonância é a repetição vocálica em sílabas tônicas. Há um poema muito agradável auditivamente, de Cecília Meireles:

Colar de Carolina

Com seu colar de coral,
 Carolina
 corre por entre as colunas

da colina.
O colar de Carolina
colore o colo de cal,
torna corada a menina.
E o sol, vendo aquela cor
do colar de Carolina,
põe coroas de coral
nas colunas da colina.

(MEIRELES, 2002)

Nós somos leitores ou ouvintes de textos poéticos e reconhecemos nesses o trabalho com os fonemas. No caso do poema *Colar de Carolina*, temos a repetição do fonema consonantal /k/, transcrito com a letra c nas palavras: com, colar, coral, Carolina, corre, colunas, colina, colore, colo, cal, corada, cor, coroas. A esse recurso damos o nome de aliteração.

Há também repetição dos fonemas vogais /a/, /o/ nas palavras: com, colar, Carolina, colunas, colina, colore, colo, cal, corada, coroas. Esse recurso é a assonância.

Tais recursos são muito usados por poetas e compositores de música. Nós encontramos também em slogan de anúncios publicitários:

- Abuse e use (da loja de roupas C&A).
- Beba Coca-Cola (da franquia Coca-Cola).

Outros recursos sonoros são o homeoteleuto, que é a repetição de sons no final das palavras, bastante comum na enumeração, e a rima, que se trata da coincidência de sons, geralmente em final de palavras que se dá na poesia.

Um exemplo de homeoteleuto vem do escritor brasileiro Guimarães Rosa:

- "O sol cresce, amadurece"
- "Cassiano pensou, fumou, imaginou, trotou, cismou, e, já a duas léguas do arraial, os seus cálculos acharam conclusão."

No primeiro trecho temos a repetição dos fonemas /e,ç,e/ em "cresce" e "amadurece" e, no segundo trecho, a repetição dos fonemas /o,u/ em "pensou", "fumou", "imaginou", "trotou", "cismou", formando uma rima interna chamada homeoteleuto.

Nos casos da rima, encontramos diversas em poema e letras de música.

A onomatopeia é um recurso sonoro extremamente usado em história em quadrinhos (HQ), mas aparece em outros tipos de texto. Em um sentido mais amplo, significa a reprodução (ou a tentativa)

de um ruído. É a transposição na língua humana de gritos e ruídos inarticulados. As onomatopeias são convencionais e não recriadas espontaneamente pelo falante.

Entre os exemplos, temos novamente um trecho da obra de Guimarães Rosa "Tinha dado o vento, caíam uns pingos grossos, chuva quente. O vento vuvo: viiv... viiv". Nesse fragmento, a onomatopeia consiste na reprodução auditiva do barulho do vento: viiv... viiv.

Há substantivos onomatopaicos: pio, uivo, estalo, ribombo; verbos: tilintar, zumbir; e frases: bem-te-vi; to fraco.

O onomatopeísmo, então, dá expressividade às palavras que designam fenômenos sonoros, às que designam vozes de animais, ou atos sonoros produzidos pelas cordas vocais e afins.

Vejamos estes versos de Pedro Dinis que ilustram a segunda situação apontada (designação de vozes de animais). Quais são as onomatopeias?

Palram pega e papagaio
E cacareja a galinha,
Os ternos pombos arrulham,
Geme a rola inocentinha.

Muge a vaca, berra o touro
Grasna a rã, ruge o leão,
O gato mia, uiva o lobo
Também uiva e ladra o cão.

Relincha o nobre cavalo
Os elefantes dão urros,
A tímida ovelha bala,
Zurrar é próprio dos burros.

Regouga a sagaz raposa,
Brutinho muito matreiro;
Nos ramos cantam as aves;
Mas pia o mocho agoureiro.

Sabem as aves ligeiras
O canto seu variar:
Fazem gorjeios às vezes,
Às vezes põem-se a chilar.

O pardal, daninho aos campos,
Não aprendeu a cantar;
Como os ratos e as doninhas,
Apenas sabe chiar.

O negro corvo crocita,
Zune o mosquito enfadonho,
A serpente no deserto
Solta assobio medonho.

Chia a lebre, grasna o pato,
Ouvem-se os porcos grunhir,
Libando o suco das flores,
Costuma a abelha zumbir.

Bramam os tigres, as onças,
Pia, pia o pintainho,
Cucurica e canta o galo,
Late e gane o cachorrinho.

A vitelinha dá berros,
O cordeirinho balidos,
O macaquinho dá guinchos,
A criancinha vagidos.

A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais:
Nos versos lidos acima
Se encontram em pobre rima
As vozes dos principais.

Disponível em: <http://bibliodrruydandrade.no.sapo.pt/paginas/livros/textos_e_livros/textos/006.pdf>

São várias as onomatopeias neste poema. Elas representam as vozes de animais e são palavras classificadas como verbos:

- cacareja (verbo cacarejar), arrulham (verbo arrulhar);
- muge (verbo mugir), berra (verbo berrar), grasna (verbo grasnar);
- ruge (verbo rugir), mia (verbo miar), uiva (verbo uivar), ladra (verbo ladrar);
- relincha (verbo relinchar), bala (balar), zurrar, regouga, pia (verbo piar), chilrar, chiar etc.

Enfim, o conhecimento linguístico relacionado à fonética/fonologia significa ter o aparelho fonador preparado para pronunciar os fonemas típicos da língua. Além disso, significa também preparar nosso aparelho auditivo para identificar e reconhecer determinado som como pertencente à nossa língua.

Conhecimento linguístico fonético/fonológico torna a pessoa capaz de ouvir/entender e produzir textos orais, sejam eles a conversação, piada, palestra, letra de música etc., desde textos mais informais, do

dia a dia, até mais formais, em situações específicas (como palestras); textos mais práticos (conversação) até textos mais lúdicos (mitos, letras de música).

3 CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

3.1 Conhecimento morfológico

Outro conhecimento necessário para a compreensão ou produção de um texto dentro da língua é o morfológico. Você sabe o que significa morfologia? Você sabia que em várias áreas a palavra morfologia é empregada?

A figura abaixo faz parte da área da medicina, em especial da anatomia. Não é uma ilustração atual; na verdade, é de 1728, mas continua servindo para os nossos propósitos. O que significa morfologia nesta ilustração? Qual é sua serventia?

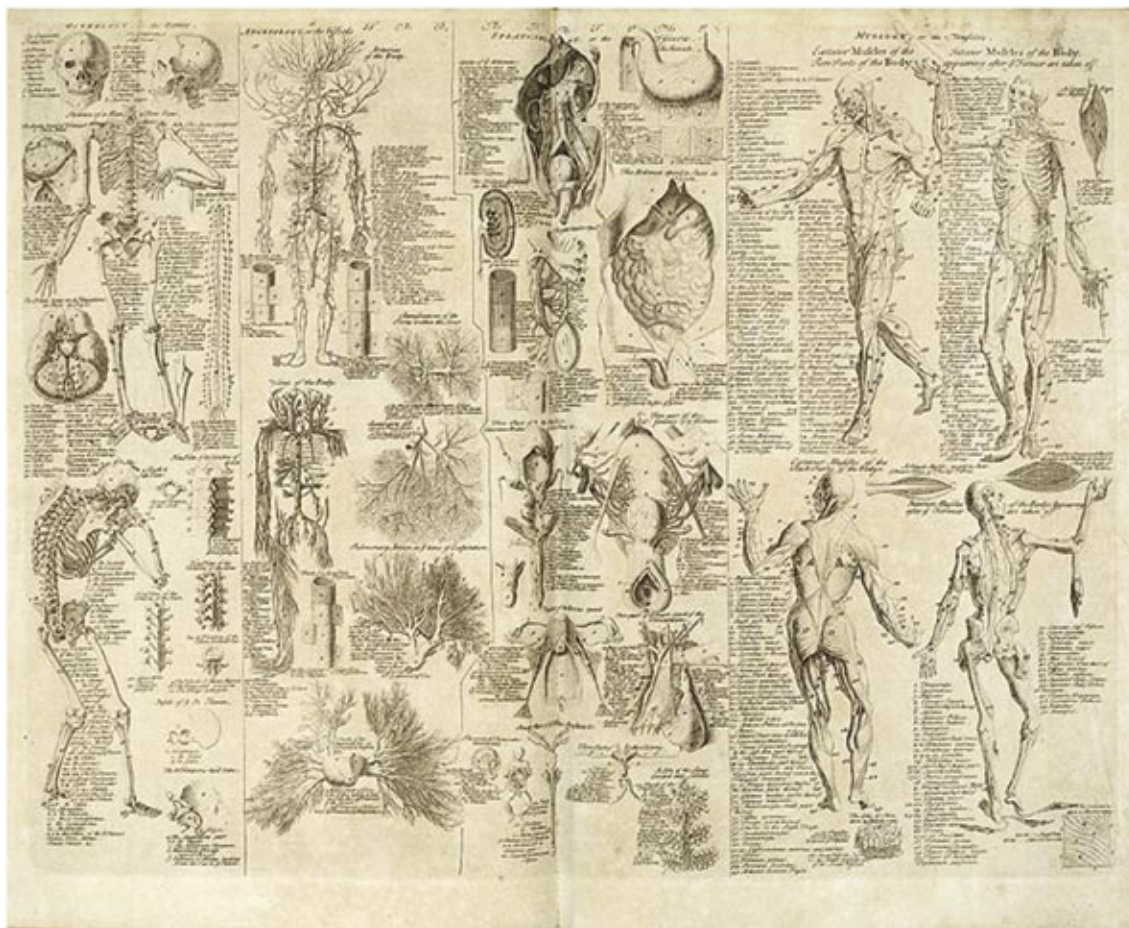


Figura 7

A Figura 8, a seguir, é da área da biologia, cuja legenda é "Exemplo de seção transversal e longitudinal de um caule". Também nesse caso nós temos uma morfologia. A pergunta se repete: o que significa morfologia na ilustração abaixo e qual é sua serventia?

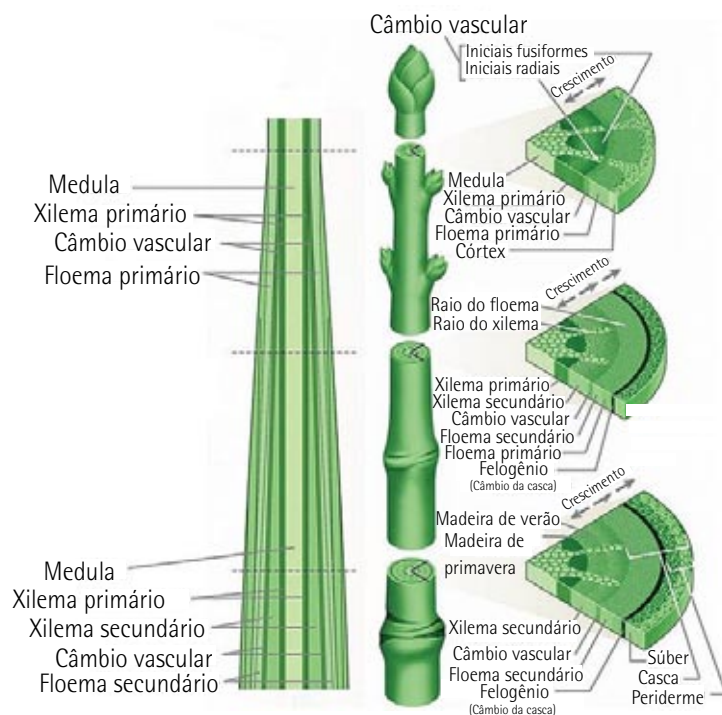


Figura 8

Já deu para perceber que quando falamos em morfologia, estamos tratando das partes constituintes de um todo. No caso da figura 7, que faz parte da área da medicina, a morfologia é o estudo do corpo humano, distinguindo suas partes anatômicas. Trata-se da mesma função na área da Biologia: detalhar as partes do caule.

E em relação à área da língua, o que significa morfologia? O nosso conhecimento morfológico refere-se às partes constituintes das palavras e às relações entre as palavras não no que se refere aos sentidos (conhecimento semântico), mas à função gramatical.

Exemplos de quadro morfológico na área da língua:

Quadro 10 – Morfologia de um substantivo em português

Menin	o				
Menin	o	s			
Menin	a				
Menin	a	s			
menin			inh	o	
menin			inh	o	s
menin			inh	a	
menin			inh	a	s
↓	↓	↓	↓	↓	↓
R	G	N	Af	G	N

Legenda

R - radical
G - gênero (fem./masc.)
N - número (sing./plural)
Af - afixo (diminutivo)

Segundo nosso conhecimento intuitivo, uma palavra em língua portuguesa pode ser feminina e masculina, sendo que usualmente o final das palavras é "o" para indicar masculino e "a" para indicar feminino:

menino – menina

Sabemos também que as palavras podem indicar uma só unidade ou várias unidades, ou seja, a palavra pode estar no singular ou no plural, sendo que "-s" é um indicador de plural na nossa língua e a ausência (Ø) desse indicador significa que a palavra está no singular:

meninoØ/meninos – meninaØ/meninas

Outro conhecimento adquirido com a convivência com outros falantes da nossa língua é sobre o afixo, parte da palavra que deve ser colocada antes (prefixo) ou depois (sufixo) do radical:

menininho – menininha

São vários os afixos, mas para caráter de exemplo indico alguns:

Quadro 11

afixo (prefixo)	exemplos	afixo (sufixo)	exemplos
i, im, in	infeliz	inho(a)	bolinha
re, bi	retomar	esa, eza	beleza
des	desfiado	al	fenomenal

Vejamos outro caso de morfologia:

Quadro B

Quadro 12- Morfologia de flexão nominal em português

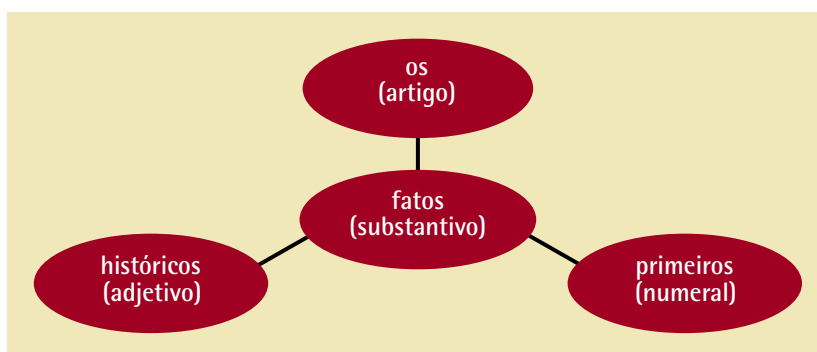
Legenda: A = artigo S = substantivo							
0	menino livro fato atletismo	os	meninos livros fatos atletismos	a	menina casa análise operação	as	meninas casas análises operações
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
A	S	A	S	A	S	A	S
singular/masculino		plural/masculino		singular/feminino		plural/feminino	

No quadro B, acima, as operações linguísticas feitas por nós referem-se às flexões nominais, ou seja, às combinações entre o artigo e o substantivo em relação ao gênero e número. Normalmente, em nossos textos orais e escritos, fazemos a combinação (flexão) entre as palavras: se uma (livro) está no

singular, a outra (o) que acompanha também é colocada no singular (o livro); se uma (livros) está no plural, a acompanhante (os) fica no plural (os livros). É a mesma situação para palavras combinadas em relação ao gênero: o menino (palavras no masculino), a menina (palavras no feminino). É um tipo de conhecimento sobre a língua que passamos a adquirir desde crianças e realizamos a flexão, mesmo não conhecendo o termo "flexão nominal".

A flexão nominal tem como centro – termo mais importante – o substantivo (a palavra nominal, que dá nome aos seres). A partir desse centro, outras palavras concordam com esse centro em gênero e número. Vejamos os quadros 13 e 14.

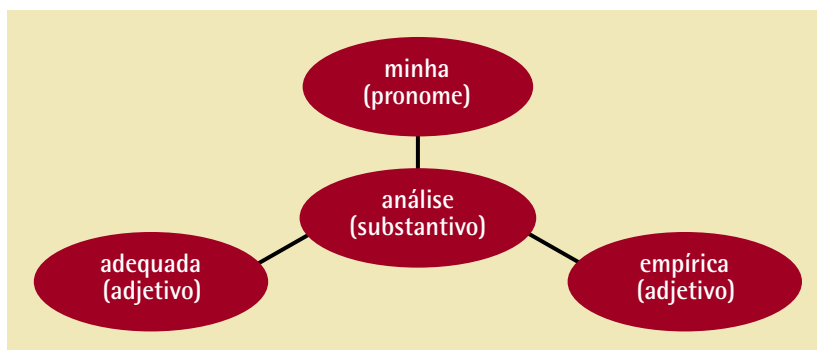
Quadro 13 – Morfologia de flexão nominal em português



Em relação à flexão nominal, o quadro 13 é um exemplo de concordância/combinação possível entre o substantivo e as outras palavras, em especial o artigo, o adjetivo, o pronome e o numeral. No quadro 13, o centro é constituído pelo substantivo "fatos", palavra que se encontra no plural e é masculina. No seu entorno, as palavras, com destaque a um artigo, adjetivo e numeral, também estão no plural e no gênero masculino. Temos, então, uma possível flexão entre as palavras.

Veremos, a seguir, outra possibilidade de flexão, tendo como centro um substantivo feminino.

Quadro 14 – Morfologia de flexão nominal em português



No quadro 14, a flexão nominal parte de uma palavra feminina e singular – análise – tendo como palavras acompanhantes colocadas também no mesmo gênero e número.

Nosso poeta Affonso R. Sant'Anna recorre à flexão nominal para criar um dos poemas mais famosos em relação à economia de palavras empregadas, porém, com riqueza de imagem. Convido-o, caro aluno, a fazer um quadro morfológico com dados do poema *A pesca*.

A pesca

o anil
o anzol
o azul

o silêncio
o tempo
o peixe

a agulha
vertical
mergulha

a água
a linha
a espuma

o tempo
o peixe
o silêncio

a garganta
a âncora
o peixe

a boca
o arranco
o rasgão

aberta a água
aberta a chaga
aberto o anzo

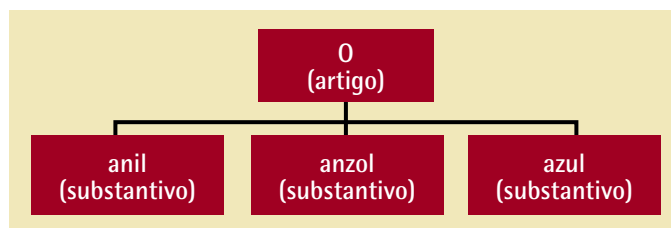
aquelíneo
agil-claro
estabanado

o peixe
a areia
o sol

(SANT'ANNA, 2010).

Na primeira estrofe, por exemplo, temos o artigo "o" que acompanha três substantivos – anil, anzol, azul – combinando com eles em gênero (masculino) e número (singular). Uma forma de fazer um quadro morfológico pode ser como o abaixo.

Quadro 15



Tal esquema morfológico pode ser aplicado em todas as estrofes. Na penúltima estrofe está subentendido que a palavra central, com a qual concordam os adjetivos "aquelineo", "ágil-claro" e "estabanado", é o substantivo peixe.



Observação

O quadro morfológico é apenas um recurso para melhor compreensão nossa, caro aluno. Não há nenhum procedimento rígido e oficial sobre ele.

As palavras têm estrutura que o falante nativo de uma língua reconhece, mesmo sem o conhecimento formal sobre como se chama cada parte estrutural. Enfim, um dos saberes adquiridos por nós desde bebês é que na nossa língua há a ideia de quantidade (ou número: singular e plural). Flexionamos as palavras, acrescentando –s. Dizemos livro para indicar singular (única unidade) ou livros para indicar plural (mais de uma unidade). Outro aspecto da nossa língua é o gênero das palavras. Existem palavras que são femininas: casa, avó, gata; e outras que são masculinas: livro, avô, gato. O grau das palavras é outro saber que temos sobre a língua. As palavras podem variar em relação ao grau, ficando sem alteração (normal) ou sofrendo alteração em diminutivo ou aumentativo. Temos, então, palavra como porco (grau normal), porquinho (grau diminutivo) e porcão/porcaço (grau aumentativo).

Esse conhecimento constitui o que a gramática chama de flexão nominal, representada no quadro abaixo:

Quadro 16

	Flexão	Substantivos	Adjetivos
Gênero	masculino x feminino	avô/avó porco/porca gato/gata	bom/boa
Número	singular x plural	porco/porcos gato/gatos	bom livro/ bons livros
Grau	normal x diminutivo x aumentativo	porco/porquinho porcão (porcaço)	bonzinho/bonzão
	normal x comparativo x superlativo		alto/altíssimo

A gramática apresenta como terminação típica –a para o feminino e –s para o plural, porém sabemos que existem outras formas indicadoras de gênero e número. As mudanças de timbre, por exemplo, indicam o gênero e o número de determinadas palavras, como ocorre em porco/porcos; mudamos o fonema de ô (som fechado) indicador de singular para ó (som aberto) para indicar plural; ou avô (fonema o fechado) para indicar palavra masculina e avó (ó, som aberto) para indicar palavra feminina.

Quanto ao grau, a gramática nos ensina que o grau indica tamanho. No entanto, quando uma pessoa é chamada de Paulão, em vez de Paulo, pode haver mais de uma explicação, além do tamanho: "porque ele é alto", "porque ele é grande", "porque ele é grosseiro", "porque ele é desajeitado" ou "porque é uma pessoa com quem todos se sentem à vontade".



Saiba mais

O estudioso brasileiro Rodolfo Ilari nos apresenta de forma muito agradável as diversas formas de uso da língua portuguesa na obra *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. Indico a obra a você, caro aluno, independente de sua área de atuação.

ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Sobre os casos seguintes, caro aluno, exclua aqueles em que as terminações não se associam naturalmente à palavra, formando combinações inexistentes na língua:

casa + s = casas
dente + íssimo = dentíssimo
feijão + zinho = feijãozinho
arroz + avam = arrozavam
telefone + érrimo = telefonérrimo
fácil + mente = facilmente
cantar + mente = cantarmente
cantar + s = cantars

Você deve ter considerado algumas associações, tais como: casas, feijãozinho, facilmente, e ignorado associações como arrozavam e cantarmente, por exemplo, por saber de forma até intuitiva que um falante nunca faria a associação. Afinal, sabemos que a terminação –avam é típica de verbo, sendo –va marca de passado e –m marca da pessoa "eles": (eles) continuavam, (eles) pensavam, (eles) beijavam etc. Tais terminações (-va e -m) ao serem colocadas após a palavra arroz, tornam a palavra, em consequência, um verbo: (eles) arrozavam, situação inexistente na nossa língua.

Voltemos ao poema *A pesca*, especificamente à estrofe três:

a agulha
vertical
mergulha

Diferente da maioria das estrofes, constituídas de flexão nominal, esta terceira têm dois tipos de flexão, uma nominal e outra verbal. A flexão nominal consiste na combinação do substantivo com seus acompanhantes:

A ← agulha → vertical

Artigo substantivo adjetivo

A palavra "agulha" é feminina e está no singular; logo, seus acompanhantes (a/vertical) seguem a mesma flexão.

A flexão verbal, por sua vez, consiste na concordância entre o substantivo, palavra no centro da combinação nominal, e o verbo:

agulha ↔ mergulha

A palavra "agulha" está no singular e o verbo também fica no singular. A palavra agulha pode ser substituída pelo pronome "ela" (terceira pessoa); por conseguinte, o verbo concorda, então, com a terceira pessoa do singular. Vejamos um quadro morfológico do verbo em português, ou seja, as partes constitutivas de um verbo.

Quadro 17 – Morfologia de verbo em português

mergulh	ø	o
mergulh	a	s
mergulh	a	ø
mergulh	a	mos
mergulh	a	is
mergulh	a	m
↓	↓	↓
R	VT	PN

Legenda:

R = radical

VT = vogal temática

DP = pessoa e número

Os nossos verbos, de modo geral, possuem esta estrutura: radical, vogal temática e terminação de pessoa e número. Como lembrete:

- radical é a parte da palavra que não muda e que traz o significado dela;
- vogal temática é a parte do verbo indicadora da conjugação a qual o verbo faz parte. São três vogais temáticas: a, e, i. Elas são colocadas após o radical. Exemplos:

- mergulhar, analisar, andar: vogal temática -a indica 1ª conjugação;
 - compreender, oferecer, ver: vogal temática -e indica 2ª conjugação;
 - atribuir, discutir, distinguir: vogal temática -i indica 3ª conjugação.
- terminação de pessoa refere-se às pessoas verbais: eu/nós (1ª pessoa singular/plural); tu/vós (2ª pessoa singular/plural); ele/eles (3ª pessoa singular/plural).

Os nossos verbos terminam sempre com indicação de pessoa:

- canto: indica "eu" (1ª pessoa do singular);
- cantavas: indica "tu" (2ª pessoa do singular);
- cantaremos: indica "nós" (1ª pessoa do plural) e assim por diante.

Quando lemos ou ouvimos um texto, o nosso conhecimento sobre flexão verbal é ativado e fazemos a ponte entre o verbo e a palavra com a qual o verbo concorda. Considere o texto retirado do *Manual de redação e estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo* no que concerne à relação entre o verbo e o substantivo:

Opiniões. 1 - O jornal, como um todo, tem opiniões sobre os assuntos que publica e as expressa em editoriais. O noticiário, por isso, deve ser essencialmente informativo, evitando o repórter ou redator interpretar os fatos segundo sua ótica pessoal. Por interpretar os fatos entenda-se também a distorção ou condução do noticiário. Exemplos: ao tratar dos trabalhos de remoção de favelados de um local, o repórter entra em considerações sobre as injustiças sociais e os desfavorecidos da sorte ou, ao tratar de um assalto, coloca a miséria como fator determinante da formação do criminoso. Deixe esse gênero de ilação a cargo dos especialistas ou editorialistas e apenas descreva os acontecimentos.

2 - Para oferecer ao leitor maior diversidade de pontos de vista, o jornal tem críticos, comentaristas, analistas, articulistas, correspondentes e outros que, em textos assinados, poderão expor suas opiniões, nem sempre coincidentes com as do Estado. Em casos excepcionais, nas reportagens mais amplas ou delicadas se permitirá algum tipo de interpretação. É obrigatório, porém, que sejam submetidas à Direção da Redação.(MARTINS, 2001).

As relações de combinação entre verbo e substantivo no texto acima são:

- jornal ↔ tem, publica, expressa
- noticiário ↔ deve ser
- repórter ↔ entra, coloca
- (leitor, você) ↔ deixe, descreva

- (críticos, comentaristas, analistas, articulistas, correspondentes e outros) que $\longleftrightarrow$ poderão expor

No *Manual*, fica claro que a concordância verbal consiste na relação entre o ser responsável pela ação do verbo e o verbo. Assim, se o repórter, por exemplo, "entrar" com opiniões no fato descrito ou "colocar" uma justificativa para um determinado evento, assume os atos de entrar e colocar (ou melhor, de dar opinião), mas ao assumir tais atos desconsidera seu papel como mero transmissor de informação. O ser que tem opinião, que pode expressar seus julgamentos, é o próprio jornal, um ser sem existência autônoma. Afinal, quem expressa sua opinião? O autor do *Manual* completa que as opiniões são expressas em editoriais, significando que o editor é o único com direito à função opinativa no mundo das notícias.

Seguindo esse mundo, em confronto com nosso conhecimento morfológico quanto à flexão verbal, encontramos manchetes jornalísticas interessantes:

- Desemprego sobe pelo 2º mês e é o maior desde agosto, aponta IBGE.
- *Crise traz de volta ao país 400 mil "expatriados".*
- *Ônibus param de novo no Rio.*

De jornais diferentes, o leitor recebe essas e outras manchetes diariamente. Nelas, há a relação de combinação entre o substantivo e o verbo:

- desemprego $\longleftrightarrow$ sobe
- crise $\longleftrightarrow$ traz
- ônibus $\longleftrightarrow$ param

Em uma sociedade cada vez mais impessoal, não estranhemos esses tipos de relação, exceto se aparecer "desempregos sobe" em clara falta de concordância. Não discutimos, em resumo, a relação de responsabilidade entre o substantivo e o verbo. Nos casos exemplificados acima, o desemprego é responsável pela ação subir; a crise, pelo ato trazer; os ônibus, por pararem. À parte a linguagem metafórica, metonímica etc., presenciamos a ausência dos verdadeiros responsáveis pelos atos noticiados: a) qual é a causa da aumento do desemprego no país? Que grupo ou grupos sociais são os causadores? b) qual é a causa da crise? Que grupo ou grupos sociais são os causadores? c) se ônibus param é devido ao ato dos motoristas e, se estes param de trabalhar, qual grupo ou sociais causadores?

Outro conhecimento intuitivo que temos da língua é sobre o afixo -mente, que não é acrescentado a qualquer palavra, tal como na associação "cantar + mente = cantarmente", apresentada em páginas anteriores neste livro-texto. Assim, em qual palavra você acrescentaria esse sufixo?

Quadro 18

verbo	substantivo	advérbio	adjetivo
cantar	livro	nunca	feliz
mergulhar	personalidade	mal	histórico
variar	construção	apenas	alto

Nas tentativas, você associou cantar + mente, resultando em cantarmente, livro + mente, com resultado livromente, nunca + mente, chegando a nuncamente e feliz + mente, verificando a possibilidade de felizmente. Não são em todas as palavras que podemos acrescentar o afixo –mente; nos casos acima, a associação pode ocorrer com os adjetivos, que deixam de indicar uma característica do ser (João é feliz) e passam a funcionar como advérbio, modificador de uma circunstância do verbo (João fez o trabalho felizmente).

Em especial sobre o advérbio felizmente, veja como trata o autor do *Manual de redação e estilo*:

- **"Felizmente.** Não use nas notícias e reportagens em frases como: *Felizmente não houve mortos no acidente. / Felizmente o Brasil começa a conter a inflação.* O texto deve ser objetivo e felizmente expressa uma opinião" (MARTINS, 2001).

Que outros advérbios devem ser banidos de textos jornalísticos pelos mesmos critérios?

Ilari (2003) ressalta a diferença entre a função atribuída ao advérbio pelas gramáticas e por nós, usuários da língua. Para a gramática, a função do advérbio é indicar uma circunstância ao verbo, seja circunstância de modo, de tempo, lugar, entre outras, e para nós, além dessa função, atribuímos aos advérbios o caráter opinativo.

Advérbios de modo

assim, bem, mal, acinte (de propósito, deliberadamente), de balde (inutilmente), depressa, devagar, melhor, pior, bondosamente, generosamente, cuidadosamente e muitos outros terminados em mente.

Locuções adverbiais de modo

às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão.

Advérbios de lugar

abaixo, acima, adentro, adiante, afora, aí, além, algures (em algum lugar), alhures (em outro lugar), nenhures (em nenhum lugar), ali, aqui, aquém, atrás, cá, dentro, embaixo, externamente, lá, longe, perto.

Locuções adverbiais de lugar

à distância, à distância de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta, por aqui.

Advérbios de tempo

afinal, agora, amanhã, amiúde (da expressão a miúdo - repetidas vezes, frequentemente, a miúdo), ontem, breve, cedo, constantemente, depois, enfim, entretantes (enquanto isso), hoje, imediatamente, jamais, nunca, sempre, outrora, primeiramente, tarde, provisoriamente, sucessivamente, já.

Locuções adverbiais de tempo

às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia.

Advérbios de negação

não, tampouco (também não), nunca, jamais.

Locuções adverbiais de negação

de modo algum, de jeito nenhum, de forma nenhuma, não etc.

Advérbios de dúvida

acaso, casualmente, porventura, possivelmente, provavelmente, talvez, quiçá.

Locuções adverbiais de dúvida

por certo, quem sabe.

Advérbios de intensidade

assaz (bastante, suficientemente), bastante, demais, mais, menos, muito, quanto, quão, quase, tanto, pouco.

Locuções adverbiais de intensidade

em excesso, de todo, de muito, por completo, por demais.

Advérbios de afirmação

sim; certamente; realmente; decerto; efetivamente etc.

Locuções adverbiais de afirmação

com certeza; com efeito; de fato; na verdade; sem dúvida; certo que etc.

Quando dizemos de uma pessoa próxima que ela foi *finalmente* promovida, não descrevemos o modo como se deu a promoção; fazemos um comentário sobre ela, dando a entender que a espera foi além do necessário.

São vários, então, os conhecimentos morfológicos que possuímos sobre a nossa língua e todos eles nos ajudam na comunicação e, acima de tudo, na contextualização.

Exemplo de aplicação

1. Compare as palavras da coluna da esquerda com as palavras da coluna da direita e verifique se as palavras da direita representam o mesmo objeto, porém menor.

colar x colarinho
calças x calcinhas
corrente x correntinha
pão x pãozinho
bolo x bolinho
burro x burrinho (peça da mecânica do automóvel)

Comentário: Você verificou que há palavras na nossa língua que parecem, mas não são associadas a outras. Devido à terminação -inho na palavra, por exemplo, colarinho, dá-se a impressão de ser o diminutivo de colar; no entanto, em uso corrente hoje, colar e colarinho são palavras extremamente distintas com significados bem diferenciados. Em situação como pão x pãozinho, de fato, o sufixo -inho é indicador de diminutivo e ambas as palavras se referem ao mesmo objeto.

2. Monte um quadro morfológico das palavras: pedra, pedras, pedrinha, pedrinhas, pedrada, pedreiro, pedreiros.

pedr a
pedr

Comentário: Fazer quadro morfológico de uma palavra é dissecá-la em suas partes mínimas. Assim, nas palavras pedra (pedr +a), (pedr+a+s), temos radical (pedr), gênero da palavra (-a) e a terminação -s indicadora de plural. Encontramos também o afixo (sufixo -inh), nesse caso, indicador de tamanho, sufixos -ada e -eir. Veja uma possibilidade de desmontar as partes constitutivas das palavras abaixo.

pedr a			
pedr a s			
pedr	inh	a	
pedr	inh	a	s
pedr	ada		
pedr	eir	o	
pedr	eir	o	s

3. Nas frases abaixo, as palavras em caixa alta foram inventadas, mas nós conseguimos entender as frases. Que sentido cada palavra inventada adquire? Por que nós conseguimos entender as frases, apesar dessas palavras? (As frases seguintes encontram-se na obra organizada por Fiorin, 2005.)

- 1) a. Como eu estava cansado, **seflei** os olhos três ou quatro vezes.
b. Disso isso **seflando** o punho e proferi outras ameaças.
c. José Dias sorriu deliciosamente, mas fez um esforço grande e **seflou** outra vez o rosto.
d. O beijo de Capitu **seflava**-me os lábios.
- 2) a. E a voz não lhe saía **dolma**, mas velada e esganada.
b. Já agora acabo com as coisas **dolmas**.
c. A cabeça da minha amiga sabia pensar **dolma** e depressa.
d. Senti que não poderia falar **dolmamente**.
- 3) a. Fiquei tão **mupestre** com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão.
b. As horas tristes e compridas eram breves e **mupestres**.
c. Ele me explicou por estas palavras **mupestres**.
- 4) a. Era o pai de Capitu, que voltava da repartição um pouco mais **bodro**, como usava às vezes.
b. Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui o mais **bodro** que puder, ou já...
c. Íamos sempre muito **bodro**, logo depois do almoço, para gozarmos o dia compridamente.

Comentário: 1) a. Como eu estava cansado, **seflei** os olhos três ou quatro vezes.

- b. Dito isso, **seflando** o punho e proferi outras ameaças.
- c. José Dias sorriu deliciosamente, mas fez um esforço grande e **seflou** outra vez o rosto.
- d. O beijo de Capitu **seflava**-me os lábios.

Pelo contexto conseguimos entender a palavra inventada, que passa a ter o mesmo significado de “fechar”. Pelas terminações da palavra inventada, podemos dizer que se trata de um verbo, pois contém marcas que indicam a 1ª pessoa do singular (eu) pela terminação –ei (**seflei**, **joguei**, **analisei**...); a terminação –ndo, especifica de verbo no gerúndio (**seflando**, **jogando**, **analizando**...) e marcas indicadoras –ou e –va em **seflou** (**jogou**, **analisou**...), em que –ou indica 3ª pessoa do singular (ele), e em **seflava** (**jogava**, **analisava**...), em que –va indica marca final em determinado tempo do verbo. **Seflou** e **seflava** têm flexão verbal e concordam com os substantivos, respectivamente, José Dias e beijo.

- 2) a. E a voz não lhe saía **dolma**, mas velada e esganada.
b. Já agora acabo com as coisas **dolmas**.
c. A cabeça da minha amiga sabia pensar **dolma** e depressa.
d. Senti que não poderia falar **dolmamente**.

O item lexical inventado **dolma** pode ter seu significado entendido pelo contexto e pela relação estabelecida com outras palavras nas frases. Em 2.a., a palavra **dolma** está equivalente às palavras **velada** e **esganada**, que caracterizam voz e variam em gênero e número. Assim, **dolma**, **velada** e **esganada** são palavras que estão no entorno da palavra **voz**, combinando com esta em gênero (feminino) e número (singular). Podemos dizer, então, que **dolma** é um adjetivo.

Em 2.b, **dolma** acompanha a palavra **coisas**, concordando com esta em gênero e número, bem como **lhe dá** uma característica. Nessa frase, **dolma** também é um adjetivo, cujo significado é entendido pelo contexto.

Em 2c e 2d, verificamos uma modificação do item lexical em relação a 2a. **Dolma** e **dolmamente** não combinam em gênero e número com outra palavra das frases, ambas acompanham um verbo, indicando-lhe uma circunstância (de modo). Podemos reconhecer nessas palavras um advérbio. Além disso, a terminação **-mente** é específica de advérbio.

- 3) a. Fiquei tão **mupestre** com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão.
b. As horas tristes e compridas eram breves e **mupestres**.
c. Ele me explicou por estas palavras **mupestres**.

Em 3a, b, c, a palavra **mupestre** sugere pertencer à classe do adjetivo por variar em número e atribuir uma característica.

- 4) a. Era o pai de Capitu, que voltava da repartição um pouco mais **bodro**, como usava às vezes.
b. Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui o mais **bodro** que puder, ou já...
c. Íamos sempre muito **bodro**, logo depois do almoço, para gozarmos o dia compridamente.

Ao analisar 4a, notamos, mais uma vez, que estamos diante de um item lexical que denota característica. Podemos destacar que se trata de um adjetivo. Já em 4b e 4c temos evidência para propor que **bodro** pertence à classe do advérbio.

As palavras inventadas exibem o comportamento gramatical próprio da nossa língua. Por isso, reconhecemos essas palavras como integrantes da língua.

3.2 Conhecimento sintático

Saber como o léxico de uma língua se estrutura em uma sentença é uma das competências esperadas ao produzir e ler um texto. Como bem esclarecem os autores Negrão, Scher e Viotti (In: FIORIN, 2005, p. 81):

O falante de qualquer língua natural tem um conhecimento inato sobre como os itens lexicais de sua língua se organizam para formar expressões mais e mais complexas, até chegar ao nível da sentença.

Esses autores nos propõem imaginar o léxico de nossa língua como um dicionário mental composto por um conjunto de palavras a ser utilizado para construção de sentenças. Nossa intuição nos leva a distinguir algumas propriedades das palavras e, por exemplo, no processo de aquisição de nossa língua materna, sabemos, desde muito cedo, que uma palavra como "mesa" é diferente da palavra como "cair". Uma criança logo diz "caiu", mas nunca diz "mesou". Essa distinção indica que ela sabe que "cair" faz parte de um grupo de palavras – como "chorar", "querer", "papar" – que pode combinar-se com um tipo particular de sufixos, como -ou, -eu, -iu. Ao mesmo, ela sabe que "mesa" faz parte de um outro grupo de palavra – como "cadeira", "berço", "brinquedo" – que, por sua vez, pode combinar com outro tipo de sufixo.

Nosso conhecimento sobre a língua também nos ajuda a perceber que as sentenças de nossa língua não são resultado da mera ordenação de léxicos em uma sequência linear. Sabemos que uma sequência de palavras como "menino bicicleta o da caiu" não é uma frase do português. Sabemos também que

para termos uma sentença do português formada por esses mesmos itens lexicais, precisamos, antes, fazer combinações intermediárias: compor "o" com "menino", compor "da" com "bicicleta"; compor "caiu" com "da bicicleta"; e, finalmente, compor "o menino" com "caiu da bicicleta". Sabemos, portanto, que a estrutura da sentença não é linear, mas sim hierárquica. (FIORIN, 2005, p. 82)

Enfim, sabemos que a frase "a" é bem formada em português e a frase "b" não é possível em nossa língua:

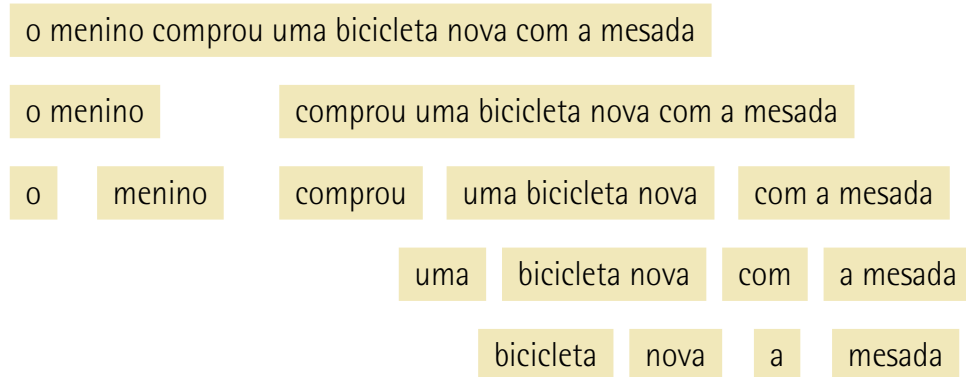
- a) O menino comprou uma bicicleta nova com a mesada.
- b) A comprou uma menino nova o com bicicleta mesada.

Na frase "a", o léxico *nova* deve se juntar ao léxico *bicicleta* para formar um constituinte superior – *bicicleta nova* – que, por sua vez, se junta à palavra *uma*, para formar um constituinte ainda superior: *uma bicicleta nova*. O mesmo acontece com a palavra *menino* e *o*, que formam constituinte superior: *o menino*, e com as palavras *a* e *mesada*, que forma constituinte: *a mesada*. Este último par junta-se à palavra *com* e formam, então, o constituinte: *com a mesada*. O verbo *comprou* junta-se a esses constituintes, formando um constituinte ainda mais alto na hierarquia: *comprou uma bicicleta nova*

com a mesada. Por fim, os constituintes complexos *o menino* e *comprou uma bicicleta nova com a mesada* se juntam para formar a frase.

A estrutura de constituintes da frase pode ser representada pelo seguinte diagrama:

Quadro 19

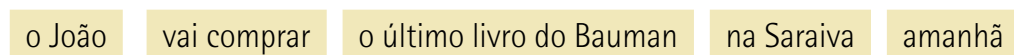


Justamente por não podermos atribuir uma estrutura constituinte ao exemplo "b" que o torna impossível em nossa língua. As palavras "a comprou" não formam constituintes; não é possível unir tais palavras.

Dependendo do contexto e do que queremos destacar na frase, colocamos um constituinte no início da frase. Vejamos a frase original:

- O João vai comprar o último livro do Bauman na Saraiva amanhã.

Essa frase possui os seguintes constituintes superiores:



A frase pode permanecer na ordem em que está no original, que é a ordem direta dos constituintes: sujeito da oração + verbo + complemento + complemento acessório, ou seja, SVC. Ou a frase pode sofrer mudanças, com o deslocamento de um dos seus constituintes, como nos casos abaixo:

- Amanhã, o João vai comprar o último livro do Bauman na Saraiva.
- Na Saraiva, o João vai comprar o último livro do Bauman amanhã.
- O último livro do Bauman, o João vai comprar na Saraiva amanhã.
- Do Bauman, o João vai comprar o último livro na Saraiva amanhã.
- Comprar o último livro Bauman, o João vai amanhã, na Saraiva.

Imagine que alguém lhe faça a seguinte pergunta: Quando o João vai comprar o livro? A pergunta ressalta a noção de tempo. Por conseguinte, a sua resposta também destacará o tempo: *Amanhã*, o João

vai comprar o último livro do Bauman na Saraiva. Assim, dependendo do contexto, das intenções dos falantes, um dos constituintes da frase pode ser deslocado para o início da frase.

Vejamos os trechos de textos de áreas diversas:

Grupo A:

- i. Administração é o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar o uso de recursos a fim de alcançar objetivos.
- ii. Como administrador você deslocará dos trabalhos operacionais para o campo da ação.

Grupo B:

- i. Os conhecimentos prévios dos alunos cumprem um papel fundamental nos processos de aprendizagem.
- ii. Nos últimos anos, vimos assistindo ao resgate de uma metodologia de trabalho antiga: o Método de Projetos.

Grupo C:

- i. O conhecimento é procurado para nos fornecer uma consciência mais crítica e esclarecida de nós mesmos, através da análise histórica da época em que estamos enfiados.
- ii. Na América Central, desde o início do século XX registram-se sucessivas repressões aos movimentos sociais.

Não há necessidade de verificar cada constituinte de cada frase acima. Faremos uma análise sobre cada uma no que concerne à ordem direta ou deslocamento de constituinte.

Nas frases i, de cada grupo, temos a ordem direta – SVC (sujeito, verbo, complemento), como em:

- i. Os conhecimentos prévios dos alunos cumprem um papel fundamental nos processos de aprendizagem.

os conhecimentos prévios dos alunos → constituinte (S)

cumprem → constituinte (V)

um papel fundamental → constituinte (C)

nos processos de aprendizagem → constituinte (C)

No Grupo A i, por exemplo, a ordem direta é importante, porque trata de uma definição. O texto de definição precisa ser o mais objetivo e direto possível em sua linguagem.

Nas frases ii, temos deslocamento de um dos constituintes para o início da frase. Na frase ii do Grupo A, o constituinte "Como administrador" é destacado para dar ênfase ao papel do profissional; na frase ii do Grupo B, o constituinte "Nos últimos anos", porque, para o autor, a noção de tempo é a informação mais importante; por fim, na frase ii do Grupo C, o constituinte "Na América Central" é destacado para dar destaque ao local reprimido politicamente. Todos os constituintes deslocados assumiriam posição no final da frase se não houvesse o deslocamento.

Dependendo do contexto e do conhecimento sintático, o produtor do texto faz escolhas e segue a ordem direta ou faz inversão. No texto jornalístico, em especial notícia, a ordem direta torna-se praticamente uma obrigação, recomendação clara no *Manual de redação* do jornal *O Estado de S. Paulo*. Nas orientações gerais, o jornalista encontra:

4 - Adote como norma a ordem direta, por ser aquela que conduz mais facilmente o leitor à essência da notícia. Dispense os detalhes irrelevantes e vá diretamente ao que interessa, sem rodeios (MARTINS, 2001)

O jornalista, então, precisa saber qual é a ordem direta – SVC, bem como os constituintes da frase que funcionam como sujeito, verbo e complemento. Ele precisa, portanto, ter conhecimento sintático.

Situação diferente é do autor de texto literário. O criador de poema, por exemplo, geralmente explora a ordem inversa como um recurso estilístico. Os leitores não conseguem entender o poema devido à dificuldade na identificação dos constituintes SVC. Às vezes, eles têm impressão de estar lendo "A comprou uma menino nova o com bicicleta mesada". Os poemas de Luis Vaz de Camões são exemplos clássicos:

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim co'a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,
Como matéria simples busca a forma.

As ordens diretas seriam:

- o amador transforma-se na cousa amada (1º verso)
S V C
- tenho a parte desejada em mim (4º verso)
S (eu) V C C
- minha alma transformada está nela (5º verso)
S V C
- o corpo deseja alcançar [o] que mais?
S V V = C C

Apesar das dificuldades na leitura, a ordem inversa deixa o poema camoniano mais rico e intrigante, diferenciando-o no mundo da literatura. Sobre essa relação entre texto literário e a ordem inversa, temos um interessante artigo jornalístico:



Saiba mais

Ordem inversa valoriza discurso

Thaís Nicoleti de Camargo

CAMARGO, T. N. *Ordem direta e inversa*. *Folha.com*. São Paulo 20 ou. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u446.shtml>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

Outro aspecto sobre os constituintes da frase refere-se às intercalações. Dentro de uma frase, podemos encaixar outra. Por exemplo:

- O livro chegou ontem.
- Encomendei o livro.

Para evitar repetição de termos, podemos unir as frases acima em um único enunciado:

- O livro, que encomendei, chegou ontem.

Nesse enunciado, ocorre a intercalação: uma frase é inserida na outra. Como na situação anterior sobre ordem direta e ordem inversa, a formação de frases intercaladas depende do contexto. No mesmo *Manual de redação*, em instruções gerais, o autor aconselha:

1 - Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender o texto (MARTINS, 2001).

Deparamo-nos muitas vezes com parágrafos longos e cheios de intercalações, dificultando nossa leitura e, logo, nosso entendimento do texto. No entanto, quando a pessoa sabe fazer intercalações e verifica se o produto final ficou coerente e bom, não há problema em fazer esse tipo de construção sintática.

Para encerrar esta seção, trataremos das exigências de determinados verbos. Tomemos a frase "O João construiu uma casa". Intuitivamente, sabemos que o verbo construir é uma palavra que faz exigências e determina que outras palavras podem satisfazê-las. Construir precisa ser acompanhado de duas outras expressões: uma que corresponde ao objeto a ser construído e outra, ao agente construtor. Na frase, "uma casa" e "o João" são as expressões que, respectivamente, satisfazem essas exigências impostas por construir.

Assim acontece com "Criança adora gato", "As análises mostram a porcentagem de carbono no produto x" etc. O verbo adorar também exige outros constituintes, tanto o constituinte na função de sujeito (criança), quanto o constituinte na função de complemento (gato). No caso do verbo mostrar, sua exigência recai igualmente em possuir um constituinte como sujeito (as análises) e outro como complemento (a porcentagem de carbono no produto x).

Dessa forma, se o falante for exposto à frase em que falta um dos constituintes exigidos pelo verbo, ele perceberá imediatamente. Por exemplo, se alguém diz "construiu uma casa", a reação do ouvinte é imediata, perguntando logo "*quem* construiu a casa?" O ouvinte pede ao seu interlocutor que acerte a frase, de modo a que as imposições feitas pelo verbo construir sejam satisfeitas.



Lembrete

Na gramática escolar, o verbo que exige outro(s) constituinte é classificado verbo transitivo direto e/ou indireto.

3.3 Conhecimento semântico

Refere-se aos significados que atribuímos aos textos. O significado pode ser geral ou verificado na relação entre palavras ou entre frases.

O significado geral relaciona-se à unidade semântica do texto, que se desenvolve em torno de um tema, chamado também de ideia central. Essa unidade é um eixo, o qual faz cada parte textual convergir para um centro (verificar ANTUNES, 2010).

É a unidade semântica, central, que permite a elaboração de uma síntese, o entendimento dos títulos e subtítulos, o discernimento entre as ideias principais e as secundárias. Essa unidade deixa o texto como um conjunto delimitado.

Textos orais e escritos realizam-se dentro dos parâmetros de unidade. Assim, textos orais como conferência, palestra, debate, aula e outros similares são sempre em torno de um determinado tema. Ressalto que, devido às circunstâncias comunicativas, a conversação em MSN, por exemplo, têm mais abrangência, não se fixando a um tema.

O tema é desenvolvido sob um ponto de vista. Em seu percurso, o tema progride, mantendo informação já dada e com acréscimo de algo diferente. Ideias novas são acrescentadas acerca do mesmo tema. O resultado é uma progressão articulada com as partes do texto integradas. Diante do que ouvimos ou lemos, temos a sensação de que estamos diante de uma unidade, reconhecendo o começo e o fim do texto.

A unidade de um texto, então, é o principal atributo para ele ser considerado em sua completude. Vejamos o exemplo dado por Siqueira (2000):

Menino do Rio

Menino do Rio
Calor que provoca arrepio
Dragão tatuado no braço
Calção corpo aberto no espaço
Coração, de eterno flerte
Adoro ver-te...
Menino vadio
Tensão flutuante do Rio
Eu canto pra Deus proteger-te...
O Hawai
Seja aqui
Tudo o que sonhares
Todos os lugares
As ondas dos mares
Pois quando eu te vejo eu desejo o teu desejo
Menino do Rio
Calor que provoca arrepio
Toma esta canção como um beijo

(VELOSO, 1981)

O autor Siqueira nos pergunta se o texto tem unidade, falando do mesmo tema do começo ao fim. Propõe-nos verificar:

- Quem provoca arrepio?
- Quem tem dragão tatuado no braço?
- Quem usa calção?

- Quem tem o corpo aberto no espaço?
- Quem tem o coração de eterno flerte?
- Quem é visto?
- Quem é a tensão flutuante do Rio?
- A quem Deus deve proteger?
- Quem sonha com o Havaí?
- Quem é visto e desejado?
- Quem toma a canção como um beijo?

A resposta é uma só: o menino do rio. O texto, portanto, tem unidade: diversas partes se juntam e se articulam formando um todo único. Quando, ao contrário, o texto está incompleto, conseguimos perceber que falta parte dele, tal como ocorre no exemplo:

O primeiro informou:

- Eu, uma vez, cheguei atrasado à usina e fui preso por estar sabotando o trabalho coletivo.

E o outro contou:

- Pois eu, como chegava todo dia mais cedo, fui preso por espionagem.

E o terceiro:

- Eu sempre cheguei na hora exata, todos os dias, durante anos, e fui preso por conformismo pequeno-burguês.

(ZIRALDO, 1982).

O início do texto "O primeiro informou" nos leva a perguntar quem informou a quem? Em que situação os três foram presos? A que esse texto se refere afinal? Falta, portanto, uma parte do texto. Já se o texto fosse assim na introdução: "Três sujeitos lá no fundão da Sibéria discutiam as razões de sua prisão", saberíamos desde o início que se trata de presos políticos da União Soviética e o autor Ziraldo faz uma crítica à postura política adotada pelos socialistas. Somente assim o texto faria sentido.

Com base nos exemplos, podemos afirmar que temos uma competência textual. Diante de um texto, detectamos se ele está completo ou interrompido, bem como identificar o tema global do texto.

Veremos mais dois exemplos de unidade temática. Primeiro é uma crônica da grande escritora brasileira Rachel de Queiroz.

Talvez o último desejo

Pergunta-me com muita seriedade uma moça jornalista qual é o meu maior desejo para o ano de 1950. E a resposta natural é dizer-lhe que desejo muita paz, prosperidade pública e particular para todos, saúde e dinheiro aqui em casa. Que mais há para dizer?

Mas a verdade, a verdade verdadeira que eu falar não posso, aquilo que representa o real desejo do meu coração, seria abrir os braços para o mundo, olhar para ele bem de frente e lhe dizer na cara: Te dana!

Sim, te dana, mundo velho. Ao planeta com todos os seus homens e bichos, ao continente, ao país, ao Estado, à cidade, à população, aos parentes, amigos e conhecidos: danem-se! Vou pra longe me esquecer de tudo, vou a Pasárgada ou a qualquer outro lugar.

Isso que eu queria. Chegar junto do homem que eu amo e dizer para ele: Te dana, meu bem! Doravante pode fazer o que entender, pode ir, pode voltar, pode pegar dançarinas, pode fazer serenatas, rolar de borco pelas calçadas, pode jogar futebol, entrar na linha Quimbanda, pode amar e desamar, pode tudo, que eu não ligo! Chegar junto ao respeitável público e comunicar-lhe: Danai-vos, respeitável público. Acabou-se a adulação, não me importo mais com as vossas reações, do que gostais e do que não gostais; nutro a maior indiferença pelos vossos apupos e os vossos aplausos e sou incapaz de estirar um dedo para acariciar os vossos sentimentos. Ide baixar noutro centro, respeitável público, e não amoleis o escriba que de vós se libertou!

Chegar junto da pátria e dizer o mesmo: o doce, o suavíssimo, o libérrimo te dana. Que me importo contigo, pátria? Que cresças ou aumentes, que sofras de inundação ou de seca, que vendas café ou compres ervilhas de lata, que simules eleições ou engulas golpes? Elege quem tu quiseres, o voto é teu, o lombo é teu. Queres de novo a espora e o chicote do peão gordo que se fez teu ginete? Ou queres o manhoso mineiro ou o paulista de olho fundo? Escolhe à vontade - que me importa o comandante se o navio não é meu? A casa é tua, serve-te, pátria, que pátria não tenho mais.

Dizer te dana ao dinheiro, ao bom nome, ao respeito, à amizade e ao amor. Desprezar parentela, irmãos, tios, primos e cunhados, desprezar o sangue e os laços afins, me sentir como filho de oco de pau, sem compromissos nem afetos.

Me deitar numa rede branca armada debaixo da jaqueira, ficar balançando devagar para espantar o calor, roer castanha de caju confeitada sem receio de engordar, e ouvir na vitrolinha portátil todos os discos de Noel Rosa, com Araci e Marília Batista. Depois abrir sobre o rosto o último romance policial de Agatha Christie e dormir docemente ao mormaço.

Mas não faço. Queria tanto, mas não faço. O inquieto coração que ama e se assusta e se acha responsável pelo céu e pela terra, o insolente coração não deixa. De que serve, pois,

aspirar à liberdade? O miserável coração nasceu cativo e só no cativeiro pode viver. O que ele deseja é mesmo servidão e tranquilidade: quer reverenciar, quer ajudar, quer vigiar, quer se romper todo. Tem que espreitar os desejos do amado, e lhe fazer as vontades, e atormentá-lo com cuidados e bendizer os seus caprichos; e dessa submissão e cegueira tira a sua única felicidade.

Tem que cuidar do mundo e vigiar o mundo, e gritar os seus brados de alarme que ninguém escuta e chorar com antecedência as desgraças previsíveis e carpir junto com os demais as desgraças acontecidas; não que o mundo lhe agradeça nem saiba sequer que esse estúpido coração existe. Mas essa é a outra servidão do amor em que ele se compraz - o misterioso sentimento de fraternidade que não acha nenhuma China demasiado longe, nenhum negro demasiado negro, nenhum ente demasiado estranho para o seu lado sentir e gemer e se saber seu irmão.

E tem o pai morto e a mãe viva, tão poderosos ambos, cada um na sua solidão estranha, tão longe dos nossos braços.

E tem a pátria que é coisa que ninguém explica, e tem o Ceará, valha-me Nossa Senhora, tem o velho pedaço de chão sertanejo que é meu, pois meu pai o deixou para mim como o seu pai já lho deixara e várias gerações antes de nós, passaram assim de pai a filho.

E tem a casa feita pela nossa mão, toda caiada de branco e com janelas azuis, tem os cachorros e as roseiras.

E tem o sangue que é mais grosso que a água e ata laços que ninguém desata, e não adianta pensar nem dizer que o sangue não importa, porque importa mesmo. E tem os amigos que são os irmãos adotivos, tão amados uns quanto os outros.

E tem o respeitável público que há vinte anos nos atura e lê, e em geral entende e aceita, e escreve e pede providências e colabora no que pode. E tem que se ganhar o dinheiro, e tem que se pagar imposto para possuir a terra e a casa e os bichos e as plantas; e tem que se cumprir os horários, e aceitar o trabalho, e cuidar da comida e da cama. E há que se ter medo dos soldados, e respeito pela autoridade, e paciência em dia de eleição. Há que ter coragem para continuar vivendo, tem que se pensar no dia de amanhã, embora uma coisa obscura nos diga teimosamente lá dentro que o dia de amanhã, se a gente o deixasse em paz, se cuidaria sozinho, tal como o de ontem se cuidou.

E assim, em vez da bela liberdade, da solidão e da música, a triste alma tem mesmo é que se debater nos cuidados, vigiar e amar, e acompanhar medrosa e impotente a loucura geral, o suicídio geral. E adular o público e os amigos e mentir sempre que for preciso e jamais se dedicar a si própria e aos seus desejos secretos.

Prisão de sete portas, cada uma com sete fechaduras, trancadas com sete chaves, por que lutar contra as tuas grades?

O único desabafo é descobrir o mísero coração dentro do peito, sacudi-lo um pouco e botar na boca toda a amargura do cativo sem remédio, antes de o apostrofar: Te dana, coração, te dana!

(QUEIROZ, 2007).

Segundo Antunes (2010), a unidade temática do texto de Rachel de Queiroz desenvolve-se em torno da descrição de um possível desejo da autora Rachel na passagem de ano de 1950. No texto há detalhes sobre o que seria o desejo verdadeiro e inconfessável e depois a rendição dela aos desejos do coração. Os pormenores desse desejo e as razões para ele não ser atendido marcam o percurso do texto.

Esse tema progride no decorrer do texto e verificamos que, ainda de acordo com Antunes (2010, P. 91-92):

- (a) O pretexto inicial do texto – *um desejo para o ano que começa* – passa a ser o fio condutor de todo o seu desenvolvimento.
- (b) O ponto de partida é a confissão desse desejo: *que tudo se dane!*. Um desejo sentido, mas inaceitável e, por isso, inconfessável (*a verdade verdadeira que eu falar não posso*). Esse desejo, nos cinco parágrafos seguintes, é detalhadamente descrito. Que se dane o mundo, que se dane o homem amado, que se dane o público leitor, que se dane a pátria, o dinheiro, o bom nome, o respeito, a amizade, o amor. Que se dane a parentela. A consciência de que esse desejo não é de todo legítimo, pois fere os princípios elementares da boa convivência, está expressa já no título, pelo recurso ao advérbio "talvez": *Talvez o último desejo*.
- (c) O tema avança na confissão da autora de que "o seu maior desejo" seria tomar essa atitude de desprezo por tudo. Mas não o faz. E aí prossegue no detalhamento de todos os motivos por que não o faz, repassando quase todos os elementos considerados no bloco anterior: o amado, o mundo, a pátria, a parentela, o respeitável público etc.
- (d) E como abertura e coroamento desses detalhes, sobressai a ideia de que o desejo de mandar que "tudo se dane!" não é viável porque *o insolente coração não deixa*.
- (e) Essa ideia da total submissão às leis do coração é expressa nos fragmentos *O miserável coração nasceu cativo e só no cativo pode viver; Prisão de sete portas, cada uma com sete fechaduras, trancadas com sete chaves, por que lutar contra as tuas grades?; cativo sem remédio*. Ou seja, render-se à servidão do amor constitui um destino incorrigível, uma espécie de sina fatal de nós todos, da qual não

podemos fugir. *Prisão de sete portas, cada uma com sete fechaduras, trancadas com sete chaves, por que lutar contra as tuas grades.*

- (f) A aceitação da impotência humana, frente aos imperativos do coração, se expressa também no fragmento: *fraternidade que não acha nenhuma China demasiado longe*. Isto é, a realidade objetiva se neutraliza frente à incorrigível servidão do amor.
- (g) Todo o texto é costurado em torno da expressão de um desejo e da impossibilidade de se render a ele. Constitui, assim, uma peça só: razões de um desejo, detalhadamente descrito, que não pode ser cumprido, por razões que são também apresentadas.
- (h) A consciência dessa impossibilidade se manifesta, no final da crônica, com a expressão: *Te dana, coração*. Ou seja, é melhor entregar-se, deixar que o coração comande, sem questionamentos.

O segundo texto constitui-se de ideias e concepções da estudiosa Sílvia Brandão sobre a língua:

A geografia linguística no Brasil

É por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo. A todo instante, utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no seu sentido mais amplo, aquele que abarca "o conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade", segundo o novo Aurélio.

Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal – seu idioleto – mas também filiá-lo a um determinado grupo.

A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identifiquem:

- (a) o país ou a região de que se origina;
- (b) o grupo social de que faz parte (seu grau de instrução, sua faixa etária, seu nível socioeconômico, sua atividade profissional);

(c) a situação (formal ou informal) em que se encontra.

O Brasil, em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior desenvolvimento, apresenta grandes contrastes regionais e sociais, estes últimos perceptíveis mesmo em grandes centros urbanos, em cuja periferia se concentram comunidades mantidas à margem do progresso.

Um retrato fiel, atual, de nosso país teria de colocar lado a lado: executivos de grandes empresas; técnicos que manipulam, com desenvoltura, o computador; operários de pequenas, médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandioca em humildes roças; pombeiros que comerciam pelo sertão; indígenas aculturados.

Detentores de antigos costumes portugueses aqui reelaborados pelo contato com outra terra e outras gentes ou, já em acelerado processo de mestiçagem étnica e linguística, esquecidos das origens, esses homens e mulheres guardam, na sua forma de expressão oral, as marcas de nossa identidade linguístico-cultural e a resposta a muitas indagações e a diversas hipóteses sobre a história e o estado atual do português do Brasil.

(BRANDÃO, 1991, p. 5-17, Adaptação.)

A unidade temática do texto de Brandão é desenvolvida na ideia de que a língua é flexível e se altera devido a situações deparadas pelo falante. O falante é usuário da língua e seu agente modificador, contribuindo com as transformações da língua.

O falante faz parte de um grupo, o qual, por sua vez, é marcado por fatos históricos. Tais fatos determinam a identidade linguístico-cultural do grupo, incluindo a nossa língua em seu estado atual.

Esse tema progride no decorrer do texto e verificamos que, ainda de acordo com Antunes (2010, 106-107):

(a) A progressão do tema se dá a partir da referência à função do uso da língua: um meio de o homem *expressar suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo*. Essa afirmação serve de gancho para a introdução de um tópico que vai dominar toda a exposição: o falante usa a língua conforme as particularidades culturais de seu grupo, que, assim, transparecem em sua fala, como "índices" de identificação dos sujeitos e dos grupos.

(b) Dessa vinculação da língua a suas circunstâncias de uso resulta a heterogeneidade desses usos (*Cada falante é, a um tempo, usuário e*

agente modificador de sua língua). Chega-se, portanto, à compreensão da historicidade das línguas e daí à análise do que poderia ser *um retrato fiel de nosso país*, o qual – *em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior desenvolvimento* – propicia a *mestiçagem étnica e linguística* de seu povo, além de *grandes contrastes regionais e sociais*.

(c) O remate da abordagem do tema reitera o ponto inicial: *na sua forma de expressão oral*, cada povo revela *as marcas de sua identidade linguístico-cultural*. No caso brasileiro, negar esse princípio seria *perder a resposta a muitas indagações e a diversas hipóteses sobre a história e o estado atual do português do Brasil*.

Como verificamos, o tema atravessa o texto do início ao fim, assumindo em sua continuidade acréscimos que reiteram seu núcleo maior.

A semântica engloba o tema geral do texto e também a relação de sentido estabelecido entre as palavras. Entre as relações possíveis de significado entre as palavras, ocorre a polissemia.

Muitas palavras têm mais de um significado, ou seja, são polissêmicas. A palavra *rede*, por exemplo, tem mais de um sentido. Até há pouco anos, ela se referia ao objeto de descanso. Devido ao mundo da informática, ela passou a ter um a mais: *rede na Internet* é a interligação entre computadores.

No quadro abaixo, encontramos uma lista de datas e fatos que tiveram repercussão na mídia. Todos os fatos poderiam ser chamados de operação: militar, cirúrgica etc.

Quadro 20

Datas	Fatos
1967	O Dr. Christian Barnard realiza o primeiro transplante de coração humano, no hospital Groote Schuur, Cidade do Cabo, África do Sul.
1968	A Tchecoslováquia é invadida por tropas do Pacto de Varsóvia.
1969	A General Motors americana convoca os proprietários de cerca de 5 milhões de automóveis para que reparem gratuitamente defeitos de fabricação constatados em seus veículos.
1975	As naves espaciais Apollo (americana) e Soyuz (soviética) encontram-se a uma altura de 140 milhas acima da Terra.
1976	Comandos aerotransportados de Israel resgatam no aeroporto de Entebbe (Uganda) 103 passageiros de um voo da Air-France tomados como reféns por sequestradores palestinos. Trinta e sete pessoas morrem durante o ataque.

A palavra *operação* é polissêmica e em cada situação adquire um sentido. Devido ao nosso conhecimento da língua portuguesa, não prestamos atenção a uma determinada palavra, contudo ela é empregada por nós em vários contextos diferenciados. A palavra *operação* é uma delas; outra, para nosso exemplo, é a palavra *fechar*. Vejamos:

- Fechei os olhos.
- Para controlar a raiva, fechei os punhos.

Sem realmente pensar, usamos a mesma palavra, atribuindo-lhe significado diverso em cada uso. Quando lemos um texto, o fenômeno também ocorre; sem precisar consultar um dicionário e com naturalidade entendemos o texto e, em especial, o sentido da palavra.

Outra situação interessante é a palavra "explodida", empregada em textos técnicos, manuais, na área da mecânica. Vários componentes da mesma máquina aparecem separados, mas em uma posição que orienta sua montagem. A ilustração recebe o nome de "Visão explodida" ou "Vista explodida". Afinal, que ideia se quer passar com a palavra "explodida"?

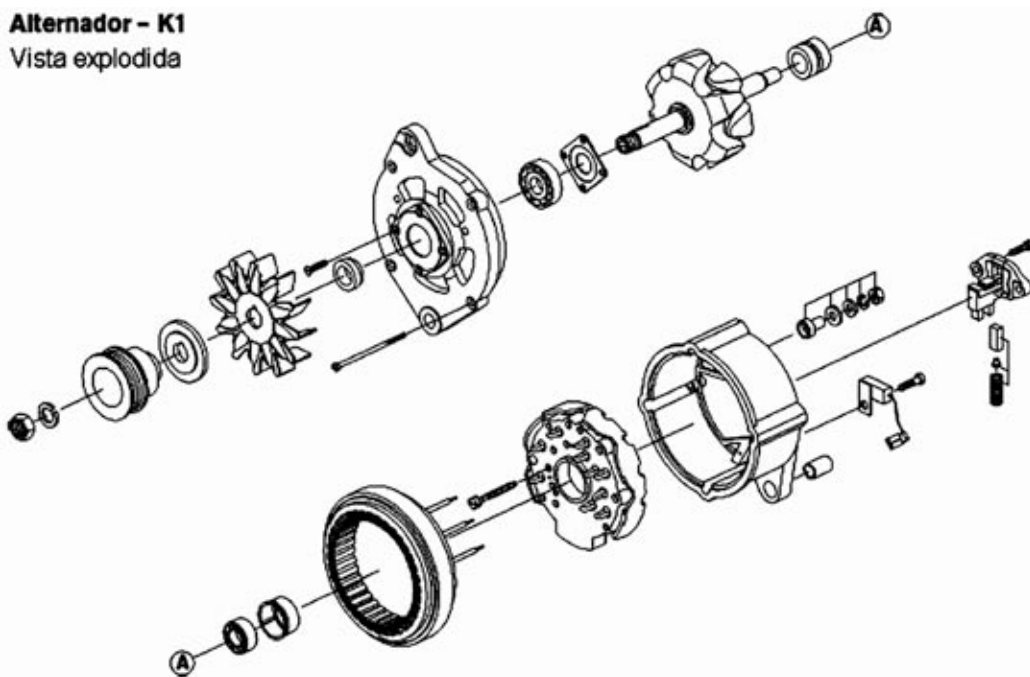


Figura 9

Para fechar esta seção, veremos que a semântica relaciona-se à paráfrase. A paráfrase é a reescrita de uma palavra ou do texto todo e nela o autor se apropria, sem tirar o sentido do texto original.

Por exemplo: "A estrutura direta das frases em português é SVC, isto é, sujeito, verbo, complemento." A segunda parte da frase, iniciada com a expressão "isto é" consiste em uma reescrita da primeira parte; é uma paráfrase.

A paráfrase volta a dizer o mesmo que se disse antes, mas com outras palavras, sob outra formulação. Um segmento textual só pode considerado paráfrase se está articulado a um outro anterior pela equivalência de sentido. A paráfrase se destaca, então, como um recurso da continuidade semântica do texto.

A paráfrase pode ser observada também na relação entre texto verbal e texto não verbal. Assim, construa ilustrações para o texto abaixo sobre horta comunitária.

Que tal começar a pensar na sua?

- Fique atento para a escolha do local: o canteiro deve ter pelo menos quatro horas de luz direta por dia.
- É importante que a área tenha uma boa drenagem, para evitar água empoçada em período de chuvas.
- Alise a terra com delicadeza, abrindo pequenos sulcos paralelos com meio palmo entre eles.
- Distribua as sementes nos buracos, cobrindo-as com terra fina.
- Regue de manhã cedo e à tarde. Quando as raízes já estiveram desenvolvidas, basta regar uma vez por dia.
- Se precisar transplantar uma muda, abra a cova e retire-a com o pouco da terra que vem agregada às raízes. Coloque a muda na nova cova, acrescentando terra e apertando até sentir que ficou firme.

Exemplo de aplicação

1. Neste tópico do livro-texto, tratamos do conhecimento linguístico, que nos permite ler/ouvir textos e entendê-los. Com base nesse tipo de conhecimento, indique o texto (ou textos) que você consegue entender devido ao seu conhecimento na língua usada.

I - Sandra Rosa is very beautiful, young, and successful. She's a famous actress. She's also very rich. Her house near the beach is big and beautiful, and her car is very expensive. Her fans love her. But is she happy?

Disponível em: <<http://denilsodelima.blogspot.com/2008/10/texto-de-ingles-alunos-de-nivel-basico.html>>

II - ¡Holla! Me llamo Julian, tengo 26 años de edad, soy estudiante, estoy en el tercer año de periodismo en la universidad, vivo en Madrid desde chiquito, pero mis padres son brasileños de Rio de Janeiro.

Disponível em: <http://www.espanholgratis.net/textos_em_espanhol/apresentacao_texto.htm>

III - "boku ga soba ni iru kara

hanareba nare no yoru datte
boku ga soba ni iru kara"

IV - Cembyua Ypiranga çuí, pitúua,

Ocendu kimbáua çacemoçú
Coaracy picirungára, cedyua,
Retama yuakaupé, berabuçu.

Disponível em: <<http://tupi.wikispaces.com/YRL+-+textos+-+Nheengarisaua+Retamauara>>

Comentário: Se você conseguiu ler e entender um ou todos os textos acima, você tem conhecimento da língua em que os textos foram escritos. Você conhece então: I – língua inglesa; II – língua espanhola; III – língua japonesa; IV – língua tupi.

2. As palavras cruzadas são um jogo linguístico em que se fornece a definição, esperando que o jogador dê a palavra definida. Tente resolver este problema de palavras cruzadas e explique em seguida os problemas que você teve, por conta de definições mal-formuladas.

Rotineiro	↓	Dispositivo de circuitos eletrônicos	Atitude incomum na pessoa pontual	↓	Fofo	↓	A temperatura dos pólos	Atração de cassinos
Sintoma da úlcera					Planeta em que vivemos			Expedição de caça
		↓	Improviso de cantadores nordestinos	↓				
C	→		↓					
Ala								
↓							Vítima do aborto	→
							Matemática (abrev.)	
Declarar perante o juiz	→					Compartimento de estrebarias	↓	
(?)-seca: charque (bras.)		Rondônia (sigla)		Grupo sanguíneo	→	↓	Esporte radical	→
				Aqui está			Sílabas de 'lança'	
↓		↓		↓	(?) Babá, herói da Literatura infantil	→	↓	
Ocorrência divulgada em telejornais	→							(?) supletivo: é realizado à noite
Vogal do jogoda-velha	→	Móvel com prateleiras para livros	→					

Figura 10

Comentário: Ao preencher a cruzadinha, você pode não ter tido dificuldades, porque as definições apresentadas podem estar bem formuladas. Ou você teve dificuldade justamente porque elas não estavam bem-formuladas.

3. Frases como "a orelha do urso rasgou" ou "a mão do santo esfarelou" não são boas se o urso for um bicho e o santo for uma pessoa; mas essas mesmas frases tornam-se perfeitamente possíveis se o urso for de pano e se o santo for uma estátua de gesso. Invente uma história em que uma das frases abaixo possa ser interpretada:

- O rabo de cavalo quebrou.
- A água da lagoa furou.

- A fumaça do trem caiu.
- O azul do céu manchou.

Comentário: As restrições lexicais relacionam-se ao conhecimento que nós temos sobre determinados usos da língua. No caso, não relacionamos rabo de cavalo com o verbo quebrar, a não ser que seja metaforicamente. A sua história então é metáfora para dar conta do sentido de uma das expressões propostas

4. Piada:

"Sabe aquela da loira no estacionamento? Ela colocou a mão na cabeça e disse: 'Não me lembro qual é o meu carro'. O rapaz do estacionamento respondeu: 'Celta preto'. 'É mesmo; parece que vai chover.'"

Explique por que a ambiguidade de segmentação é o recurso de construção do humor da piada.

Comentário: A ambiguidade de segmentação ocorre na frase "Celta preto", que, ouvida, /seutapreto/ pode ser interpretada como Celta (carro) preto (cor do carro) ou céu tá (redução do verbo "está") preto (a cor do céu indiciadora de chuva). Tanto celta quanto céu têm som /ε/, "e" aberto (é).

5. Fazendo uma análise semântica do texto abaixo, convido-o a verificar e refletir sobre a unidade temática e seu desenvolvimento.

A missa dos inocentes

Se não fora abusar da paciência divina
Eu mandaria rezar missa pelos poemas que não
Conseguiram ir além da terceira ou quarta linha,
Vítimas dessa mortalidade infantil que, por ignorância dos pais,
Dizima as mais inocentes criaturinhas, as pobres...
Que tinham tanto azul nos olhos,
Tanto que dar ao mundo!
Eu mandaria rezar o réquiem mais profundo
Não só pelos meus
Mas por todos os poemas inválidos que se arrastam pelo mundo
E cuja comovedora beleza ultrapassa a dos outros
Porque está, antes e depois de tudo,
No seu inatingível anseio de beleza!

(QUINTANA, 2006).

Comentário: Por tratar de texto literário, tomamos cuidado em não afirmar que existe apenas uma maneira de ler o poema, ou seja, de enquadrá-lo em uma unidade temática. Seguindo a análise de Antunes

(2010), a unidade temática do poema constitui-se de semelhança entre os poemas (pensados, queridos, mas interrompidos logo no começo) e as crianças mortas prematuramente. A morte é relacionada à religião e, assim, o poema fala de rezar missa, réquiem.

Quanto à progressão do tema:

(a) O tema, na imagem do poeta, percorre um curso que vai dos seu próprios poemas até todo e qualquer outro (*todos os poemas inválidos que se arrastam pelo mundo*).

(b) Em princípio, o letramento se estende a todos os poemas que tiveram morte prematura; pretende-se mandar *rezar missa, rezar o réquiem mais profundo* por eles. No final, o poeta exalta esses poemas não consumados, exatamente por eles não terem assumido os limites de nenhuma forma concreta e poderem representar, assim, a beleza plena. Ou seja, os poemas vítimas da mortalidade infantil acabam por constituir uma *comovedora beleza que ultrapassa a dos outros* já existentes.

6. As palavras que indicam relação são mais tipicamente os verbos transitivos. Utilizando as informações dadas pelo poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, e aproveitando as duas listas de nomes, construa um diagrama de Euler para o verbo amar, entendendo que o 1º conjunto representa quem ama, e o 2º, quem é amado. (Obs.: basta acrescentar setas para a construção do diagrama.)

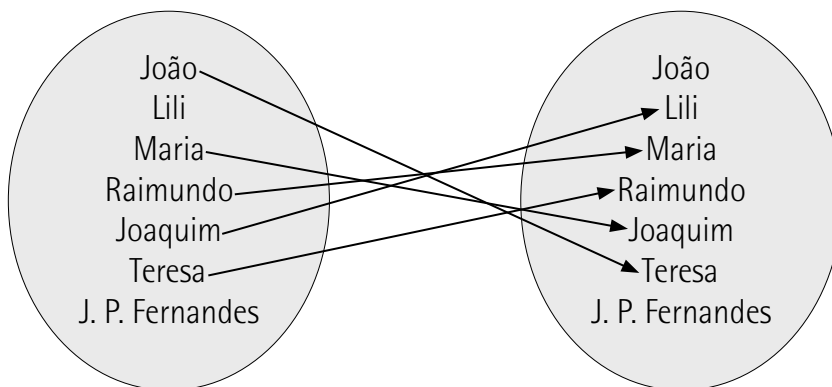


Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou pra tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história

(ANDRADE, 1980).

Comentário: Na semântica, vemos as relações entre as palavras e, na sintaxe, uma das relações típicas é entre o verbo transitivo e seu complemento (objeto direto). Na primeira parte do poema *Quadrilha*, predomina tal relação, podendo formar o diagrama de Euler assim:



Por meio do diagrama, o leitor percebe que, por exemplo, o primeiro personagem João não é amado, ou seja, nenhuma das presenças femininas o ama. Percebemos também que nem Lili nem J. P. Fernandes se amam mutuamente. Por fim, outro aspecto interessante é a própria seta do diagrama; ela tem apenas um sentido (→), indicando quem ama, em uma relação unilateral. No diagrama não há seta interacional (↔). O tema deste poema é, então, o desencontro amoroso.

7. Em muitos nomes de produtos, o consumidor encontra recurso estilístico sonoro. Qual é o recurso empregado no nome do produto abaixo?



Figura 11

Comentário: O nome do produto é Tic-Tac que simboliza um barulho; temos, assim, no nome do produto uma onomatopeia.

4 CONHECIMENTOS DE MUNDO E INTERACIONAL

Caro aluno, abaixo há um texto curto e sobre ele responda: quem *caminhava apoiando-se numa bengala*? Quem é o *velhinho*?

- Hoje Pedrinho veio buscar o avô. O velhinho caminhava apoiando-se numa bengala.

Sobre a primeira pergunta é fácil: quem caminhava apoiando-se numa bengala é o velhinho. A dificuldade está na segunda pergunta: afinal, quem é o velhinho? O texto menciona dois indivíduos: Pedrinho e avô, mas não esclarece qual dos dois é o velhinho.

Sei, no entanto, que apesar da falta de esclarecimento textual você relacionou *velhinho* ao termo *avô*. Essa ligação entre velhinho e avô não está expressa no texto e só é possível elaborar essa inferência por causa do conhecimento que você tem sobre avô, que inclui não somente significado básico da palavra – pai do pai ou pai da mãe – mas também que em geral os avós são pessoas mais velhas. Esse conhecimento privilegia a ligação entre *velhinho* e *avô* e descarta uma possível ligação entre *Pedrinho* e *velhinho*.

O nosso conhecimento prévio nos leva a compreender o que está expresso de forma explícita no texto e a completar o que não está expresso claramente. Nesse sentido, o texto pode estar estruturado adequadamente com as relações sintáticas, semânticas etc. bem-compostas, mas, ainda assim, incompreensível para o leitor. Isso ocorre porque o texto não é formado apenas do material linguístico. Segundo Liberato e Fulgêncio (2007, p. 31):

Quando lemos, não estamos jogando unicamente com aquilo que é expresso explicitamente, mas também com um mundo de informação implícita, não expressa claramente no texto, mas totalmente imprescindível para poder compor o significado.

Nós devemos, então, acrescentar conhecimentos extras ao que é lido para criar lógica ao texto e compreensão daquilo que o autor quer comunicar. A esse processo de elaboração ativa de conhecimentos damos o nome de inferência.

É devido a essa nossa capacidade de inferência que se permite a qualquer autor não colocar no texto toda a informação necessária à sua compreensão. Na verdade, seria inviável a comunicação se as pessoas precisassem explicar cada item. Já imaginou explicar a frase: "Fernando queria consertar o armário."? Fernando, um humano, bípede, meu irmão (ou cunhado, ou...), irmão tem relação sanguínea (relação sanguínea significa...), consertar é o ato de..., armário é o objeto em que se guarda...

Vamos examinar outro texto:

- Amanhã é o aniversário da Laurinha. Ana e Luísa foram comprar um presente. Elas estão pensando em comprar uma boneca. (LIBERATO E FULGÊNCIO, 2007, p. 35)

Em primeiro lugar, se amanhã é o aniversário da Laurinha, supomos que ela ganhará presentes. Essa inferência é baseada no conhecimento cultural, uma vez que há países onde presentes não são oferecidos no dia de aniversário. Portanto, nem todas as pessoas poderiam construir aqui essa inferência.

Outro aspecto é que a compra da boneca feita por Ana e Luísa é para Laurinha. Sabemos disso devido ao nosso conhecimento de que quando alguém faz aniversário, compramos presente.

Por fim, inferimos a idade de Laurinha, que deve ser uma criança, porque o presente é uma boneca.

A reconstrução das inferências envolvidas na interpretação desse pequeno texto pode parecer extensa, mas quem compreendeu o texto fez todas essas relações. Essas operações mentais são realizadas com facilidade e automaticamente. Assim:

A compreensão da linguagem é então um verdadeiro jogo entre aquilo que está explícito no texto (que é em parte percebido, em parte previsto) e entre aquilo que o leitor insere no texto por conta própria, a partir de inferências que faz, baseado no seu conhecimento do mundo (LIBERATO E FULGÊNCIO, 2007, p. 36).

Concordamos, então, com a síntese feita por Dell'Isola (2001, p. 44):

Inferência é, pois, uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os "vazios" textuais. O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contextos psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros.

Luís Fernando Veríssimo, grande cronista, retrata bem no texto abaixo os vários conhecimentos de mundo que possuímos e que nos ajudam nas cortesias sociais.

Grande Edgar

Já deve ter acontecido com você.

- Não está se lembrando de mim?

Você não está se lembrando dele. Procura, freneticamente, em todas as fichas armazenadas na memória o rosto dele e o nome correspondente, e não encontra. E não há tempo para procurar no arquivo desativado. Ele está ali, na sua frente, sorrindo, os olhos iluminados, antecipando a sua resposta. Lembra ou não lembra?

Neste ponto, você tem uma escolha. Há três caminhos a seguir.

Um, o curto, grosso e sincero.

- Não.

Você não está se lembrando dele e não tem por que esconder isso. O "Não" seco pode até insinuar uma reprimenda à pergunta. Não se faz uma pergunta assim, potencialmente embaraçosa, a ninguém, meu caro. Pelo menos não entre pessoas educadas. Você devia ter vergonha. Não me lembro de você e mesmo que lembrasse não diria. Passe bem.

Outro caminho, menos honesto mas igualmente razoável, é o da dissimulação.

- Não me diga. Você é o... o...

"Não me diga", no caso, quer dizer "Me diga, me diga". Você conta com a piedade dele e sabe que cedo ou tarde ele se identificará, para acabar com a sua agonia. Ou você pode dizer algo como:

- Desculpe deve ser a velhice, mas...

Este também é um apelo à piedade. Significa "Não torture um pobre desmemoriado, diga logo quem você é!" É uma maneira simpática de dizer que você não tem a menor ideia de quem ele é, mas que isso não se deve à insignificância dele e sim a uma deficiência de neurônios sua. E há o terceiro caminho. O menos racional e recomendável. O que leva à tragédia e à ruína. E o que, naturalmente, você escolhe.

- Claro que estou me lembrando de você!

Você não quer magoá-lo, é isso. Há provas estatísticas que o desejo de não magoar os outros está na origem da maioria dos desastres sociais, mas você não quer que ele pense que passou pela sua vida sem deixar um vestígio sequer. E, mesmo, depois de dizer a frase não há como recuar. Você pulou no abismo. Seja o que Deus quiser. Você ainda arremata:

- Há quanto tempo!

Agora tudo dependerá da reação dele. Se for um calhorda, ele o desafiará.

- Então me diga quem eu sou.

Neste caso você não tem outra saída senão simular um ataque cardíaco e esperar, falsamente desacordado, que a ambulância venha salvá-lo. Mas ele pode ser misericordioso e dizer apenas:

- Pois é.

Ou:

- Bota tempo nisso.

Você ganhou tempo para pesquisar melhor a memória. Quem é esse cara, meu Deus? Enquanto resgata caixotes com fichas antigas do meio da poeira e das teias de aranha do fundo do cérebro, o mantém à distância com frases neutras como "jabs" verbais.

- Como cê tem passado?
- Bem, bem.
- Parece mentira.
- Puxa.

(Um colega da escola. Do serviço militar. Será um parente? Quem é esse cara, meu Deus?)

Ele está falando:

- Pensei que você não fosse me reconhecer...
- O que é isso?!
- Não, porque a gente às vezes se decepiona com as pessoas.
- E eu ia esquecer você? Logo você?
- As pessoas mudam. Sei lá.
- Que ideia!

(É o Ademar! Não, o Ademar já morreu. Você foi ao enterro dele. O... o... como era o nome dele? Tinha uma perna mecânica. Rezende! Mas como saber se ele tem uma perna mecânica? Você pode chutá-lo, amigavelmente. E se chutar a perna boa? Chuta as duas. "Que bom encontrar você!" e paf, chuta uma perna. "Que saudade!" e paf, chuta a outra. Quem é esse cara?)

- É incrível como a gente perde contato.
- É mesmo.

Uma tentativa. É um lance arriscado, mas nesses momentos deve-se ser audacioso.

- Cê tem visto alguém da velha turma?
- Só o Pontes.

- Velho Pontes!

(Pontes. Você conhece algum Pontes? Pelo menos agora tem um nome com o qual trabalhar. Uma segunda ficha para localizar no sótão. Pontes, Pontes...)

- Lembra do Croarê?
- Claro!
- Esse eu também encontro, às vezes, no tiro ao alvo.
- Velho Croarê!

(Croarê. Tiro ao alvo. Você não conhece nenhum Croarê e nunca fez tiro ao alvo. É inútil. As pistas não estão ajudando. Você decide esquecer toda a cautela e partir para um lance decisivo. Um lance de desespero. O último, antes de apelar para o enfarte.)

- Rezende...
- Quem?

Não é ele. Pelo menos isso está esclarecido.

- Não tinha um Rezende na turma?
- Não me lembro.
- Devo estar confundindo.

Silêncio. Você sente que está prestes a ser desmascarado.

- Sabe que a Ritinha casou?
- Não!
- Casou.
- Com quem?
- Acho que você não conheceu. O Bituca.

Você abandonou todos os escrúpulos. Ao diabo com a cautela. Já que o vexame é inevitável, que ele seja total, arrasador. Você está tomado por uma espécie de euforia terminal. De delírio do abismo. Como que não conhece o Bituca?

- Claro que conheci! Velho Bituca...

- Pois casaram...

É a sua chance. É a saída. Você passa ao ataque.

- E não me avisaram nada?!

- Bem...

- Não. Espera um pouquinho. Todas essas coisas acontecendo, a Ritinha casando com o Bituca, o Croarê dando tiro, e ninguém me avisa nada?!

- É que a gente perdeu contato e...

- Mas o meu nome está na lista, meu querido. Era só dar um telefonema. Mandar um convite.

- É...

- E você ainda achava que eu não ia reconhecer você. Vocês é que esqueceram de mim!

- Desculpe, Edgar. É que...

- Não desculpo não. Você tem razão. As pessoas mudam...

(Edgar. Ele chamou você de Edgar. Você não se chama Edgar. Ele confundiu você com outro. Ele também não tem a mínima ideia de quem você é. O melhor é acabar logo com isso. Aproveitar que ele está na defensiva. Olhar o relógio e fazer cara de "Já?!")

- Tenho que ir. Olha, foi bom ver você, viu?

- Certo, Edgar. E desculpe, hein?

- O que é isso? Precisamos nos ver mais seguido.

- Isso.

- Reunir a velha turma.

- Certo.

- E olha, quando falar com a Ritinha e o Mutuca...

- Bituca.
- E o Bituca, diz que eu mandei um beijo. Tchau, hein?
- Tchau, Edgar!

Ao se afastar, você ainda ouve, satisfeito, ele dizer "Grande Edgar". Mas jura que é a última vez que fará isso. Na próxima vez que alguém lhe perguntar "Você está me reconhecendo?" não dirá nem não. Sairá correndo.

(VERISSIMO, 2001).

Na crônica, temos o seguinte fragmento:

Ou você pode dizer algo como:

– Desculpe deve ser a velhice, mas...

Quando a personagem usa a velhice como desculpa, o autor espera que o interlocutor da personagem, e também o leitor, pressuponham que um dos fatores comuns do envelhecimento é a perda da memória. Essa consideração trata-se de um conhecimento compartilhado entre a maior parte das pessoas como conhecimento de mundo.

Se precisamos preencher o texto, completando-o com nossos conhecimentos de diversos tipos (social, cultural etc.), imagine o que faria um jovem nascido em 2.100 e com 17, 18 anos, quando afloram os gostos musicais, ao deparar com a letra de música abaixo, escrita cem anos antes. Considere as dificuldades que ele teria para fazer referência a certos nomes, alusões a outras músicas e programas televisivos.

Televisão

Brasil anos 60 eles diziam
"bola pra frente não desista não não!"
Mas mataram estudantes
Proibiram o acesso as estantes
Nas ruas tantos ignorantes
A cabeça do povo murchou
Bomba de efeito retardado pertado pesado
Só agora estourou e quem lucrou? eu não!
Vou caminhando cantando e seguindo a canção
De domingo a domingo segue a culturação
Processo de alienação através da televisão
E aí Faustão! quem sabe faz ao vivo!
Motivo pra eu dar um role na área

Junto com a rapaziada
Não vou perder o domingo vendo vídeo cacetada!
Junto com a mídia na mira realidade me inspira
Sou rapper do interior nem por isso inferior
Não tenho trava na fala aliado g nunca se cala!
Conheço um cara seu sobrenome é Massa
Foi eleito deputado e não lutou pelas massas
Votou a favor do Collor traidor da nação!
Agora na televisão quer dar uma de santinho
Não vou dizer seu nome ele é patrão do Xaropinho
Rotulado como defensor do pobre
Na verdade o que interessa são os pontos no ibope
Cascalho caralho! faz o povo de otário!
Não me engano eu não sou bobo
Sou rapper da rede povo
Não queremos sua pena de sua gente não precisa
Brasileiro não tem preguiça quer oportunidade
Através do trabalho alcançar a qualidade de vida
Que é negada pra nós periferia esquecida
Desacredita? então pague pra ver
Enquanto você assiste à televisão
Vou caminhando cantando e seguindo a canção
Vem vamos embora! que esperar não é saber
Que sabe faz a hora não espera acontecer
E a Hebe que gracinha já passou dos sessentinha
Com espírito de mocinha a mim você não ilude
Apoia o Paulo Maluf que faz Singapura fartura
Faz Pitta que não apita nada!
Permite a máfia dos fiscais o povo não aguenta mais
Esse papo de "rouba mas faz"
Nem a pau nem fudendo não bebo "suave veneno"
Agora "note e anote"
Que a tv é um "leão livre" sempre pronto pro bote!
Não to andando nas nuvens mantenho os meus pés no chão!
Na minha opinião fantástico é ver a luta do MST
Sol a sol dia a dia em prol da cidadania
É o lado bom que ela não mostra
Agora tem outra novela com o nome de Terra Nostra
Mais uma bosta!
Doutor Roberto Marinho tem a receita perfeita
Um analgésico fatal áudio visual!
Vejo uma dose diária de jornal nacional
A impressão que se tem é que o mundo inteiro vai mal
Mas o Brasil tá normal sobre o controle remoto do FMI

Gente que nunca veio aqui pra saber o que é sofrer
Não imagina o que é isso mas é razão e motivo de eu ver
Criança abandonada querendo sobreviver
De pé no chão garimpando no lixão
Que é pra não morrer de fome quando acha um Danone
Olha pro céu azul agradece a deus
Disputa com o urubu
Pelo estoque vencido que veio do Carrefu
Enquanto você assiste à televisão
Vou caminhando catando e seguindo a canção
Dona Maria lava a roupa e lota a vassoura
Recupera as energia assistindo "A Usurpadora"
Já criou suas crianças
As 5 da manhã ela abre as portas da esperança
Do barraco de aluguel
Sua vida não é doce é amarga como um fel
Ficou doente faltou grana pra pagar a mensalidade
Do carnê de mercadorias do Baú da Felicidade
Cada vez mais doente fez promessa pro seu santo
O prejuízo dela é o lucro do Silvio Santos
Isso é o que eu chamo de "golpe do baú" vai tomar nogugu!
Tem o domingo legal um programinha banal
Só tá faltando aparecer cena de sexo anal
Meninas de 5 anos ralando a tcheca normal
Dá audiência aquela porra toda
O povão tá gostando então se foda!
Mas chega a segunda-feira e você cai na real
Mete a mão no bolso vê que não tem 1 real
Procura emprego e não acha alguns se entregam a cachaça
Outros não então a maioria se acomoda
E não se incomoda com a situação
Escravo da televisão e é desse jeito que eles querem
O povo na maresia e segue a dominação
Da minoria sobre a maioria
O mundo gira e gira o mundo
E só a gente leva bucha
Mas logo é domingo dia de planeta Xuxa
Eleições vem aí você decide
Se vale a pena ver denovo
Outro Fernando ou Ciro Gomes fabricado pela globo
Enquanto você assiste à televisão
Vou caminhando cantando e seguindo a canção
Com seus rostos maquiados sorrisos forçados
Programas ao vivo ou gravados

Eles são os serviçais do poder
Fazem um jogo sujo e esbanjam você
Qual o significado?
Sasha e seu quarto de 130 metros quadrados!
Hebe Camargo perguntava em seu programa
Por que todo pobre tem calcanhar rachado
Aqui vai a resposta
Por outro lado o que importa é o cascalho
1 milhão de reais por mês de salário
O que você recebe por ano eles faturam por hora
Eles são "os ricos que o meu povo adora.

(FACE DA MORTE, 1999)

Talvez a dificuldade em entender a letra de música comece pelo título. Com o desenvolvimento da tecnologia, pode ser que daqui a cem anos não exista mais televisão, como não existem mais hoje gravador, fita cassete, máquina de datilografia, disco vinil, disquete. Televisão pode não fazer mais parte das vidas no futuro. Sem esse conhecimento de mundo, o jovem leitor do futuro sentirá dificuldades na sua leitura.

As dificuldades continuam: terá ele conhecimento geral do mundo para identificar na letra de música as referências destacadas?

- *"Vou caminhando cantando e seguindo a canção"*

Referência à letra de música de Geraldo Vandré *Pra não dizer que não falei das flores*. Logo no início da letra, temos estes versos:

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção(...)

(VANDRÉ, 2000)

- *"De domingo a domingo segue a culturação
Processo de alienação através da televisão
E aí Faustão! quem sabe faz ao vivo!"*

Estes versos remetem de forma crítica ao programa televisivo que ocorre na Rede Globo de Televisão aos domingos. O jovem leitor não terá o conhecimento geral: o programa se chama *Domingão do Faustão* e o apresentador é Fausto Silva. A frase "quem sabe faz ao vivo" é o bordão sempre repetido no programa pelo apresentador.

- *"Conheço um cara seu sobrenome é Massa
Foi eleito deputado e não lutou pelas massas
Agora na televisão quer dar uma de santinho
Não vou dizer seu nome ele é patrão do xaropinho"*

Outra referência à televisão é sobre o apresentador Carlos Roberto Massa, conhecido como Ratinho. No seu programa, há um personagem que é chamado de Xaropinho.

- *"E a Hebe que gracinha já passou dos sessentinha
Com espírito de mocinha a mim você não ilude"*

Outro conhecimento que o jovem não terá é da existência da apresentadora Hebe Camargo.

- *"Do carnê de mercadorias do Baú da Felicidade
Cada vez mais doente fez promessa pro seu santo
O prejuízo dela é o lucro do Silvio Santos"*

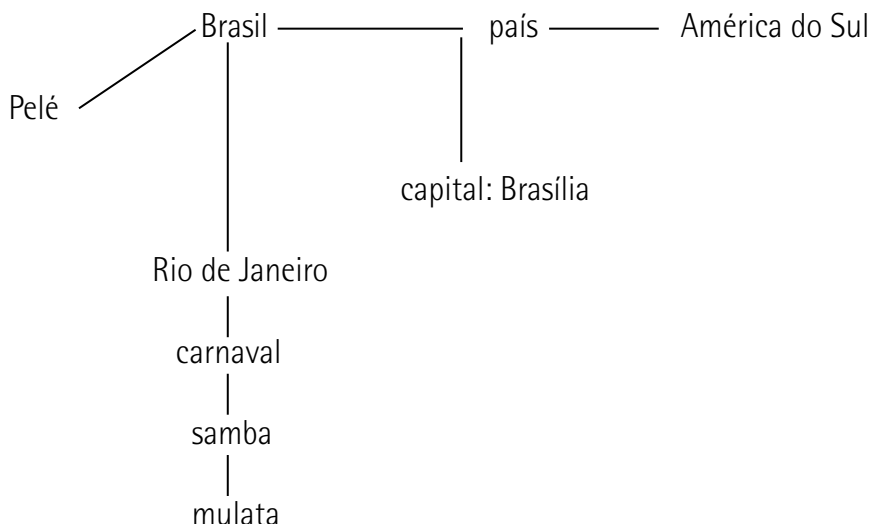
O apresentador de televisão Silvio Santos é outro referido na letra de música. O apresentador tem um sistema de loteria, cujo nome é Baú da Felicidade. Duas informações necessárias para o leitor do futuro.

Há referências a outros programas televisivos na letra de música. Assim, o leitor precisa também ter vasto conhecimento de mundo:

- conhecimento político: a repressão no país de 1954 a 1964, com repercussões até a década 1980; personalidades do quadro político: ex-prefeito Paulo Maluf, ex-presidente Fernando Collor de Mello; político Ciro Gomes;
- conhecimento econômico: a desigualdade entre os brasileiros; a dívida externa do país; a existência do FMI (Fundo Monetário Internacional);
- conhecimento cultural: concepção de televisão como algo alienante; os apresentadores de programa de auditório; os apresentadores de destaque; a existência de novela etc.

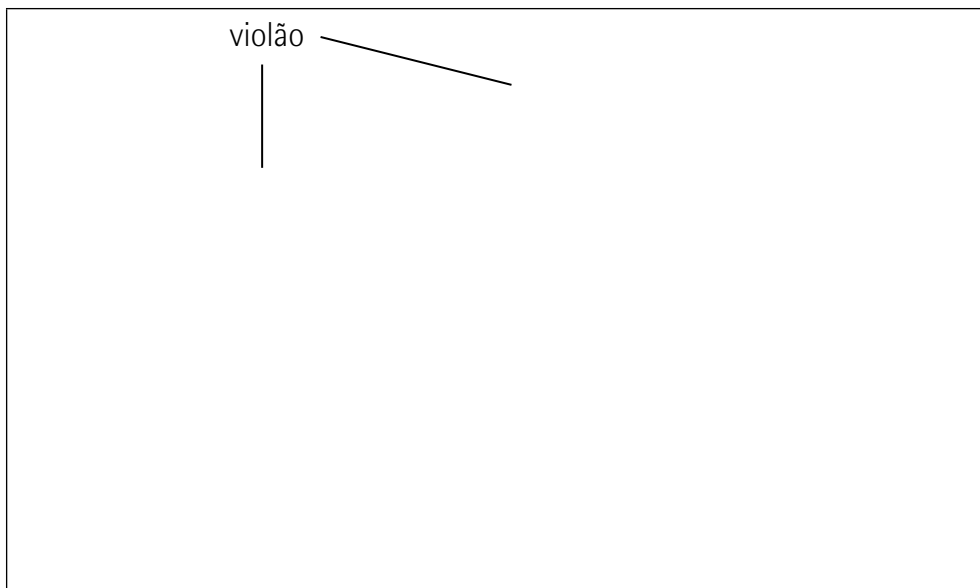
O leitor precisa ativar conhecimentos das coisas do mundo para produzir sentido com base no uso da língua constituída no texto. Koch (2004) define que os conhecimentos prévios são importantes para o processamento textual e para o estabelecimento de coerência. O conhecimento compartilhado entre os interlocutores serve para balancear o que precisa ser especificado e o que pode ficar implícito no texto, para evitar mal entendidos, impossibilidade de construção da coerência ou processamento inadequado do texto.

O conhecimento pode ser configurado como uma seriação de elementos dispostos em ordem; não uma ordem hierárquica, mas bem definida. Por exemplo, Brasil, para um estrangeiro, pode ser:



No filme *Rio*, desenho animado americano dirigido, na verdade, por um brasileiro, encontramos um conhecimento sobre o Brasil como no esquema acima, cheio de clichês (ideias repetidas, sem novidade). A história acontece no Rio de Janeiro, cidade notória internacionalmente, na época de carnaval e com cenas ocorridas tanto em floresta quanto em favela.

Faça um esquema em que mostre seu conhecimento sobre violão, sem preocupação com hierarquia nos dados informados:



Quando o conceito de violão foi acionado na memória, ativaram-se simultaneamente todas as informações ligadas a ele. Talvez você tenha relacionado a palavra violão com música, instrumento,

corda, serenata etc. Esse tipo de conhecimento é responsável por recuperar automaticamente as lacunas no texto a seguir:

- O violão de Aninha não estava afinado: as cordas estavam enferrujadas.

Entre o primeiro enunciado (O violão de Aninha não estava afinado) e o segundo (as cordas estavam enferrujadas), há uma lacuna em que inserimos automaticamente: um violão tem cordas. Garantimos, assim, a coerência entre um e outro.

Observamos o enunciado a seguir:

- Minha casa foi assaltada. Estou pensando em comprar um porquinho-da-índia.

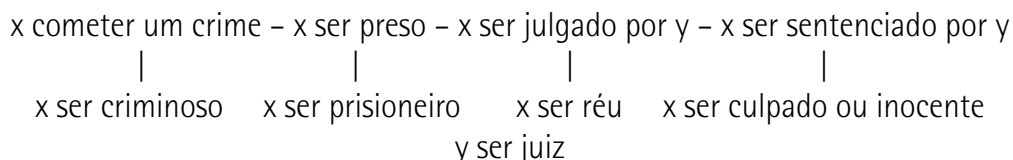
Fica difícil estabelecer uma relação lógica no texto, uma vez que porquinho-da-índia não inclui expectativas que poderiam se relacionar às expectativas acionadas pela primeira sentença. Entenderíamos o texto se ele fosse completado por cachorro. Afinal, a sequência de um assalto a nossa casa pode ensejar a compra de um cachorro para proteger a casa de futuros assaltos. Não esperamos como sequência a um assalto a compra de um porquinho-da-índia, bicho pequenino, um pouco maior que um rato, para servir de proteção. Veremos outra situação:

- João matou Maria. Amanhã vou visitar João na cadeia.

Todos conseguem compreender essas duas sentenças como um texto, vendo-as como relacionadas e não como duas frases isoladas. Quando encontramos a situação "X matar Y" ativamos imediatamente na nossa memória uma série de outros conhecimentos ligados a essa situação:

- assassinatos são crimes, proibidos por lei;
- as transgressões à lei são passíveis de punição;
- uma das formas de punição é colocar o infrator na cadeia.

Baseados nesses conhecimentos, relacionamos as frases acima, porque a prisão do assassino é uma consequência desse tipo de evento. Diante de uma narrativa, sequências de eventos são ativados. Um esquema para crime em relação à sucessão de eventos pode ser:



Com base nesse tipo de conhecimento, inferimos que João está na cadeia porque matou Maria.

Marcuschi (apud DELL'ISOLA, 2001) propõe uma classificação da inferência em três grandes grupos para dar conta dos processos seguidos na organização de compreensão, interpretação, paráfrase etc. de todo e qualquer tipo de texto.

Quadro 21 – Esquema geral das inferências

(A) INFERÊNCIAS LÓGICAS

- dedutivas
 - indutivas
 - condicionais
- { baseadas sobretudo nas relações lógicas e submetidas aos valores-verdade na relação entre as proposições

(B) INFERÊNCIAS ANALÓGICO-SEMÂNTICAS

- por identificação referencial
 - por generalização
 - por associações
 - por analogia
 - por composições ou decomposições
- { baseadas sempre nas palavras explícitas textuais e no conhecimento de itens lexicais e relações semânticas

(C) INFERÊNCIAS PRAGMÁTICO-CULTURAIS

- conversacionais
 - experienciais
 - avaliativas
 - cognitivo-culturais
- { baseadas nos conhecimentos, experiências, crenças, ideologias e axiologias individuais

As inferências lógicas ocorrem frequentemente em situações do dia a dia, quando chegamos a uma conclusão menos geral com base em enunciado mais geral. Exemplo:

- A lei assegura a toda criança na faixa etária de 7 a 14 anos o direito de frequentar a escola.
Maria tem 10 anos de idade. Portanto, Maria tem direito de frequentar a escola.

A inferência indutiva, por sua vez, parte do registro de fatos singulares ou menos gerais para chegar à conclusão. Por exemplo:

- Numa cidade, feitas as verificações em diversos bairros, constatou-se a existência de muitos focos de barbeiros, transmissores da doença de Chagas.

No caso da inferência condicional, é gerada de enunciado hipotético. Por exemplo:

- Se riscarmos um fósforo, em perfeitas condições, o fogo se acenderá.

As inferências analógico-semânticas são feitas por meio de palavras que remetem a outras no texto.

Exemplo:

- Carlos resolveu bater no cachorro.

Ele fez isso à noite.

O pronome "ele" remete ao nome Carlos e o pronome "isso", à ação de bater no cachorro. Nós inferimos que tais pronomes se referem a itens da frase anterior.

Podemos, também, fazer inferência por generalização, atribuindo propriedades, características ou qualidades comuns a partir de alguns casos observados. Por associações, a pessoa relaciona um fato a outro em uma série de acontecimentos.

- João tomou Aspirina e curou-se da gripe persistente. Aspirina corta gripe persistente.

Nesse exemplo acima, encontramos uma associação provável.

Outra inferência pode ocorrer por analogia, gerada com base em uma comparação em que a pessoa verifica uma série de formas e transfere as propriedades de um sistema para outro sistema. Por exemplo:

- Um médico realiza alguns experimentos com babuínos para determinar os efeitos de uma nova substância sobre o organismo humano. Conclui que a substância ministrada aos babuínos provoca o aparecimento de alguns efeitos secundários indesejáveis.

O leitor pode inferir que, sendo babuínos e humanos semelhantes do ponto de vista fisiológico, a nova substância acarretará o aparecimento, no homem, de efeitos secundários indesejáveis.

As inferências por composição ou decomposição são geradas das partes do discurso para a sua totalidade – composição – ou do todo para as partes (decomposição), como no exemplo:

- A mãe vestiu o bebê.

As roupas eram feitas de lã.

Inferimos que o termo "roupas" é igual a roupas com que a mãe vestiu o bebê, quando lemos "vestiu". "Roupas" é representado como parte da decomposição "vestiu".

Por fim, as inferências pragmático-culturais são as mais presentes na leitura de textos. Estão relacionadas com os conhecimentos pessoais, crenças e ideologia dos indivíduos. Entre essas inferências, há as inferências conversacionais, que ocorrem nas manifestações orais. A conversação está cercada de fatores extralinguísticos que interferem na geração de inferências pelo ouvinte. As expressões da face, o olhar, a postura, o movimento das mãos, as entonações são exemplos de interferência extralinguística.

As inferências experienciais ocorrem com base nas experiências da pessoa. Quando leio ou ouço:

- A polícia está ali!

A polícia não costuma estar no pátio da universidade e saio para ver. Crio uma expectativa sobre o motivo de a polícia estar no local. Do ponto de vista da minha experiência, eu tenho um esquema:

... polícia por perto – há alguma coisa a mais do que uma simples festa...

Polícia ----- ordem ou segurança públicas

|
Órgão auxiliar da Justiça
Prevenir ou descobrir crimes
Fazer respeitar e cumprir a lei

As inferências avaliativas são próprias do julgamento do leitor/ouvinte. O assunto "nudez", por exemplo, pode ser avaliado de formas completamente diferentes, desde a total aceitação como uma manifestação de beleza (o nu artístico), até o extremo oposto, como escândalo, agressão à moral e aos bons costumes (o nu pornográfico).

As inferências cognitivo-culturais ocorrem pela interferência da cultura do indivíduo: sua linguagem, seus valores, seus costumes, instituições que cria, maneira de viver e de ver a vida.

O quadro de inferência proposto por Marcuschi fundamenta-se, enfim, em um determinado contexto.

Exemplo de aplicação

Qual é a importância da inferência com vistas à compreensão do texto? Divido o texto a ser lido para o exercício consciente de inferência. Após, o texto encontra-se em sua totalidade.

1ª parte:

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e, tendo ao lado, uma bela piscina.

Perguntas inferenciais:

- Onde fica a Lagoa Rodrigo de Freitas?
- Como você imagina que seja a região onde está a residência?
- Como é uma esplêndida residência? Como são as pessoas que moram nela?

2ª parte:

Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem.

Perguntas inferenciais:

- Como são "barracos grotescos"? Por que eles "se alastravam" pela encosta do morro?
- Por que é "pena" existir uma favela por perto?
- Como você acha que devem ser as pessoas que moram na favela?

3ª parte:

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d' água na cabeça. De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Perguntas inferenciais:

- Por que as mulheres e as crianças ficavam olhando em direção à casa?
- O que elas pensavam?

4ª parte:

Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim-tônica no terraço, e a mulher, um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Perguntas inferenciais:

- Naquela manhã de sábado quem tomava gim tônico no terraço?
- Quem era ele?
- Como estava a mulher?
- Quem observava pelo portão entreaberto? Quem você acha que era? O que queria? Para que estava ali?

5ª parte:

Era um ser encardido, cujos trapos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina.

Perguntas inferenciais:

- As duas mulheres se olharam separadas pela piscina. Evidencie as diferenças entre a dona da casa e a mulher da favela quanto:
 - à habitação
 - ao vestuário
 - à postura física
 - à ocupação na manhã de sábado
- O que vai acontecer agora?

6ª parte:

De súbito pareceu à dona de casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergue-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente:

Perguntas inferenciais:

- Por que a mulher dona da casa sentiu terror com a aproximação da outra mulher?
- O que a dona da casa pensou?
- Para que a mulher da favela entrou na residência? O que de fato ela queria entrando pelo portão?

7ª parte:

já atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco sumia-se pelo portão.

Perguntas inferenciais:

- Por que a mulher da favela decidiu encher a lata na piscina, em vez de buscar água no local de costume?
- De que forma a invasora colheu a água da piscina?
- Por que o olhar em desafio?
- Qual era o combate? O que se pretendia defender? Qual o objeto de combate?
- O que vai acontecer agora? O que os donos da casa vão fazer?

8ª parte:

Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda acena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate.

Perguntas inferenciais:

- Quem eram os combatentes?
- Qual o objeto do combate?
- Que combate era esse?
- O que significa *fascinado* neste contexto?

9ª parte:

Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

Perguntas inferenciais:

- Por que o dono vendeu a casa?
- Se você fosse o dono da casa e esse fato tivesse acontecido com você, você venderia a casa? Por quê?
- Qual seria sua reação? Que providências você tomaria?

A seguir a crônica de Fernando Sabino em sua integridade:

Piscina

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e, tendo ao lado, uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d'água na cabeça. De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim-tônica no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos trapos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina.

De súbito pareceu à dona de casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergue-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco sumia-se pelo portão.

Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda acena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate.

Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

(SABINO, 1976).

Comentário: Nós captamos uma ou várias informações dadas pelo texto, reconhecendo as expressões e os recursos da língua utilizados, de acordo com a noção que possuímos dessas informações. Apenas para exemplificar sobre as possíveis inferências, vamos recuperar a segunda parte do texto:

Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem.

Dependendo do conhecimento experiencial adquirido no meio social e cultural, a segunda parte destacada da crônica, em especial à pergunta "Como são barracos grotescos?", pode ser inferida como:

- feitos de papelão; pequenos; pobres; um quartinho só; quarto, sala e cozinha em um cômodo só; sujos e sem fundos; casas que são feitas de pedaços de madeira; dorme todo mundo amontado etc.
- favela é onde moro, um lugar cheio de barracos e becos; morro só não tem asfalto, porque tem luz, água, posto médico, posto policial etc.

São dois pontos de vista. Na primeira inferência, trata-se do ponto de vista de quem é exterior à favela e nela são inferidos fragilidade, espaço e pobreza. Na segunda, o ponto de vista é de quem mora na favela e pode, como no exemplo, associar pobreza a um certo conforto.

Caro aluno, faça uma comparação entre suas inferências com as dos colegas para verificar os diferentes pontos de vista.

Além do conhecimento de mundo, temos também o conhecimento interacional, que compreende dimensão interpessoal da linguagem, ou seja, com a realização de certas ações por meio da linguagem. Conforme Koch e Elias (2009), divide-se em:

- conhecimento ilocucional: meios diretos e indiretos para atingir um objetivo;
- conhecimento comunicacional: meios adequados para atingir os objetivos desejados;
- conhecimento metacomunicativo: meios de prevenir e evitar distúrbios na comunicação – atenuação, paráfrases, parênteses de esclarecimento etc.;
- conhecimento superestrutural: modelos textuais globais que permitem aos usuários reconhecer um texto como pertencente a determinado gênero ou certos esquemas cognitivos.

Com base no conhecimento interacional, o produtor do texto configura na escrita sua intenção e dá ao leitor possibilidade de este reconhecer o objetivo ou propósito pretendido, como no exemplo dado por Koch e Elias (2009):

Vó Doca
(Minha avó)

Vó é coisa pra sempre...
Fiz essa poesia em homenagem a uma das minhas avós
Que já se foi... espero que gostem

Minha avó
Com beleza e vontade,
Recebia visitas,
Tinha muitas amigas!

O início do poema acima é suficiente para sinalizar o propósito do texto: homenagear a uma avó muito querida e o autor espera também que os leitores apreciem-na.

O autor determina também a quantidade de informação necessária para o leitor ser capaz de reconstruir o objetivo do texto. Exemplo de texto:



Figura 12



Lembrete

Um dos fatores de textualidade é justamente a aceitabilidade. O autor precisa apresentar informações, argumentos etc. que levam o leitor a aceitar o texto.

No que diz respeito às placas, elas devem conter informações breves, rápidas, considerando que os leitores – os motoristas – não dispõem de muito tempo de leitura por estarem dirigindo.

Outro conhecimento interacional relaciona-se com o autor assegurar a compreensão do texto por parte do leitor. Para isso, o autor utiliza vários tipos de recursos linguísticos por meio do uso de sinais de articulação ou apoios textuais, tal como o uso de parênteses para inserir uma explicação. Outros recursos possíveis são: negrito, grifo de palavras, caixa alta. Um exemplo foi publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 7 de agosto de 2008:

Como transformar um vegetal insípido, sem personalidade, coadjuvante da canja e da salada (e que além disso tem cor de comida de hospital) em receitas tão saborosas e tão deliciosas que nem parecem feitas com um ingrediente sem graça, pouco apetitoso e quase irrelevante (cujo nome não tivemos a coragem de escrever na capa do caderno) .

O texto fala do chuchu, vegetal considerado sem graça, e na publicação original as palavras insípido, coadjuvante, sem graça, irrelevante estão na cor verde. Além disso, há uso de parênteses para comentários.

Por fim, outro aspecto do conhecimento interacional é identificar a qual tipo e gênero faz parte o texto. No exemplo abaixo, temos um texto que é um anúncio publicitário:

O vizinho

- Essa pessoa que adora ouvir música alta à noite, mas reclama de qualquer barulhinho.
- Esse sujeito que só usa martelo e furadeira quando você precisa dormir.
- Esse amigo que conversa com você tentando ver o que tem dentro da sua casa.
- Esse cavalheiro que se mantém bem-informado lendo o seu jornal e empresta a sua vaga na garagem para as visitas dele.
- Esse ser humano que, além de tudo, vive espalhando por aí que tem um péssimo vizinho: você.

Já tem muita gente tentando tirar o sabor da sua vida. Por isso, só tiramos as calorias.

Caloria de menos BRAHMA LIGHT gostosa demais

(VEJA. 22 out. 2003).

Verificamos que se trata de um anúncio no final do texto ao ver enunciada uma marca de cerveja. O texto discorre sobre como pode ser um vizinho, dando possíveis características e no final as características passam a se do produto anunciado. Assim, aparentemente, trata de um texto do tipo descritivo. No entanto, a descrição é usada como recurso para convencer o leitor a consumir/comprar o produto; consequentemente, o tipo de texto do anúncio – na verdade, de qualquer anúncio publicitário – é o injuntivo, levar o leitor a fazer algo, no caso, a comprar um produto.

Tendo em vista as reflexões, concluímos que é fundamental para a eficácia da comunicação o autor avaliar o conhecimento prévio do seu provável leitor e construir um texto que não demande inferências que o leitor é incapaz de elaborar.

Exemplo de aplicação

Indique a(s) inferência(s) principal(is) ocorridas durante a leitura do anúncio abaixo:

O vizinho

- Essa pessoa que adora ouvir música alta à noite, mas reclama de qualquer barulhinho.
- Esse sujeito que só usa martelo e furadeira quando você precisa dormir.
- Esse amigo que conversa com você tentando ver o que tem dentro da sua casa.
- Esse cavalheiro que se mantém bem-informado lendo o seu jornal e empresta a sua vaga na garagem para as visitas dele.
- Esse ser humano que, além de tudo, vive espalhando por aí que tem um péssimo vizinho: você.

Já tem muita gente tentando tirar o sabor da sua vida. Por isso, só tiramos as calorias.

Caloria de menos BRAHMA LIGHT gostosa demais

(VEJA. 22 out. 2003).

Comentário: No anúncio, temos uma interessante ocorrência de inferência, em que o leitor precisa relacionar os termos "pessoa, sujeito, amigo, cavalheiro, ser humano" ao termo do título "vizinho". Outra inferência interessante é "Já tem muita gente tentando tirar o sabor da sua vida. Por isso, só

tiramos as calorias." A expressão "tirar o sabor" precisa ser relacionada com as atitudes dos vizinhos caracterizadas no texto, e a expressão "tiramos as calorias" relaciona-se com o produto anunciado; há um deslocamento de sentido: da vida sem sabor do leitor (por causa do vizinho) para o produto que trará ao leitor justamente o que este perdeu, o sabor.



Resumo

Nesta unidade, tratamos da relação entre texto e contexto. Este pode transformar uma simples letra em um texto, tal como a letra M na porta de um banheiro. Nesse caso, a letra adquire um sentido específico e para o texto ser entendido o leitor precisa ter determinados conhecimentos, sendo eles:

- conhecimento linguístico: no caso, a letra faz parte da língua portuguesa;
- conhecimento de mundo: pela experiência cultural, sabemos que em lugar específico – em porta localizada em ambiente público, como restaurante – a letra M representa "mulher"; assim, é indicadora de banheiro feminino;
- conhecimento interacional: um dos aspectos da comunicação é fornecer quantidade de informação necessária. A letra M é suficiente, então, para o usuário do restaurante identificar qual banheiro usar.



Exercícios

1. Considere a charge do Angeli, o poema de Manuel Bandeira e as afirmações que seguem.



Figura 13

O bicho
Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(BANDEIRA, 1993).

- I. A charge critica o problema da fome no Brasil, assim como o poema, mas aponta o lado positivo da modernização, como se pode ver no título: Brasil e a revolução digital.
- II. Os números que aparecem sobre os personagens na charge são meramente ilustrativos, sem significado, já que a fome não pode ser quantificada.
- III. Em ambos os textos, os autores evidenciam que a fome compromete a dignidade humana.

Está correto somente o que se afirma em:

- A) I.
- B) II.
- C) III.
- D) I e III.
- E) II e III.

Resposta: C

Análise das afirmativas.

- I. Afirmativa falsa.

Justificativa. A charge expõe a miséria de parte da população, mostrando que resolver o problema da fome é mais urgente e mais importante do que a "inclusão digital". Não há qualquer referência aos aspectos positivos da revolução digital.

II. Afirmativa falsa.

Justificativa. Os números fazem referência à classificação usada em equipamentos tecnológicos e aparecem na charge "classificando" a fome de cada personagem. São, portanto, utilizados de forma irônica pelo autor e não são meramente ilustrativos.

III. Afirmativa verdadeira.

Justificativa. A charge e o poema denunciam o problema da fome que aflige parte da população e faz com que as pessoas percam sua dignidade, tendo que procurar comida no lixo ou pedir esmolas.

2. Leia a charge abaixo e considere as afirmações a seguir.



Figura 14

I. A pergunta de Helga, no primeiro quadrinho, revela que ela quer pedir o divórcio.

II. O humor da tira se constrói a partir da possibilidade de Helga ter se casado por duas vezes.

III. A pergunta de Eddie Sortudo, no segundo quadrinho, evidencia a ideia de que Hagar é um bom marido.

IV. A graça da tira está no fato de Eddie Sortudo partir da pressuposição de que Helga não estivesse se referindo a Hagar, seu único marido.

Levando-se em conta os aspectos textuais e visuais da tirinha, está correto apenas o que se afirma em:

A) I.

B) II e III.

C) IV.

D) III e IV.

E) III.

Resolução deste exercício na plataforma